

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE
LINHA DE PESQUISA: TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

RUY ROSSI PELINI

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA O ORÇAMENTO FAMILIAR NO
CÂMPUS DA UTFPR: INSTRUMENTO DE GESTÃO PESSOAL**

DISSERTAÇÃO

CURITIBA

2016

RUY ROSSI PELINI

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA O ORÇAMENTO FAMILIAR NO
CÂMPUS DA UTFPR: INSTRUMENTO DE GESTÃO PESSOAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Tecnologia do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Linha de Pesquisa: Tecnologia e Desenvolvimento.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maclovia Corrêa da Silva.

CURITIBA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

P384e Pelini, Ruy Rossi
2016 Educação financeira para o orçamento familiar no câmpus da UTFPR : : instrumento de gestão pessoal / Ruy Rossi Pelini.-- 2016.
110 p.: il.; 30 cm.

Disponível também via World Wide Web.
Texto em português, com resumo em inglês.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade. Área de Concentração: Tecnologia e Sociedade, Curitiba, 2016.
Bibliografia: p. 106-108.

1. Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Curitiba (PR) - Estudo de casos. 2. Educação financeira. 3. Orçamento familiar. 4. Finanças pessoais. 5. Administração financeira. 6. Qualidade de vida. 7. Pesquisa qualitativa. 8. Tecnologia - Dissertações. I. Silva, Maclovía Corrêa da, orient. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade. III. Título.

CDD: Ed. 22 - 600



TERMO DE APROVAÇÃO

Título da Dissertação Nº 474

**Educação financeira para o orçamento familiar no Câmpus da UTFPR: Instrumento de
gestão pessoal**

por

Ruy Rossi Pelini

Esta dissertação foi apresentada às 10h00 do dia **16 de dezembro de 2016** como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM TECNOLOGIA, Área de Concentração – Tecnologia e Sociedade, Linha de Pesquisa – Tecnologia e Desenvolvimento, Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO (aprovado, aprovado com restrições, ou reprovado).

Prof. Dr. Nestor Cortez Saavedra Filho
(UTFPR)

Prof. Dr. Miraldo Matuichuk
(URFPR)

Prof. Dr. Dalcio Reis
(UP)

Prof. Dr. Maclovio Correa da Silva
(UTFPR)
Orientador

Visto da coordenação:

Prof^a. Dr^a. Nanci Stancki da Luz
Coordenadora do PPGTE

O documento original encontra-se arquivado na Secretaria do PPGTE.



AGRADECIMENTOS

À UTFPR, ao PPGTE e a todos os docentes pela oportunidade de aprendizado.

Agradeço a Deus por colocar pessoas queridas ao meu lado no percurso das disciplinas e da escrita do trabalho;

À Maclovia Correa da Silva, incansável orientadora;

À Krystiane Maria Lanziani Bergamo, escudeira colega da CAIXA;

À Célia Regina Loureiro Bottas, amada esposa;

Ao Mauricio e ao Marcelo Bottas Pelini, filhões queridos, meus
agradecimentos.

“Quando escrito em chinês a palavra crise compõe-se de dois caracteres: um representa perigo e o outro representa oportunidade”.

John Fitzgerald Kennedy

RESUMO

PELINI, Ruy Rossi. **Educação financeira para o orçamento familiar no câmpus da UTFPR**: instrumento de gestão pessoal. 110 f. 2016. Dissertação. (Mestrado em Tecnologia) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

Este texto dissertativo trata do tema da educação financeira no Brasil. Por se considerá-la um processo de aquisição conceitual, com objetivos e princípios, ela necessita de comprometimento de práticas regulares para organizar receitas, despesas e investimentos. Dentre elas está o orçamento familiar, uma ferramenta de gerenciamento que se desdobra em outras práticas, as quais podem ou não exigir meios como o papel, o lápis, borracha, caneta, planilhas e programas informatizados. Neste universo acrescentam-se outros fatores como a questão cultural das crenças, da busca pela felicidade, da certeza, das perdas, dos ganhos, das fantasias e da racionalidade. Com a industrialização e as técnicas de venda, o mundo transformou as pessoas em consumidoras de tecnologia e de ciência. Produtos como o automóvel e o telefone celular com múltiplas funções são objetos de desejo que interferem na rotina das pessoas. Dada a crescente necessidade de tomar decisões de curto, médio e longo prazo para as finanças pessoais, esta dissertação teve como objetivo analisar ações de educação financeira organizadas na forma de oficinas que compreendessem diferentes maneiras de gerir as finanças pessoais. A delimitação espacial foi o espaço escolar (Escola Terra Firme) e o acadêmico (Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR – câmpus Curitiba) durante os anos de 2015 e 2016, onde foram realizadas oficinas de educação financeira. A metodologia foi de natureza qualitativa, com aplicação de questionário e entrevistas informais. Primou-se pela ideia de processo de apropriação de significados e princípios que faz parte do conceito de educação financeira como o orçamento, a aquisição de produtos financeiros (seguros, aposentadoria), riscos, bem estar financeiro, relações que se estabelecem nos atos de consumir, imparcialidade em julgamentos, eficiência, e consciência do futuro. Os resultados apontam que a organização das finanças pessoais depende de atitudes e comportamentos que provêm da racionalidade e das emoções. O dinheiro é um meio de realizar transações que necessita ser administrado, e por isso as pessoas precisam de conhecimentos e princípios básicos para a gestão dos recursos. A conclusão do trabalho mostra, considerando os diferentes perfis de comportamento financeiro, é importante adicionar aos saberes e conhecimentos, em especial do público que atua em instituições de ensino, orientações para manter as receitas maiores que as despesas e assim poder planejar um futuro com mais qualidade de vida.

Palavras-chave: Educação Financeira; Orçamento Familiar; UTFPR; Planejamento financeiro.

ABSTRACT

PELINI, Ruy Rossi. **Financial education for family budget at UTFPR, Curitiba campus: personal management tool.** 110 p. 2016. Thesis. (Masters in Technology) - Graduate Program in Technology, Federal University of Technology – Paraná. Curitiba, 2016.

This text handles the subject of the financial education in Brazil. Considered as a process of conceptual acquisition, with objectives and principles, it needs the commitment of regular practices to organize revenues, expenses and investments. Among them is the family budget, a management tool which branches into other practices that can require or not means like paper, pencil, eraser, pen, spreadsheets and computer programs. Other factors like the cultural issue of beliefs, the search of happiness, the certainty, the losses, the gains, the fantasies and the rationality were important to this universe. With industrialization and the new sales techniques, the world changed people into consumers of technology and science. Products like the automobile and the cell phone, with its multiple functions are objects of desire that interfere with people routine. Due the increasing necessity of taking short, middle and long-term decisions for personal finances, the objective of this dissertation was to analyze the actions of financial education organized in workshops that sought to comprehend different ways to manage the personal finances. The spatial delimitation was the school (Terra Firme School) and the academic (Federal University of Technology - Paraná – UTFPR Campus Curitiba) area, where happened financial education's workshops during 2015 and 2016. The methodology was of qualitative nature, with the application of questionnaires and informal interviews. The dissertation distinguished itself by the idea of appropriation process of meanings and principles that is part of a financial education concept like estimate, the acquisition of financial products (insurances, retirement), risks, financial wellbeing, relations established on consumption acts, impartiality on judgements, efficiency and consciousness about the future. The findings highlight that the organization of personal finances depends on the attitudes and behavior, which originate from rationality and emotions. The money is a way of realizing transactions that needs to be administrated, and that is the reason why people needs knowledge and basic principles to the management of resources. The conclusion shows that, considering the different financial behavior profiles, it is important to add to the knowledge, especially to the public of education institutes, orientations to keep the gains bigger than the losses and this way to be able to plan the future with more life quality

Keywords: Financial Education. Family Budget. UTFPR. Financial Planning.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Procedimentos da pesquisa-ação.....	19
Quadro 2 - Curso a distância de “Educação Financeira – Gestão de Finanças Pessoais”	55
Quadro 3 - Consumidor consumista e consumidor consciente.....	58
Quadro 4 - Reserva para a aposentadoria em 30 anos.....	62
Quadro 5 - Manifestações dos participantes sobre planejamento financeiro e dinheiro - 2015	69
Quadro 6 - modelo de agrupamento de receitas e despesas.....	71
Quadro 7 - Palavras-chave da segunda oficina DIDEF-UTFPR.....	72
Quadro 8 - Comparativo entre preços e pagamento de juros em uma compra	73
Quadro 9 - Relação das despesas informadas.....	80
Quadro 10 - Classificação de diferenças na organização mental de sonhos e projetos	82
Quadro 11– Palavras-chave sobre orçamento familiar (DIDEF-UTFPR)	84
Quadro 12 - Etapas do orçamento familiar	86
Quadro 13 - – Palavras-chave da oficina DIDEF-UTFPR.....	87

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.3 DELIMITAÇÃO DO TEMA	14
1.4 OBJETIVOS.....	14
1.6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	18
1.6.1 Oficinas no formato de aulas	23
1.7 ESTRUTURA DO TRABALHO	27
CAPÍTULO 2	28
MARCO TEÓRICO.....	28
2.1 CIÊNCIA, TECNOLOGIA E CONSUMO.....	28
2.2 INDÚSTRIA, TECNOLOGIA E CONSUMO	32
2.3 ADMINISTRAÇÃO DO CONSUMO E DO CONSUMISMO	37
2.4 POBRE CONSUMIDOR INDEFESO	39
2.5 EDUCAR-SE PARA CONSUMIR	42
2.6 EDUCAÇÃO FINANCEIRA E ORÇAMENTO FAMILIAR	45
CAPÍTULO 3	50
AÇÕES DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA.....	50
3.1 ORGANIZAÇÃO DE OFICINAS E CURSOS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO - METODOLOGIAS E RESULTADOS	50
3.1.2 Resultados das oficinas - poupança e investimento.....	55
3.2 AÇÕES E CONCEITOS	64
3.2.1 O que é educação financeira para as organizações e para os participantes?	65
3.2.2 Como organizar as receitas e despesas?.....	70
3.2.3 Práticas do orçamento familiar.....	74
3.2.4 Quais são as atitudes e comportamentos mais compatíveis com os princípios da educação financeira?.....	85
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS.....	92
APÊNDICES.....	97
APÊNDICE 1 - PROPOSTA DAS OFICINAS CONFORME FORMULÁRIO DA DIVISÃO DE DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS (DIDEP-UTFPR) ENCONTRADO NO SITE INSTITUCIONAL (WWW.UTFPR.EDU.BR).....	97
APÊNDICE 2 – OFICINA DE PLANEJAMENTO TRIBUTÁRIO: BENEFÍCIOS DA PREVIDÊNCIA PRIVADA NO IMPOSTO DE RENDA PESSOA FÍSICA (IRPF)	99

ANEXOS	101
ANEXO 1 - CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA - EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA ESCOLA E PARA A VIDA	101
ANEXO 2 – TELAS SOBRE A DIVULGAÇÃO DO CURSO ON-LINE DA ESCOLA SUPERIOR DE ADMINISTRAÇÃO FAZENDÁRIA NA UTFPR	109

1 INTRODUÇÃO

O grau de endividamento e o descontrole financeiro são pontos relevantes para se pensar na necessidade de propostas educacionais nas escolas e universidades. A educação financeira é uma forma de percepção renovada de ler e atuar sobre a realidade das receitas e despesas. Destaca-se que, na presente pesquisa, concepções específicas dessa educação que podem ser encontradas no pensamento de estudiosos. Entende-se que a educação financeira são saberes e conhecimentos de opções de investimentos, consumo, planejamento, disciplina individual e coletiva acopladas ao entendimento numérico e à compreensão de conceitos como inflação, juros, e tributação. Ela pode ser compreendida um modelo instrumental para a tomada de decisões financeiras (LUSARDI, 2009).

Dentre os desdobramentos da educação financeira está o item do planejamento, que significa consumir com qualidade e a pessoa sentir-se realizada com o uso pessoal de seus recursos (CERBAZZI, 2003). Conhecimentos de princípios básicos para facilitar a gestão financeira e alcançar qualidade de vida podem incrementar hábitos de controlar, poupar, investir e fazer escolhas que mantenham a saúde financeira da família ou do indivíduo (BRITO, et al., 2012).

Os livros publicados por professores, consultores e jornalistas¹ ressaltam a necessidade de busca pela independência financeira por meio de métodos,

¹ Ver SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. Paradigmas da educação financeira no Brasil. Disponível em: <<http://w.scielo.br/pdf/rap/v41n6/06.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2016. HOLZMANN, R.; MIRALLES, M. P. *The role, limits of, and alternatives to financial education in support of retirement saving in the OECD, Eastern Europe and beyond*. The World Bank. Oct. 2005. Disponível em: <http://info.worldbank.org/etools/library/view_p.asp?205715>. Acesso em: 15 set. 2016. LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. *Financial literacy and retirement preparedness: evidence and implications for Financial Education Programs*. Pension Research Council Working Paper. Jan. 2007. MANDELL, L. *Financial literacy: Does it matter?* New York: University at Buffalo, Apr. 2005. BRAUNSTEIN, Sandra; WELCH, Carolyn. *Financial literacy: an overview of practice, research, and policy*. Disponível em: <<http://www.federalreserve.gov/pubs/bulletin/2002/1102lead.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2016. HELMAN, Ruth; PALADINO, Variny. *Will Americans Ever Become Savers?* The 14th Retirement Confidence Survey, 2004. EBRI Issue Brief, n. 268, April 2004. Disponível em: <<http://ssrn.com/abstract=536242>>. Acesso em: 15 set. 2016. PUNHAGUI, Bruno Chimentão; VIEIRA, Saulo Fabiano Amâncio. Educação Financeira e Decisões de Consumo: Um estudo de caso no Instituto Agrônomo do Paraná. Disponível em:

instrumentos propostos de modo que as pessoas saibam lidar com poupança, riscos, imprevistos, dívidas, juros e investimentos. A pessoa precisa unir o presente ao futuro, e projetar como ela alcançará esta “sonhada” independência. Observa-se a relevância da disciplina metodológica para poder usufruir dos benefícios de finanças administradas.

Por exemplo, o controle dos excessos de consumo pode incorrer em reservas de pequenas parcelas de dinheiro que serão enquadradas em um planejamento. Existe uma série de estratégias financeiras para obter melhores rendimentos para o dinheiro. Neste momento, a pessoa precisa de informações sobre tipos de investimentos de modo a adequar ao seu perfil e necessidades, reduzindo riscos.

Flores et al. (2013) estudaram finanças, investimentos e retornos a partir de pesquisas e verificaram que esta investigação interage com as demais ciências, como a psicologia com Daniel Kahneman e Amos Tversky (1979). Os estudos tradicionais, restritos aos aspectos econômicos, expandiram para as finanças comportamentais. As decisões dependem da conduta e do comportamento da pessoa desejosa de trabalhar com seus ganhos, de suas preferências, do seu ambiente, fatores sociais, cognitivos, emocionais e demais circunstâncias.

Sandra Braunstein e Carolyn Welch (2016) advertem que a ineficiência da gestão do dinheiro pode resultar em comportamentos que tornam os consumidores vulneráveis diante de crises econômicas e financeiras nacionais e internacionais. Mauro Halfeld (2001), engenheiro civil e professor, no seu livro “Investimento: como administrar melhor seu dinheiro” acredita que as pessoas negligenciam a aposentadoria, que ele coloca como um período da vida que apresenta muitos desafios porque há uma redução nos ganhos e por vezes demanda ajustes no padrão de vida.

Halfeld (2001), ao citar uma das frases do presidente americano John F. Kennedy² no concerne às finanças, pode reforçar o papel da necessidade da

<<http://sistema.semead.com.br/16semead/resultado/trabalhosPDF/1014.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2016. FINANCIAL EDUCATION AND SAVING FOR RETIREMENT. Disponível em: <<http://www.oecd.org/finance/private-pensions/39197801.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2016.

² Disponível em: <<http://defendaseudinheiro.com.br/frases-e-pensamentos-parte-8>> e <<https://www.jfklibrary.org/JFK/Historic-Speeches.aspx>>.

educação financeira na vida pessoal: “A sociedade produziu uma revolução na medicina e aumento a vida do homem, mas ela não foi capaz de criar uma revolução financeira que a sustentasse com dignidade”.

Esta perspectiva das variáveis associadas à educação financeira e às finanças em geral intrigou o pesquisador, no papel de gerente de agência bancária sediada na UTFPR, o qual acompanha a situação financeira dos clientes. Disto decorre a necessidade de se observar qual seria o papel do orçamento familiar enquanto ferramenta para planejar as atividades de trabalho, de lazer, tanto no presente quanto a aposentadoria para o futuro.

A Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), na sua meta de ofertar educação profissional e tecnológica com excelência - cursos técnicos de nível médio, cursos superiores de tecnologia, engenharias, bacharelados, licenciaturas, e cursos de pós-graduação -, tem colaborado para aumentar a formação de profissionais preparados para atender o crescimento dos setores de comércio, indústria e serviços nacionais. É uma das instituições federais que congrega treze campi, distribuídos pelos quase 200.000 quilômetros quadrados do Estado do Paraná nas regiões norte, oeste, sudoeste, e sul.

A UTFPR, Câmpus Curitiba, desde 2005, possui uma estrutura herdada de uma experiência educacional e administrativa centenária. Na área de ensino, oferta regularmente cursos de graduação, especialização, mestrados e doutorados. Ainda possui alguns cursos técnicos de nível médio. Mas, apesar da boa formação técnica e tecnológica de docentes e discentes, a UTFPR sofre os reflexos da globalização e dos avanços tecnológicos relativos ao consumo desenfreado e às finanças pessoais. Neste contexto, insere-se o tema da educação financeira, que propõe novas relações com o planejamento da vida e com as situações, e a meta passa a ser como pensar o orçamento familiar.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

A pergunta condutora da pesquisa versa sobre os processos e instrumentos que apoiam as pessoas de diferentes níveis socioeconômicos na gestão do próprio orçamento familiar, um aspecto da educação financeira, fazendo uso de recursos acessíveis e de participação em cursos. O tema é polêmico e complexo, e dificilmente poder-se-á chegar a generalizações, pois os

seres humanos vivem em um mundo global de comercialização de bens e serviços e neste universo lhes são ofertados muitos caminhos, pelas mídias em especial, para poupar e gastar. Então se pergunta:

Como ações de educação financeira, dentre elas o uso de ferramentas como o orçamento familiar, podem contribuir para o desafio da elaboração periódica do planejamento financeiro de servidores do Câmpus Curitiba da UTFPR e Escola Terra Firme com situações financeiras em equilíbrio, deficitárias e superavitárias?

1.3 DELIMITAÇÃO DO TEMA

O tema explorado na dissertação está delimitado espacialmente ao Câmpus Curitiba da UTFPR, à escola privada Terra Firme, e temporalmente às oficinas realizadas nos anos de 2015 e 2016 e ao curso a distância promovido pela Escola Superior de Administração Fazendária.

1.4 OBJETIVOS

Objetivo geral

O objetivo geral é analisar os efeitos das ações de educação financeira para grupos interessados de participantes que compreendam diferentes maneiras de gerir as finanças pessoais.

Objetivos específicos

1 Organizar oficinas de educação financeira nas instituições de ensino para a elaboração do orçamento familiar e introdução de conceitos no cotidiano dos participantes interessados;

2 Avaliar as ações propostas quanto à contextualização, acontecimentos, interpretações e relevância dos temas para a literatura e para os grupos participantes que refletem em decisões e comportamentos que caracterizam estilos pessoais de gerência financeira.

1.5 JUSTIFICATIVA

O dinheiro tem na sua origem o desejo de organização, civilização, convivência e sobrevivência. A importância do dinheiro para as pessoas está relacionada à aceitação em grupos sociais, ao respeito e ao sucesso. A ideia de honra e honestidade já foi parâmetro para estabelecer parâmetros para um comportamento diferenciado quanto ao uso do dinheiro.

O poder de compra pode ser considerado um fator também de felicidade. “No entanto, vários conceitos da psicologia desafiam a ideia de que mais consumo gera mais bem-estar” (NERY, 2016, p. 17). O autor, ao estudar a “Economia da Felicidade”, analisa as relações entre o consumo e a satisfação das pessoas, e destaca o papel do dinheiro na valorização da posição social, possibilitando a aquisição de mais bens materiais e serviços. O comprar produtos e serviços, o pagamento de contas, o emprestar e saldar dívidas exigem que o dinheiro seja um meio de pagamento intermediário e uma medida de valor que evita conflitos e instaura relações de confiança.

Boa parte da população do país possivelmente ainda se encontra em um nível de renda em que mais dinheiro de fato significa mais bem-estar. Segundo publicação do IPEA em 2013, o Brasil ainda tinha em 2012 entre dez e quinze milhões de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza, sendo que, destas, cerca de seis milhões eram consideradas extremamente pobres²⁵. De fato, em outra publicação, o IPEA, usando dados próprios, conclui que “a renda familiar é um determinante da felicidade brasileira”²⁶ – relação que também foi encontrada por Corbi e Menezes-Filho (2006). Poder preterir medidas que busquem o crescimento da renda e focar somente em outras iniciativas que visem o bem-estar deve ser atualmente privilégio para apenas poucos municípios brasileiros que possuam patamares mais elevados de renda. Para Armínio Fraga (2014), “o crescimento não é tudo, mas um país como o nosso precisa crescer para melhorar o padrão de vida das pessoas”, em resposta a um questionamento sobre se os países deveriam focar mais em qualidade de vida do que em crescimento” (p. NERY, 2016, p. 18-19).

Na verdade, com a globalização e com as facilidades de importação e exportação de produtos, a quantidade de bens disponíveis para comercialização e a intensidade das trocas atraem os consumidores e aguçam seus desejos. Como os serviços financeiros evoluíram e se complexificaram, aumentou a

necessidade de se conhecer melhor como administrar os ganhos. As finanças pessoais podem ser meio para se construir sonhos e realizar projetos mas não podem ser um princípio de vida.

A educação financeira e a ferramenta do orçamento familiar seriam caminhos para entender mecanismos de administração de recursos como meio e não como fim. As pessoas podem se desequilibrar com preocupações financeiras, e por isso necessitam entender como se relacionar com o dinheiro e suas repercussões na vida. Considerando que as escolhas fazem a diferença, é importante questionar sobre as prioridades e os supérfluos, o sofrimento, ansiedade, tristeza e incômodos trazidos pelas dificuldades financeiras e conhecer como agir para concretizar planos financeiros.

Em suas atividades de consumo, os indivíduos acabam agindo centrados em si mesmos, sem se preocupar com as consequências de suas escolhas. O cidadão é reduzido ao papel de consumidor, sendo cobrado por uma espécie de “obrigação moral e cívica de consumir”. Mas se nossas identidades se definem também pelo consumo, poderíamos vincular o exercício da cidadania e a participação política às atividades de consumo, já que é nestas atividades que sentimos que pertencemos e que fazemos parte de redes sociais. O consumo é o lugar onde os conflitos entre as classes, originados pela participação desigual na estrutura produtiva, ganham continuidade, através da desigualdade na distribuição e apropriação dos bens (CONSUMO SUSTENTÁVEL: Manual de educação, 2016, p. 15).

A OECD (2016a), Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, criada em 1948 por seguidores do Plano Marshall dos Estados Unidos³, tem investido em educação financeira. Formada por 34 países membros e por 100 não-membros, visa cooperar para o crescimento econômico sustentável, o emprego, redução da pobreza e o aumento do padrão de vida. Investe em educação, ciência, tecnologia e inovação.

O conceito de educação financeira para a Organização é abrangente (*comprehensive*) e inclui elementos como informação, instrução, conselhos e

³ Os Estados Unidos, no final da segunda Guerra Mundial passaram a liderar as ideias mundiais e para afirmar seus valores no campo internacional, criaram planos de ação em relação à Europa. Dentre as metas, estavam aquelas de atender o mercado europeu e conter a expansão da economia soviética. Ver artigo de SIMON, Silvana Aline Soares; De Bretton Woods ao plano Marshall: a política externa norte-americana em relação à Europa (1944-1952). **Relações internacionais no mundo atual**, v. 2, n.14, 2011, p. 24-47.

análises. Consumidores e investidores, na medida em que participam do processo, melhoram a compreensão sobre os produtos financeiros, conceitos e riscos presentes em cada operação, com informações, instruções, desenvolvimento de habilidades e aquisição de confiança visando melhor bem estar financeiro (OCDE, 2016b).

Existe um diferencial entre informações financeira, conselhos comerciais financeiros e educação financeira. Por ser um processo de conscientização, feito com regularidade, com práticas, com aquisição conceitual, com objetivos e princípios a educação financeira se distingue dos demais conceitos de orçamento, renda, gastos, despesas, economia e outros.

Esta postura conceitual foi a base para organização deste texto dissertativo e das ações de pesquisa realizadas no espaço escolar e acadêmico. Primou-se pela ideia de processo de apropriação dos significados de princípios que fazem parte do conceito de educação financeira: aquisição de produtos financeiros (seguros, aposentadoria), riscos, bem estar financeiro, relações que se estabelecem nos atos de consumir, imparcialidade em julgamentos, eficiência, noções de economia e de matemática básica, consciência do futuro, confiança, supervisão. Promover educação financeira requer um acompanhamento das metas de crescimento econômico do país, legislações, instituições que instruem e defendem o consumidor, e informações fornecidas por instituições financeiras.

Adiciona-se também o conceito presente em documento do Banco Central do Brasil⁴, que complementou a compreensão do autor/pesquisador deste texto dissertativo no sentido de entender que as tomadas de decisão individuais, quando somadas, revelam o andamento da economia nacional e das formas de apropriação da cidadania quando a pessoa “administrar seus recursos financeiros de maneira consciente” a partir de conceitos de finanças pessoais.

A educação financeira é o meio de prover esses conhecimentos e informações sobre comportamentos básicos que contribuem para melhorar a qualidade de vida das pessoas e de suas comunidades. É, portanto, um instrumento para promover o desenvolvimento econômico. Afinal, a qualidade das decisões financeiras dos indivíduos influencia, no agregado, toda a

⁴ Ver Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010 - Estratégia Nacional para Educação Financeira (Enef).

economia, por estar intimamente ligada a problemas como os níveis de endividamento e de inadimplência das pessoas e a capacidade de investimento dos países (BANCO CENTRAL DO BRASIL, p. 8, 2016).

Os contatos com a educação financeira são oportunidades importantes e neste contexto estaria a ampliação dos saberes e conhecimentos pessoais e familiares. Este investimento em educação traz crescimento individual e coletivo. Pode potencializar a capacidade de planejar o futuro e colaborar para a superação de problemas familiares. Educação Financeira não se trata somente de conhecer os produtos e serviços financeiros para a tomada de decisões, mas também de renovar valores pessoais e familiares (limites, prioridades, escolhas), fundamentar diálogos, fazer planejamento de curto, médio e longo prazo, e melhorar as relações com o trabalho e o tempo. Todos temos perspectivas de vida ativa média em torno de 70 anos, e ela pode ser agradável e prazerosa quando se escolhe os tipos de experiências que se quer ter ao longo da vida.

1.6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste universo de interpretação das dinâmicas da pesquisa e o relacionamento com a situação pesquisada, definiu-se o foco desta pesquisa como de natureza qualitativa, tendo o ambiente natural como fonte de coleta de dados. Quando se enquadra esta pesquisa de natureza qualitativa em uma perspectiva abrangente, pode-se classificá-la como uma pesquisa-participante, na medida em que o pesquisador foi o condutor e elaborador das oficinas.

Também foi uma pesquisa-ação, pois o “relacionamento recíproco entre pesquisa e prática aprimorada é que não apenas se compreende a prática de modo a melhorá-la na pesquisa-ação”, como também obter outros tipos de compreensões das práticas rotineiras, aperfeiçoando-as (TRIPP, 2005, p. 450).

A pesquisa-ação é um processo de aprimoramento na medida em que permite alterar as práticas rotineiras, considerando as reações e os depoimentos dos envolvidos. Foi realizada uma oficina especial em 2016, a qual reafirmou o interesse dos participantes por depoimentos sobre suas práticas e pela própria presença no evento.

No que tange às noções de educação financeira e instrumentos operacionais para a realização, estruturação e acompanhamento de orçamento familiar, o ponto de partida na sistematização das ideias iniciais permitiu a elaboração de uma

[...] questão pertinente [a qual] seria: o que tornará mais efetiva a minha pesquisa-ação? Essa é uma questão para a qual não há resposta definitiva, de modo que devemos trabalhar para respondê-la sempre que nos comprometermos com um projeto de pesquisa-ação (TRIPP, 2005, p. 46-47).

A seguir, apresenta-se uma síntese das ramificações da pesquisa-ação que permitiram a geração de saberes e conhecimentos baseados em práticas (ver quadro 1).

Quadro 1 – Procedimentos da pesquisa-ação
SÍNTESE DAS AÇÕES REALIZADAS NA PESQUISA-AÇÃO

Planejamento das ações	Práticas realizadas	Mudanças introduzidas	Resultados da pesquisa
Organização das oficinas	Propostas de mudanças	Criar práticas de orçamento familiar	Fase de elaboração/investigação
Realização das oficinas	Práticas por meio de exercícios	Reflexões sobre as práticas e não práticas	Produção de dados
Avaliação pesquisador/participantes	Feita pelos participantes no final de cada aula	Monitoramento das próprias ações para redefinições das ações pessoais	Dados provindos dos efeitos das mudanças e das permanências

Fonte: elaborado pelo autor.

Com base nos objetivos da pesquisa, ela é descritiva no sentido de interagir com o mundo real, estabelecer as características dos sujeitos participantes e suas relações com a organização financeira pessoal. Trabalha com as técnicas do questionário, da docência e da observação sistemática para fins de levantamentos. Também pesquisa explicativa, constatando insuficiências na formulação de conjecturas e hipóteses no contexto social, político e econômico. A presente investigação lançou propostas de ações de educação financeira promotoras da capacidade de tomada de decisões de curto, médio e longo que compreenderam diferentes maneiras de gerir as finanças pessoais.

Pode ser classificada como pesquisa participante sistemática porque propôs ações controladas pelo pesquisador e membros das situações e a pesquisa conforme interesses locais e situações propostas.

Como a realidade foi estudada socialmente, construída no processo, compreendida, interpretada e comunicada durante a pesquisa participante, verificou que o método fenomenológico foi capaz de fundamentar a pesquisa. Existem muitas realidades no que tange aos sujeitos participantes e suas finanças pessoais e que todos estão buscando informações para reconstruir saberes e conhecimentos.

As ações elaboradas e implantadas durante a pesquisa passaram pela fase decisória de escolha dos temas relevantes – educação financeira e orçamento familiar; fase construtiva, referente ao plano das aulas, reserva de ambientes, preparação de exercícios e elaboração de relatórios; e pela fase da redação, com análise dos dados, retomada da intervenção dos sujeitos participantes.

Utilizando a metodologia da pesquisa bibliográfica física e digital, o quadro teórico abordou o problema de pesquisa por meio de uma revisão conceitual que retomou olhares de diversas áreas de conhecimento de sobre aspectos que já foram abordados em educação financeira e orçamento familiar.

Outra parte da análise dissertativa são os vídeos sobre o tema dissertativos, disponibilizados na Internet, introduzidos nos conteúdos repassados para os participantes da pesquisa. Eles contêm mensagens e notícias que estabelecem relações de comunicação. Retoma-se neste momento a argumentação das ciências da informação e dos estudos das demais ciências.

Segundo Melo (2016,) Robert Park, jornalista e sociólogo americano, se dedicou à reflexão sobre a natureza e a função de um tipo de conhecimento chamado “notícia”. No um artigo intitulado “a notícia como forma de conhecimento”, publicado em 1940, ele diferencia “o conhecimento de” algo do “conhecimento acerca de”. Quando uma pessoa faz um esforço para distanciar-se do objeto por meio da observação e da constatação de um fato real sistematizado conforme o propósito pré-definido, como faz as ciências da História (acontecimentos), Filosofia (ideias) e Ciências Naturais (coisas), constitui-se um conhecimento racional acerca de algo.

Park observa que este conhecimento distancia-se das práticas cotidianas na medida em que ele se torna inteligível. “Isso se dá porque o saber especializado se faz com base em artifícios, técnicas e jargões próprios, divorciados do senso comum” (MELO, 2016, p. 5). Fraiha (2003), ao estudar os sistemas de informação faz uma breve menção sobre os estudos de necessidade e uso que norteariam o rigor científico das análises de informações.

A questão da necessidade e do uso da informação como objetos de estudo dentro da comunidade científica já é fato desde a década de 40 [1940]. Nessa época, os estudos se centravam muito mais no uso dos sistemas, do que no comportamento dos usuários, baseando-se no modo como os cientistas e técnicos agiam na busca da informação e no uso da literatura pertinente a cada área de atuação [...]. A partir da década de 80 [1980] o enfoque muda, passando o usuário e sua satisfação a ser o principal objetivo destes estudos. A abordagem metodológica também é influenciada, crescendo o número de pesquisas de caráter qualitativo (FRAIHA, 2003, p. 32).

Machado (2005) explica que Park caracteriza o conhecimento científico pela sua capacidade de ser comunicável provado por experimentos e relacionado com a realidade empírica transformada em conceitos. Por outro lado, o “conhecimento de” é adquirido no percurso das experiências e relações sociais e pessoais. São diálogos de interação interpessoal que sustentam o senso comum. Este, porém, não é comum a muitas pessoas, diz Gislene Silva (2005), pois ele é compartilhado socialmente, dependendo das particularidades do leitor, ouvinte ou espectador, de valores, opções, entendimento, da interligação e a incorporação dos fatos, simbologias e de modelos de mundo. Individualizado, ele compõe os hábitos, costumes e a rotina escolhida pelo sujeito. “Há uma indistinção em que o conhecimento sobre o real passa a ser de tal forma naturalizado que perdemos sua dimensão como construção simbólica e social.” (MELO, 2016, p. 5).

O “conhecimento de” e o “conhecimento acerca de”, termos cunhados em 1896 pelo psicólogo William James, são modos de dizer e interpretar o real em palavras e conceitos cognoscíveis. Esta centralidade na linguagem, integrante da realidade presente conformada em leis, permite interferências nos acontecimentos e a previsão do futuro. “Assim, para o autor não existe a

possibilidade de dissociar o empírico do verbal, o pensamento e a materialidade” (MELO, 2016, p. 16).

Ao se colocar as notícias no formato de vídeos e áudios, que representam a oralidade da língua, e as notícias, a escrita, é necessário que haja um público interessado em acessá-las. Há também “o sujeito que produz a notícia e o sujeito que faz a leitura da notícia (SILVA, 2005, p. 104). Park, segundo Melo (2016), explica que a sua permanência como novidade, diferenciada do cotidiano, depende do público, que conduz esta relação de comunicação. Existe uma tensão entre a vida e a morte das notícias conduzida pelos interesses, preconceitos e limitações dos receptores. “Não haveria notícia se não houvesse por parte dos sujeitos o interesse em saber o que se passa com os outros, com a sua cidade, com o seu país, o mundo e o universo ao seu redor” (MELO, 2016, p.9). Seria a curiosidade, o estapafúrdio, a originalidade que sustenta e fundamenta a produção de notícias.

Nesse momento Park considera que a notícia só ganha força e continuidade se atingir o interesse do público, retirando a total autonomia dos meios de comunicação como detentores dos conteúdos e da importância dada aos acontecimentos dentro do noticiário (como o faz posteriormente os pressupostos da agenda setting). Tal posição de Park pode ser observada quando afirma que "a notícia deixa de ser notícia assim que haja cessado a atenção que despertou e assim que a atenção pública tenha sido dirigida para outro aspecto do habitat ou algum outro incidente novo, emocionante ou importante que seja capaz de prendê-la" (PARK, p.175). Há, portanto, por parte do público um interesse pelo novo e é ele que fundamenta a existência da notícia como forma de conhecimento sobre o "presente especioso" (MELO, 2016, p.9).

Tanto a notícia como a mensagem que ela contém, precisam ser interpretadas, diz Capurro, porém sem comentar a informação em si (MATEUS, 2005). As mensagens, potencialmente significativas para o público interessado nela, podem ser diferentemente interpretadas. Elas possuem dimensões forma, conteúdo, objetivo, produtores e receptores contextualizados no tempo e no espaço. Os objetivos podem ser (a) dialógicos, no sentido de gerar novas informações, e (b) discursivos, para distribuir informações. Mateus e Capurro (2005) afirmam que se vive socialmente, no século XXI, a circulação da mensagem, favorecida pelas redes globais de informação descentralizadas.

Capurro elaborou uma teoria da mensagem intitulada “angelética”, aplicada à Ciência da Informação, a qual trata os problemas e os aspectos semânticos e pragmáticos que abarcam as mensagens humanas. A abordagem da teoria é simples e propicia uma análise direta de questões pertinentes à sociedade, como implicações econômicas ligadas à distribuição de informação, à exclusão informacional e à Internet. Ela conta com a colaboração da hermenêutica que enriquece a compreensão filosófica das mensagens.

1.6.1 Oficinas no formato de aulas

Ao propor ações de educação financeira para grupos interessados de participantes de diferentes níveis socioeconômicos, foi possível introduzir a ferramenta do orçamento familiar de maneira simples, independente de especialistas e de tecnologia da informação. Foram organizadas oficinas na forma de aulas como um meio de introduzir conceitos no processo ensino e aprendizagem em que ocorre troca de saberes e conhecimentos.

A pesquisa sobre educação financeira e orçamento familiar também se compõe de estudos conceituais do tema e dos resultados provindos das práticas organizadas para os servidores da UTFPR. Os conteúdos abordaram noções de educação financeira e orçamento familiar. Paralelamente, foram feitas oficinas em uma escola privada, consideradas relevantes para enriquecer as análises qualitativas propostas pelo pesquisador.

Os dados recolhidos durante as práticas, em forma de oficinas, palestras, entrevistas e mesas redonda, são elementos de análise de extrema importância, orientados por bases teóricas e opções metodológicas. Porém, tanto a objetividade quanto a subjetividade do pesquisador, ou seja, sua visão de mundo e a posição social que ocupa, fizeram parte da sua busca por compreender uma realidade.

O uso de metodologia qualitativa permitiu a expressão de crenças e valores de um pesquisador que lida com as questões bancárias por mais de trinta anos e não pode estar alheio aos problemas que circundam o orçamento familiar e a educação financeira. Logo, houve uma interação entre o pesquisador e o ambiente de investigação. Os aspectos objetivos e subjetivos analíticos integram

a complexidade do trabalho de campo, de modo sistêmico, através das relações positivas, negativas e neutras em relação às finanças pessoais.

Os dados coletados são descritivos, opinativos e declarativos, com descrições de fatos, situações que sustentam afirmações e esclarecem posturas dos participantes da pesquisa. Ressalta-se a importância dos processos que foram vivenciados nas oficinas, as quais se passaram no ano de 2015 e 2016, por doze meses. Foram muitas as especificidades, das interações ocorridas. Os procedimentos e as atividades permitiram aos participantes conhecer posturas teóricas e práticas de estudiosos do tema e expressar significados dados aos discursos. Esta contribuição de apreensão da realidade pelos participantes e a dedicação do pesquisador sobre ela somaram-se para perceber o dinamismo interno das situações e criar novas hipóteses (MARCONI; LAKATOS, 1986).

A atenção do pesquisador deteve-se nas interações que ocorreram durante os encontros, nos procedimentos da apresentação de slides, seus conteúdos e formas como eles foram vistos e compreendidos pelos participantes, nas perguntas e dúvidas, e no desejo de conhecer melhor o tema. Os significados atribuídos às oficinas, manifestados pelos participantes interessados, foram anotados pela orientadora, e eles foram discutidos, revisados, conferidos com os falantes, interpretados para depois serem utilizados no decorrer do texto dissertativo.

O valor maior deste material de trabalho proveio da visão de mundo e da construção das realidades que permitiram que o pesquisador compreendesse os casos expostos e apresentasse soluções desconhecidas pelos participantes. As entrevistas, de curta duração⁵, tiveram enfoque qualitativo de análise e foram feitas com os participantes interessados para suprir as lacunas de informações.

A pesquisa bibliográfica, na sua grande maioria na forma de artigos, apontou a presença de muitas pesquisas baseadas na observação participante, em estudos de caso, na pesquisa-ação e em experiências múltiplas de pesquisadores. Foi no contexto das oficinas, com a contribuição de todos, que novos significados e melhoras nas formas de elaboração do orçamento financeiro individual foram compartilhados. Foi possível retrabalhar a ideia de

⁵ As entrevistas tiveram um intervalo de duração que variou entre 10 e 20 minutos.

que quanto mais simples e rápida a forma de registro dos gastos, das despesas e de reserva monetária, mais fácil é a adoção deste procedimento de planejamento financeiro ou tributário.

Houve um aprofundamento de diversos aspectos das ferramentas apresentadas, detectados a partir do que os participantes faziam e o que passaram a fazer após as oficinas. As ações propostas apontaram mudanças de comportamentos e atitudes por ocasião da apresentação de exercícios propostos e da construção colaborativa de saberes e conhecimentos.

O público escolhido, servidores públicos federais e docentes da escola Terra Firme, estavam engajados em conhecer novos modos para reelaborar suas práticas. Muitos já sabiam lidar com o orçamento familiar e trouxeram à tona suas experiências e atitudes. Estes melhoraram a compreensão sobre planejamento e problematizaram suas ações para introduzir ulteriores mudanças. A organização das oficinas passou pelas fases do planejamento, a qual contou com as práticas do pesquisador e da sua interação diariamente com os servidores na instituição bancária, o monitoramento da continuidade dos temas ou não e a avaliação final dos resultados com a colaboração dos participantes.

Vale ressaltar que estes aderiram ao projeto porque tinham interesse mútuo em compartilhar com a pesquisa e concordaram em participar, ajudaram a coletar dados e auxiliaram nas readequações para aprimorar o planejamento realizado juntamente com a orientadora. Houve uma troca de benefícios e de camaradagem entre todos.

Foi no desenvolvimento do trabalho que ocorreram os contornos do objeto de estudo. Foram aperfeiçoadas as oficinas no sentido de oferecer conteúdos mais avançados e aumentar o número de pessoas envolvidas na situação estudada. Paralelamente foram sendo acrescentadas novas leituras sobre temas do planejamento tributário, imposto de renda e previdência privada. As leituras deram fundamentação teórica para tratar as implicações da realidade social, educacional e econômica nas práticas do pesquisador e nas experiências desenvolvidas.

As metodologias construídas e utilizadas permitiram evitar a dispersão de tempo na coleta de dados, feita simultaneamente nas oficinas, contanto com a colaboração da orientadora. Houve apoio dos participantes em contribuir para a

pesquisa, sobretudo em momentos e locais inesperados, como por exemplo, nos corredores da universidade, na cantina, em pontos diversos, onde as pessoas paravam para indagar o pesquisador sobre os conteúdos das oficinas e as datas delas. Os convites também se repetiram por email, conversas informais, e nos espaços da UTFPR, porque foram feitos ajustes nas datas para adequar o calendário dos cursos às rotinas e compromissos de todos.

A participação do pesquisador teve um alto grau de envolvimento com os grupos presentes nas oficinas. Logo, nesta pesquisa-ação houve a observação participante juntamente com outras técnicas de coleta de dados, como a entrevista, depoimentos e a aplicação de questionários.

Na Escola Terra Firme, as oficinas foram semelhantes às da UTFPR. Propôs-se um projeto de extensão com ações de educação financeira para outro grupo de participantes interessados. Foram realizadas na Biblioteca da Escola Terra Firme, localizada na cidade de Curitiba⁶, e reuniu somente docentes que estavam introduzindo no currículo da educação básica o tema da “educação financeira”.

Infere-se que todos os participantes da amostra tenham tido interesse em conhecer a literatura sobre finanças na medida em que ela atingiu seus objetivos de contribuir para alcançar melhorias na qualidade de vida dos participantes. As ferramentas de gestão propostas pelo pesquisador e ofertadas nas oficinas são de fácil uso: cadernos, lápis, borracha e caneta e uso das quatro operações aritméticas. O objetivo foi conduzir aqueles que se encontravam no grupo dos deficitários migrassem para o grupo dos superavitários, por meio da análise das situações individuais e dos resultados entre receitas e despesas.

Foi possível observar a espontaneidade no comportamento dos participantes quanto às respostas para perguntas pessoais, nas descrições verbais e escritas. As reações, gestos e entonações e outros sinais verbais permitiram compreender e explorar tópicos que incidiram em maior confiança na comunicação entre o pesquisador e os participantes e na validação das informações. Isto ocorreu tanto durante os cursos quanto nas conversas paralelas e entrevistas. A geração de segurança no que diz respeito à emissão

⁶ Rua Deputado Carneiro de Campos, 507. Bairro Hugo Lange. Código de Endereçamento Postal 80.040.320. Telefone: 41 3018 9690. Site: <http://www.escolaterrafirme.com.br>.

de juízos sobre o discurso verbalizado dos participantes proveio juntamente com o aporte teórico e outras formas de coleta de dados (BARBOSA, 2002).

1.7 ESTRUTURA DO TRABALHO

No capítulo 1 expõe-se o plano da dissertação com objetivos, justificativa, procedimentos metodológicos. O capítulo 2 apresenta o marco teórico, com as unidades de análise que trazem o desenvolvimento da perspectiva da educação financeira no Brasil. Introduce-se conceitos e autores que analisam o consumo, a sociedade e a tecnologia sob o ponto de vista da construção da realidade social do capitalismo, da indústria e do marketing.

As práticas de educação financeira e as considerações metodológicas compõem o capítulo 3 do documento. Os acontecimentos e as interpretações permitiram conhecer as trajetórias dos participantes, os significados dados a elas, e os subsídios para a argumentação do objeto de estudo. As conclusões, referências e apêndices complementam a compreensão das partes teórica e prática do trabalho.

CAPÍTULO 2

MARCO TEÓRICO

2.1 CIÊNCIA, TECNOLOGIA E CONSUMO

Este capítulo explora as relações existentes entre tecnologia, sociedade, consumo e educação financeira. No decorrer dos séculos XIX, XX e XXI, o desenvolvimento tecnológico proporcionou para a humanidade diferenciadas relações com os artefatos. Ideias, valores, hábitos e crenças foram se modificando com a inserção das inovações no desenvolvimento de produtos que atendessem as necessidades dos usuários. As relações entre o poder aquisitivo e grupos sociais intensificaram a partir de dinâmicas de intervenção humana e social para estimular o consumo. As inovações encantam as pessoas e estimulam o desejo de ascensão social e de participação do progresso das nações. Aumentam as relações entre a utilidade do objeto tecnológico e sua estética.

Exemplificam-se as estratégias para atrair o consumidor com o caso do automóvel A que a partir de 1900, na França e de 1905 nos Estados Unidos, jornais e revistas faziam propaganda de um veículo que superava os cavalos, o trem e “se impunha como desejo de consumo” (GUCCI, 2004, p. 102). Este anseio foi recheado por sonhos, fantasias representados por artistas de cinema, heróis, como o Batman (1939), românticos (James Bond), criminosos, quadrilhas como os irmãos metralhas, que reforçavam a felicidade e o sucesso da vida urbana. Gucci (2004) menciona no título da sua obra que ele tem uma história, uma vida, apesar de apenas um meio de transporte.

O diagnóstico de Léger ilustra as ambivalências em relação à propaganda e ao consumo. A beleza tecnológica não é entendida como a vitória da alienação nem como a criação de falsas necessidades pelo capitalismo. Valoriza-se a criatividade, o bom gosto e o refinamento. Mas dificilmente o autor justificaria a necessidade de um grande mecanismo de influência destinado a transformar a marca de um automóvel em um fetiche mercantil (p. 99).

Aspectos econômicos, culturais e políticos desempenham papel relevante na simbologia social. Na compreensão dos estudiosos da sociologia da tecnologia, as inovações não acontecem de forma sucessiva, contínua e desconectadas do comportamento humano, uma vez que elas podem ser ineficientes e serem moldadas pela sociedade. O proprietário de um automóvel se deparava com a incorporação sucessiva “de inovações mecânicas para manter seu carro em dia” (GUCCI, 2004, p. 105).

Michel Callon (2008) diz que é comum acreditar que, no início de um processo de inovação, os problemas sejam resolvidos com a base técnica e que considerações econômicas, sociais, políticas e culturais entrem em jogo somente em num estágio posterior. Na verdade, todos os elementos estão presentes desde o início da construção das ideias. Em entrevista cedida aos professores Antonio Arellano Hernández e Ivan da Costa Marques, em 21 de agosto de 2007, Callon diz que, na chamada teoria ator-rede, a compreensão das ações humanas e a produção coletiva de conhecimentos acontece somente se forem consideradas a materialidade, as tecnologias e os não-humanos.

Ao suscitar a necessidade de se explorar a contribuição dos laboratórios para a construção de fatos científicos Callon (2008) introduz aspectos da sua teoria do ator-rede no artigo intitulado “a agonia de um laboratório” que trata das estratégias laboratoriais para constituição de saberes teóricos para produzir baterias.

Descrever o eletrodo como um ponto numa multiplicidade de redes heterogêneas que ele mobiliza e mantém juntas e que em retorno lhe dão sua coerência e sua solidez, e não como um simples objeto de fronteiras bem demarcadas, conduz a propor a noção de ator-rede que permite ultrapassar a oposição comum entre conteúdos científico-técnicos e contextos sociais, ao mesmo tempo dando conta de suas constituições e de suas interações. No caso que nos ocupa, o ator-rede junta todos os elementos, humanos ou não-humanos, que foram recrutados em um momento ou noutro da construção do eletrodo monotubular e que são associados a ele (CALLON, 2008, p. 178).

Por outro lado, as suas bases técnicas, trabalhadas pelos atores sociais, ainda que interfiram na condução das ações, não são determinantes das

mudanças e transformações do mundo (FEENBERG, (2015); AIBAR (2015), PINCH e BIJKER, (2015). As dimensões dos atores, e das atividades que a elas se associam, se conectam em rede. No caso do automóvel, o veículo foi entrando na poesia, no amor, no entretenimento, na música, na gíria, nos romances, nos mitos “no cafezal, na floresta, na aldeia, na cidade, [e] as vilas pacíficas e antigas despertam com o barulho da máquina que passa” (GUCCI, 2004, p. 155).

Trevor Pinch e Wiebe Bijker afirmam que tanto a ciência quanto a tecnologia são culturas socialmente construídas e apelam para os recursos culturais no momento em que são apropriados para os propósitos que têm em mãos. É interessante frisar que Henry Ford não inventou o automóvel, mas ele tornou-o acessível e popular quando começou a produzi-lo em série e houve pessoas, meios de comunicação, as artes para apoiar suas iniciativas (GUCCI, 2004). O processo de desenvolvimento de um artefato está descrito como uma alternância de variação e seleção, resultando num modelo multidirecional, contrastando com os modelos lineares utilizados em muitos estudos sobre inovação e história da tecnologia, fundamentais para o estudo da tecnologia a partir do construtivismo social.

Seja elogiado, seja acusado, durante os anos entre-guerras o Fordismo chegou a ser na Alemanha um programa político e uma agenda para a mudança social, não apenas uma forma de aumentar a eficiência do trabalhador e a produtividade industrial. [...] na União Soviética o culto à máquina antecedeu as próprias máquinas, o que permitiu a transformação do maquinismo e do operário-máquina em uma expressão utópica (GUCCI, 2004, p. 180).

A abordagem construtivista social é a que apresenta uma ligação mais direta e explícita com sociologia do conhecimento científico. Em particular, o modelo de “Construção Social da Tecnologia” (SCOT), desenvolvido inicialmente por Wiebe Bijker e Trevor Pinch, representa uma tentativa de aplicar o Programa Empírico do Relativismo (EPOR) - delineado pelo sociólogo britânico Harry Collins. A sociologia do conhecimento científico analisa variadas formas de processos de construção social.

No caso do automóvel, que atrelava serviços, treinamentos, capacitações, informações que se estenderam por décadas, os filósofos e escritores viam este

objeto como perigoso, ameaçador e a indústria, por outro lado, o espelhava como modelo de organização do trabalho e da produção. Como seria possível dominar o impacto da sociedade na tecnologia e da tecnologia na sociedade se uma mesma tecnologia pode ter efeitos distintos em contextos sociais diferentes? (GUCCI, 2004).

Donald Mackenzie e Judy Wajcman, em *The Social Shaping of Technology*, enfatizam os processos de configuração social da tecnologia frente às ênfases dos estudos clássicos dos impactos sociais da tecnologia, e inauguram um novo âmbito de investigação sobre a relação entre tecnologia e sociedade.

Na cultura de massas, desenvolvida a partir dos anos 1930, quando novos padrões de vida são introduzidos nas cidades, sobretudo o lazer e o consumo, o trabalho se esvazia de contribuições pessoais e as máquinas aliviam as dores das tarefas penosas (Giucci). Edgar Morin (1975) explica que a organização produtiva vai transferindo o sentido da vida para longe do trabalho, e a alegria e o prazer são transferidos para a vida privada. “Assim, a modificação das condições de vida sob o efeito das técnicas, a elevação das possibilidades de consumo, a promoção da vida privada, correspondem a um novo grau de individualização da existência humana” (p. 75-76).

Vale destacar que o sistema de produção e consumo é excludente, explica Laymert Garcia dos Santos (2003), porque não pode abarcar todos no universo dos consumidores, mesmo que a mídia e a publicidade tentem fazer a cabeça dos consumidores. No Brasil, no início do século XXI, “mais ou menos uns 70% da população -, [...] imersos na carência criada pelo capitalismo, não participam do universo do consumo” (2003, p. 126). As alianças estabelecidas entre tecnociência e a economia enfraqueceram a política e transformaram os cidadãos “incluídos” em consumidores.

Consumir não mais por necessidade, mas por ansiedade. Com efeito, se a identidade social de cada um se afirma na esfera do consumo e se paira no ar a incerteza quanto ao futuro e a ameaça de exclusão, como vão vincular a estratégia do consumo à estratégia da sobrevivência? Consumir e sobreviver reforçam-se mutuamente. Pois tanto o consumo quanto a sobrevivência dependem do grau de inserção do sujeito na dinâmica acelerada imposta pela união da tecnociência e do capital global (SANTOS, 2003, p. 127).

Ciência e tecnologia, conhecidas mundialmente como a tecnociência, dada a incapacidade de distinção metodológica e institucional, conduz a humanidade a depender das máquinas idealizadas por ela mesma. “O progresso da ciência e da tecnologia caminha em sentido oposto ao do progresso da moralidade da conduta humana, já que o processo fortalece o modo de ser pré-reflexivo, não-racional e não-espiritual, e nem por isso instintivo” (SANTOS, 2003, p. 236).

Abandonou-se qualquer valor do passado para cultuar o novo e o inédito, estimulado pela obsolescência programada de processos e produtos. Antecipa-se o futuro “um futuro de carência, de falta, de ansiedade e de antecipação” (SANTOS, 2003, p.132). O mito da felicidade fica na superficialidade dos acontecimentos e no espaço-tempo individual e cósmico. Morin (1975) diz que os consumidores ficam escravos das futilidades e das instabilidades.

As dualidades tornam-se imateriais na medida em que se criam novas relações e técnicas, científicas culturais, econômicas e sociais. Os conceitos, renovados constantemente, ajudam a dissolver a “neutralidade” e interferem nas relações estruturantes de poder. Michel Callon, que introduz o conceito de ator-rede, afirma que a realidade é infinita e complexa. A teoria do ator-rede é um dos enfoques mais idiossincráticos no estudo sociológico moderno de ciência e tecnologia. Tem como principais autores os franceses o próprio Michel Callon e Bruno Latour, por vezes referendados com a expressão de membros da “Escola de Paris”. Para eles, a análise da ciência e tecnologia em ação denomina-se tecnociência.

2.2 INDÚSTRIA, TECNOLOGIA E CONSUMO

No Brasil, projetos republicanos de construção da identidade modernista se manifestaram desde o início, na produção material, na indústria cultural e artística e no circuito comercial. Com o tempo de trabalho vinculado a formadineiro, foi possível a criação de novos tipos de relações entre os bens materiais e as tecnologias. Enquanto no mundo tecnológico medieval o homem era pouco

equipado. Paul Virilio⁷ o posiciona na modernidade como um ser altamente equipado. Esta posição é favorecida pela capacidade produtiva, elevação do padrão de vida urbana e poder de compra. Na Idade Média,

[...] a mentalidade das classes dominantes é contrária à técnica. Sem dúvida, não há nenhum outro setor da vida medieval em que um outro traço de mentalidade – o horror da “novidade” tenha agido com mais força antiprogressista do que no domínio técnico. Neste caso, mais do que em qualquer outro, inovar era uma monstruosidade, um pecado (LE GOFF, 1986, p.194).

A conversão dos produtos em dinheiro era o sonho dos senhores feudais e significava o enriquecimento com a renda da terra. Por outro lado, havia a classe de camponeses menos abastada que emprestava este excedente de dinheiro. O desenvolvimento da economia monetária colaborou também para a ascensão da burguesia comerciante, que fazia valer seu poder na moeda e não em terras. “Mas se o dinheiro passou cada vez mais a fundamentar as diferenças sociais, a hierarquia social passou cada vez mais a ser definida segundo outro novo valor: o do trabalho” (LE GOFF, 1986, p. 255).

Era o endividamento uma prática necessária para aqueles que necessitavam pagar os rendimentos senhoriais, casarem-se, comprar alimentos e suprir outras necessidades. O pagamento do empréstimo em geral ocorria após a colheita e a vindima. Na cidade, sediavam-se os emprestadores, as casas das moedas, os mercados e as habitações. “Qualquer intenção de entender os mecanismos geradores de desigualdades de renda deve, por isso, consistir em compreender o processo político que opera em uma cidade” (HARVEY, 1980, p. 59).

Os ambientes não eram de luxo, exceto os palácios, em termos arquitetônicos, mas nas categorias móveis, aparelhos e objetos úteis para as funções domésticas, sim. Graham (1992) ao estudar o caso das criadas e seus patrões na cidade do Rio de Janeiro entre 1860 e 1910, diz que em cozinhas “mais caprichadas havia também armários, uma pia no lugar da bacia ou uma leiteira de cobre, objetos muito caros para se encontrado em todas as cozinhas” (p. 47). Era uma cidade de luxo, mas sem esgotos, remoção de lixo, ruas cheias

⁷ Paul Virilio é um filósofo urbanista francês que escreveu o livro “A arte do motor”, em 2006, publicado pela Editora Estação da Liberdade.

de material deteriorado e “exalavam um cheiro fétido que, conforme se acreditava, transmitia doenças” (p. 57).

Outras importantes alterações sociais, econômicas e ambientais ocorreram com o nascimento das fábricas nos séculos XVI, XVII e XVIII. Edgar de Decca (1982) explica que o trabalho se potencializou na fábrica, sede das máquinas e da produtividade humana. A Revolução Industrial, marcada pelas máquinas a vapor e de algodão, “transformou toda a sociedade civil”. A figura do capitalista, a organização da produção e a inovação tecnológica fortaleceram o sistema de fábricas. Nos Estados Unidos, a revolução deste modo de produção culminou com a produção em massa iniciada por Henry Ford. “Alguns segmentos da sociedade americana olharam para Ford e toda a habilidade da indústria automobilística para produzir grandes quantidades de bens com surpreendente baixos custos” (HOUNSHELL, 1985, p. 11).

No discurso comercial do industrial Ford predominava o consumidor, aquele que justificaria a sua produção em série, e a prestação de serviços, treinamento profissional como mecânica, e aulas de condução de veículos. “Vender serviços acima de todas as coisas” (GIUCCI, 2004, p. 213). As fotografias e pinturas atravessaram as fronteiras, e as propagandas sobre o prazer e a liberdade de dirigir encantavam o mundo, e procuravam convencer os indecisos. “São os vendedores de automóveis [...] que vão de casa em casa [...] insistem no prestígio do carro [...] baixam drasticamente os preços e ampliam os prazos de pagamento” (GIUCCI, 2004, p. 233). Com o fundamental era a negociação, a moeda de troca poderia ser também “móveis, lâmpadas e máquinas de escrever”.

A modernidade cinética estava representada pela técnica e tecnologia das máquinas, simbolicamente condutoras do destino da humanidade. “O Brasil tinha pressa”, e era preciso não perder “o trem da história”, acertando o passo com os acontecimentos, os processos e os valores do mundo contemporâneo (PESAVENTO, 1994, p. 172). Nas décadas de 1920 e 1930 a motorização foi uma “epopeia mitológica” que sinalizava as tendências de consumo e de elitização. “Mas a mitologia do automóvel popular e da companhia-modelo, em uma época em que a indústria pesada ainda era vista como sinônimo de progresso são elementos indispensáveis para compreender o alcance cultural do fenômeno” (GIUCCI, 2004, p. 209).

O século XX está marcado por formas de expressão e de produção veiculadas pela fotografia, pelo cinema, pelas revistas, romances, seriados apontavam as intervenções na realidade do cotidiano que entravam no processo socioeconômico: uso do gás, da eletricidade, eletrodoméstico, e água encanada. Costa e Schwarcz (2000) dizem que a utopia da certeza reinou no início do século. “Utopias trazem certezas e, também, muitas dúvidas” (p. 25). Havia um clima de otimismo e confiança entre a vertigem da modernidade, o progresso material e moral e o autoritarismo disciplinador.

O capitalismo triunfante associou-se à ciência nas suas mais diversas áreas do conhecimento, com a intenção de sua internacionalização. O imaginário progressista da burguesia industrial colocava a tecnologia como facilitadora da vida (PESAVENTO, 1997) e valorizava a educação e a profissionalização, enquanto meios de ascensão social e de disciplina para o trabalho. Na Europa e nos Estados Unidos esta imagem positiva das inovações tecnológicas e da ciência foi apresentada nas Exposições Universais dos séculos XIX e XX.

Se por um lado Sandra Pesavento (1997) nos fala dos avanços da modernidade, a autora não deixa de citar o outro lado da moeda. Por trás da exaltação ao progresso e à modernidade, os problemas sociais advindos do capitalismo e da exploração da mão-de-obra eram evidenciados através de protestos e mesmo boicotes que os operários promoviam, inclusive durante as exposições. Dentro deste contexto, verifica-se uma preocupação das elites em oferecer escola para os funcionários das fábricas e seus filhos, com a finalidade de instaurar uma boa relação entre as famílias e os patrões, uma vez que o ensino se voltava à formação de um “bom cidadão ajustado ao sistema” (MOREIRA; PETRY, p. 157, 2008).

Morin (1975) enfatiza que o poder industrial se espalhou por todo o planeta a partir do século XX e após 1945 as normas maciças da fabricação industrial abrangeram estruturas internas da sociedade privilegia excessivamente a cultura de massa. “É uma cultura: ela constitui um corpo de símbolos, mitos e imagens concernentes à vida pública e à vida imaginária, um sistema de projeções e de identificações específicas” (p. 11). Ela desagrega as demais culturas porque é policultural e se dirige a todos e “a ninguém”, isto é para um público local, nacional e mundial.

Certamente o que está intrínseco à reprodução do capital é o alimentar constante do movimento, seja pelos processos de acumulação, com a aceleração do ciclo produtivo pela transformação técnica e paralela reinvenção do consumo, seja pela dinâmica de exclusão que joga uma massa enorme de pessoas em circuitos de mobilidade compulsória na luta pela sobrevivência cotidiana (HAESBART, 2012, p.22).

O comércio e a indústria tomaram como referência o lucro e os negócios e gradativamente investiram no aumento do consumo e na obsolescência do produto: exploração de novas matérias primas, marketing, propaganda, crédito. Todavia, este comportamento do capital e do trabalho que se fundamenta na tecnociência, no fluxo de energia e de materiais acelera os problemas ambientais do planeta. Assiste-se assim a necessidade de saber lidar com as compras e o dinheiro.

A cultura industrial se desenvolve no plano do mercado mundial. Daí sua formidável tendência ao sincretismo-ecletismo e a homogeneização, seu fluxo imaginário, lúdico, estético, atenta contra as barreiras locais, étnicas, sociais, nacionais, de idade, sexo, educação; ela separa dos folclores e das tradições temas que ela universaliza, ela inventa temas imediatamente universais (MORIN, 1975, p. 36).

Ruth Cowan menciona os impactos da tecnologia e da indústria no consumo, na cultura do objeto, na família, na moradia e nos papéis dos familiares. Nos Estados Unidos, as mulheres de classe média mudaram seus hábitos de trabalho em casa ao saírem para comprar aquilo que antes era entregue em suas casas. “Economistas do lar e editores de revistas femininas tentavam ensinar as esposas a gastar sabiamente seu dinheiro” (COWAN, 1976, p. 14). Elas não puderam aprender com suas mães que confeccionavam, plantavam e cozinhavam nos seus lares. “Consequentemente, as esposas modernas não sabiam como comprar e teriam que ser ensinadas” (p. 191). Gastavam horas de seu tempo a escolher e a variedade de objetos provocava “sonhos” para abastecer a cama, a mesa e o banho.

David Harvey diz que “a hegemonia ideológica e política em toda a sociedade depende da capacidade de controlar o contexto material da experiência pessoal e social” (1996, p. 207). Enquanto materialização do cotidiano, as alternativas tecnológicas dos eletrodomésticos introduziram um

novo modelo de reprodução da vida sem mudanças nas bases sociais. Segundo o autor, reforçam-se as estruturas fragmentadas dos processos de trabalho e incorporam-se mudanças na produtividade do trabalho doméstico.

2.3 ADMINISTRAÇÃO DO CONSUMO E DO CONSUMISMO

No início do século XX, a indústria descolou a necessidade humana dos tipos de produto ofertados. Criaram-se desejos e sonhos até não existentes, bem como grifes e marcas para roupas, sapatos, carros e aparelhos. As inovações tecnológicas contribuíram para a promoção do estilo de vida, da alegria e do bem-estar. Beleza, fama e riqueza se transformaram em alvos de desejo que se encontram somente no claustro das elites (O CONSUMISMO DA ELITE É DESESPERO, 2015).

Os padrões de consumo são definidos pelos competidores capitalistas como marcas registradas. O consumo ostensivo é um fim em si. A pessoa troca o automóvel, o i-Pad para dizer aos outros que você tem e nós não. Significa mais lixo e resíduos sólidos. Estamos desperdiçando recursos naturais com o super consumo – diminuir o consumo não nos faz bem. Passar a ser competitivo. O consumo responsável na área alimentar; precisamos ter alimentos saudáveis sem a indústria química. Uma das facetas do consumo responsável é a oposição à propaganda e [a favor da] educação. [A propaganda] engana [pois] o que interessa é seduzir e te induzir a comprar (Idec, 2015⁸).

Ganhar, gastar e guardar são ações que têm preocupado os consumidores que buscam equilibrar suas finanças, evitar o endividamento e ganhar qualidade de vida participando desta sociedade moderna e tecnológica. “O acesso à tecnologia tornou-se tão vital que hoje a inclusão social e a própria sobrevivência passam obrigatoriamente pela capacidade que indivíduos e populações têm de se inserir no mundo das máquinas e de acompanhar as ondas da evolução tecnológica” (SANTOS, 2003, p. 10).

Contrariamente aos padrões aristocráticos e conservadores, e aos fundamentos do capitalismo, nos anos 1960, houve uma reação ao consumismo por meio do uso da calça jeans, uma vestimenta barata e acessível tanto para

⁸ Paul Singer deu entrevista para o Idec.

homens quanto para mulheres. A indústria acompanhou o movimento e introduziu variações transformando o produto em algo diferenciado daquela calça que servia para o trabalho, piqueniques e passeios. O movimento que tinha por objetivo contestar foi transformado em moda.

O psiquiatra Flávio Gikovate (2016) acredita que nesta mesma década, o ato “fabricado” de consumir se intensificou com a pílula anticoncepcional e a emancipação da mulher. O ato de consumir se uniu ao desejo da beleza estabelecida na aparência física. Este comportamento está situado nas linhas limítrofes da frustração. Na medida em que o consumo foi estimulado pela publicidade e a competição, as pessoas se afastam umas das outras porque desejam se destacar. O autor diz que a sociedade capitalista se nutre da infelicidade humana, porque ela valoriza os sentimentos do desejo de obter sempre algo novo sem sobrar tempo para gostar de algo de que já se tem.

A exacerbação do processo nestes últimos 50 anos pode levar à redução deste comportamento inútil de querer atrair os olhares das pessoas e querer a admiração dos outros. Com a maturidade provinda do crescimento emocional e de uma programação de economia, as pessoas não deixariam de consumir, mas fariam trocas eventualmente, sempre mantendo suas características.

O sociólogo Zygmunt Bauman (2001) diz que quando a vida está organizada em torno do consumo, a sedução é a condutora dos caminhos. Não existem regulações normativas e nem pontos de referência para conduzir a vida. Constantemente, legitimam-se e (des)legitimam-se padrões de conformidade pois o consumidor deve estar aberto para experimentar e absorver a fantasia e a plasticidade. A espera e os obstáculos “sólidos” devem ser reduzidos para dar lugar ao imediatismo do querer. O habitante da sociedade moderna, comandado pela pragmática do comprar “expressa a si mesmo através de suas posses”, as quais foram adquiridas individualmente. A abolição da espera trouxe a presença da instantaneidade, e mesmo a satisfação do querer deve passar brevemente após um momento de êxtase sem nenhum tempo para reflexão.

O papa Francisco (2015), em sua primeira encíclica, julho de 2015, desenvolve a ideia da irresponsabilidade humana perante os bens que Deus nos deixou manipular. Isto ocorre pelo mau uso da tecnologia, das políticas empresariais do descarte, dos resíduos, e do consumismo acelerado que provocam desigualdades sociais e ecológicas. As mudanças no estilo de vida,

na produção e no consumo são urgentes e passam por uma “revolução corajosa”.

2.4 POBRE CONSUMIDOR INDEFESO

Na década de 1960, cita-se um marco mundial para os consumidores que foi a *International Organisation of Consumers Unions* (IOCU), que era formada por um grupo de advogados para defender os direitos e interesses do consumidor. Foram definidos oito pontos relevantes: proteção contra produtos que não oferecem segurança; informações sobre o produto; a oferta de variedade para que se exerça a escolha; representação nas políticas governamentais; direito aos produtos que satisfaçam as necessidades básicas, a devolução de produtos; o direito a um ambiente que não ameace o bem estar do indivíduo e a educação para o consumo.

Nos Estados Unidos, em 1962, o governo reconheceu os direitos do consumidor e o dia 15 de março passou a ser a data mundial comemorativa do consumidor. Nasceu uma personificação nova do ser humano na sociedade capitalista. A notícia se espalhou por todos os cantos do mundo. A partir dos anos 1980, nas empresas americanas, foram criadas ações de educação financeira que resultaram em decisões importantes quanto aos planos de previdência, investimentos e poupança. Com estes conhecimentos, os indivíduos podem entender também os fluxos de caixa da empresa e elaborar relatórios financeiros. “Bernheim (1998) diz que a maior parte dos norte-americanos apresenta lacunas de formação para o gerenciamento de suas finanças pessoais, e suas escolhas em termos de aposentadoria são reflexos dessa deficiência” (SAVOIA et al., p. 1127).

Na Malásia, em 1965, foi criada uma associação de consumidores e nos anos seguintes, outros países criaram legislações e movimentos que culminaram na participação da Organização das Nações Unidas (ONU) para elaborar políticas de defesa do consumidor. Foram interferências da tecnologia, da informática, da economia e da globalização nos anos 1980 que colaboraram para proliferar trabalhos de prevenção, educação e cidadania para os consumidores.

Na data criada para celebrar o dia Internacional do consumidor (15 de março) e entidades de proteção ao consumidor, são organizadas atividades de

conscientização, sobretudo no que diz respeito à responsabilidade. Mas o consumo precisa ser responsável no sentido observar as formas de usar os recursos financeiros.

Cuidar de suas finanças significa observar, entre outros aspectos, seus hábitos de consumo. Você não precisa necessariamente cortar gastos, mas sim analisar a forma como usa seu dinheiro. [...] Confira com base em orientações do Idec (Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor) uma lista de passos a serem seguidos em caso de violação dos seus direitos (CONSUMO RESPONSÁVEL, 2015).

No Brasil, esta organização está representada pela Fundação PROCON (2015) e pelo Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec 2015). Todavia, a Constituição Federal de 1988, em seu art.5º, inciso XXXII, determinou ao Estado a responsabilidade de tutelar as relações de consumo. O direito do consumidor está baseado nos princípios da segurança jurídica e na prevalência dos interesses coletivos sobre os individuais. Ele estabelece regras para a harmonia das relações entre consumidores, prestadores de serviços e fornecedores.

Consumidor é toda pessoa física ou jurídica que adquire ou utiliza produto ou serviço como destinatário final. Esta definição faz parte da Lei 8.078 de 11 de setembro de 1990, conhecida como o Código de Defesa do Consumidor, a qual dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências. Dentre elas está a execução da Política Nacional das Relações de Consumo. Para o Idec, o conceito de consumidor é inclusivo, pois não abrange somente as pessoas que travam relações de consumo com poder aquisitivo, mas também aquelas que não possuem acesso aos bens e serviços essenciais por falta de recursos.

Para isto foram criados promotorias, delegacias, juizados Especiais de Pequenas Causas e Varas Especializadas e associações de Defesa do Consumidor. O Idec (1987) é uma destas associações de consumidores, que informa por meio de publicações, boletins, pesquisas, cursos desenvolvimento de projetos, testes laboratoriais de produtos e serviços, promovendo a educação, a conscientização, a ética nas relações de consumo. Ele representa os interesses dos consumidores em câmeras técnicas, comissões, comitês e move ações judiciais e coletivas. É membro da federação de associações de defesa

do consumidor *Consumers International* e participa do Fórum Nacional das Entidades Cíveis de Defesa do Consumidor (Idec, 2015).

Nas relações de consumo, a lei federal n. 8.078 (Código de Defesa do Consumidor) reconhece a vulnerabilidade do consumidor e por meio de seu conteúdo textual garante a sua proteção por meio de incentivos a ações diretas, associações representativas e garante produtos e serviços de padrões adequados. Para equilibrar as negociações entre fornecedores e consumidores, considerando o desenvolvimento econômico e tecnológico, são estabelecidos os princípios da boa-fé, a educação e informação quanto aos direitos e deveres, coibição e repressão de abusos.

Nas normas de proteção e defesa do consumidor é de seu direito a proteção contra os riscos provocados por produtos e serviços considerados perigosos e nocivos, a educação sobre o consumo adequado de produtos e serviços, a informação, a proteção contra a publicidade enganosa e abusiva, o acesso aos órgãos judiciários e administrativos e danos patrimoniais, morais, individuais e coletivos.

O Direito do Consumidor erige-se, hoje, como uma das conquistas mais importantes do mundo jurídico nacional vertendo o caráter protetivo do direito ao consumidor, tido como hipossuficiente na relação jurídica que se instaura durante a aquisição de bens, produtos e/ou serviços. Esta hipossuficiência – princípio jurídico já assegurado na Constituição Federal de 1988 – não se trata apenas de ausência de igualdade na relação instaurada entre as partes, como já foi mencionado, mas também como pressuposto de que deve ter tratamento igual aquele que não se encontra economicamente instada ao mesmo patamar de seu oponente que poderia, eventualmente, valer-se de tal status para validar seus interesses em preferência aos da outra parte (TROVÃO, 2015, p. 2).

No Paraná, a Coordenadoria Estadual de Proteção e Defesa do Consumidor - PROCON/PR está subordinado à Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania. Foi criado através do Decreto nº 609, de 23 de julho de 1991 e tem como “objetivo principal orientar, educar, proteger e defender os consumidores contra abusos praticados pelos fornecedores de bens e serviços nas relações de consumo” (PROCON-PR, 2015). É também um órgão de fiscalização e controle da publicidade, e também elabora manuais, cartazes, folhetos informativos palestras, debates e eventos para informar e conscientizar

os consumidores. Aplica sanções, recebe reclamações, denúncias, as cadastra e analisa, dando o encaminhamento aos órgãos competentes para a resolução dos problemas. Quando o consumidor sentir-se lesado, a defesa dos seus interesses é feita através de processo administrativo.

2.5 EDUCAR-SE PARA CONSUMIR

É evidente que, no Brasil, as autoridades não exercem a função de capacitar a população adequadamente para a tomada de decisões no âmbito financeiro. Organizações privadas, como a Bovespa, e algumas empresas e bancos desenvolvem práticas para minorar essa lacuna e orientar os clientes e usuários dos seus produtos. No entanto, tais ações meritórias são insuficientes para alterar a situação vigente da população, com os produtos destinados às pessoas físicas em franca expansão (SAVOIA et al., 2007, p. 1125).

O consumidor precisa estar atento ao que lhe querem vender, o que ele imagina como potencialidades do produto e suas expectativas quanto à felicidade ou prestígio que o mesmo lhe trará. Na escolha de produtos, o preço e a qualidade não são parâmetros suficientes para avaliação do que quer comprar. É preciso avaliar a empresa produtora, sua responsabilidade com os consumidores, o meio ambiente e a sociedade.

Na realidade, o comprador necessita desenvolver habilidades para tomar decisões mais pertinentes ao seu perfil financeiro. Por vezes, o impulso pode descontrolar uma situação financeira estável e causar desconfortos. O governo brasileiro, nos últimos anos, ampliou a oferta de crédito para incentivar o consumo de bens e serviços e conseqüentemente a produção. As pessoas encontravam-se despreparadas para dimensionar o comprometimento de seus orçamentos e endividaram-se e tornaram-se inadimplentes (SAVOIA, et al., 2007).

As pessoas que administram suas finanças pessoais precisam compreender três pontos relevantes para se manter equilibrado: orçamento, poupança e crédito. Mas existe uma ilusão cognitiva que compele o sujeito a repetir erros sistemáticos. Por excesso de confiança, certezas, por aversão às perdas e por fantasiar suas habilidades e possibilidades, as pessoas abandonam o processo de decisão racional e abrem lugar na mente para “reinar” elementos

característicos do ser humano: crenças no conhecimento; desacreditar no improvável; acreditar no certo e simplificar as escolhas.

Juliana Grasso (2015), ao tratar do tema de educar os filhos para o consumo, considerando-o a base do sistema capitalista, explica que o modelo está prejudicando as pessoas. No processo educativo, as atitudes são mais importantes que os discursos.

Ela sugere que os presentes, por exemplo, na forma de contrapartida incentivam as crianças a agirem somente em situações em que existam recompensa material. Estimula somente satisfações momentâneas e não traz bem estar duradouro para ambas as partes, e o velho ditado se repete: “dinheiro não traz felicidade”. Por outro lado, a felicidade também pode acontecer por meio do dinheiro como “conforto, saúde (quando bem utilizado para esse fim), educação entre outras coisas muito importantes, mas daí a afirmar que só por meio do capital obtemos felicidade é um estreitamento de visão e das necessidades do ser humano”.

Considerada inovadora, foi criada uma área de conhecimento com visão interdisciplinar, de finanças comportamentais cujo objetivo é analisar aspectos psicológicos quanto ao controle dos gastos (orçamento familiar) e geração de poupança (investimentos). Ela estuda as potencialidades de erros realizados por profissionais no mercado nas decisões de consumo, investimento e financiamento. Através de um planejamento financeiro, gastando somente o que a pessoa obtém por meio do trabalho, pode-se organizar as finanças em três aspectos: renda, consumo e poupança.

Segundo a teoria, é preciso mudar hábitos, ter força de vontade, perseverança e obstinação. Estas ideias passam pela educação financeira que motiva a “mudar suas preferências e monitorar seu comportamento a respeito do ato de consumir e assim gerar poupança, uma vez que poderá alterar os incentivos e modificar as regras que caracterizam estas ações” (LOPES et al., 2016, p. 6). Os aplicativos podem ser formas de comunicação que facilitam o levantamento de preços para economizar nas despesas. Uma pessoa alimenta o aplicativo colocando informações de produtos e seus preços anunciando para os outros aonde ir e onde deixar de ir.

As inovações estão associadas diretamente ao setor industrial e aos laboratórios de pesquisa que competem entre si para ganhar consumidores no

mercado e obter lucros diferenciais. Alguns aspectos caracterizam um produto inovador, dentre eles a qualidade, o método de produção, fontes de matéria prima e a competitividade. Santa Rita et al. (2015) fizeram uma pesquisa para conhecer o mercado consumidor de alta tecnologia (*high tech*) e as organizações envolvidas no processo de produção de bens e serviços inovadores por meio de entrevistas, os hábitos de consumo de produtos e serviços de um grupo de pessoas.

As preferências, os desejos, as necessidades impulsionam as pessoas a adquirir bens e serviços e elas podem estar regidas somente pelos limites orçamentários da capacidade de consumo. Então, a decisão do consumidor se insere no dilema entre o que ele pode e o que ele quer. O questionamento neste instante é fundamental para entender as relações entre aquilo que a pessoa realmente precisa e as forças provenientes do meio que o induz a querer e adquirir um bem.

Os apelos do capitalismo para o consumo são variados, chegando a adjetivar o sistema com palavras como: capitalismo natural; capitalismo consciente; capitalismo. A intenção é apontar os benefícios deste modelo econômico para as pessoas. Todavia, a liberdade de ação dos consumidores é bastante aviltada pelos ganhos, pelo crédito, por marketing e pela falta de atitudes e comportamentos com o foco de poupar dinheiro e recursos para o bem comum. Então, a educação surge novamente como salvadora dos problemas provindos do consumo de tecnologia, de bens e de cultura. Os conteúdos seriam aqueles que ajudariam na consciência das ações e atitudes que interferem no orçamento familiar.

O consumo também está relacionado às questões ambientais, como o aquecimento global, a poluição, a água potável e a matéria prima. Neste sentido, a economia na nossa casa, na escola, no trabalho é fundamental para socializarmos os bens naturais. “Nosso desafio como pais e educadores neste momento é trabalhar a visão sistêmica em nossas crianças, demonstrando como tudo está conectado e que fazemos parte dessa rede” (GRASSO, 2015). A autora cita palavras do indiano Gandhi que vale pena serem reproduzidas no nosso agir cotidiano: “somos a mudança que queremos para o planeta”.

2.6 EDUCAÇÃO FINANCEIRA E ORÇAMENTO FAMILIAR

Braunstein e Welch (2016) fazem um panorama sobre as razões do crescimento da literatura financeira nos Estados Unidos. Citam-se as mudanças tecnológicas, as inovações de mercado, as regras para obter financiamentos de casa própria, a diversidade populacional com a imigração a partir do ano 2000, o aumento das responsabilidades do consumidor, as mudanças políticas, e os programas para poupar.

As primeiras iniciativas provieram da parte das companhias bancárias, agências governamentais, comunidades e demais organizações interessadas nas origens do consumo para oferecer ferramentas, publicações e programas de treinamento para tomada de decisões para o “bem estar econômico”. *“Each of the twelve Federal Reserve Banks supports this objective through a wide variety of education partnerships, publications, learning tools, and student challenge contests”*⁹ (BRAUNSTEIN; WELCH, 2016, p. 449). Além disso, os Bancos Centrais norte-americanos têm apoiado programas que oferecem seminários de treinamento para educadores, aumentando a consciência para as práticas abusivas de empréstimo e de outros serviços financeiros¹⁰. Houve a criação de espaços nos websites para informar sobre a variedade de acessos aos recursos, a publicação de manuais para os consumidores contendo explicações sobre conceitos de administração financeira, e desenvolvimento de ferramentas eletrônicas para planos de poupança e orçamento pessoal¹¹.

Os pesquisadores da OECD começaram a identificar desde os anos 2000, as vantagens de boas práticas de educação financeira para poupadores individuais de modo que eles pudessem administrar os riscos e a renda da

⁹ *Each of the twelve Federal Reserve Banks supports this objective through a wide variety of education partnerships, publications, learning tools, and student challenge contests* (tradução livre).

¹⁰ Disponível em: <<https://www.federalreserveeducation.org/financialfundamentals>>. Acesso em: 19 out. 2016. FEDERAL RESERVE FINANCIAL EDUCATION INITIATIVES. Disponível em: <Federal Reserve Financial Education Initiatives>. Acesso em: 19 out. 2016.

¹¹ No relatório da OECD sobre educação financeira e economias para a aposentadoria, exemplifica-se o caso de duas empresas norte-americanas – United Parcel Service e Weyerhaeuser Ltd. – que desde 2000 e 1984, respectivamente, oferecem cursos de educação financeira para os empregados, os quais recebem materiais, aulas e serviços de assistência e software on-line sobre ações de planejamento do orçamento pessoal e familiar. As avaliações sobre este tipo de programa, feitas por pesquisadores norte-americanos, levantam como os participantes reagem antes e depois de participarem de cursos de educação financeira (OECD, 2016).

aposentadoria. Investiu em pesquisas e avançou a ponto de oferecer documentos e materiais que fizeram crescer este campo de conhecimento. A organização considera que “a educação financeira sempre foi importante para os consumidores, [principalmente porque] ajuda no orçamento e na gestão de suas rendas, poupanças e eficiência de investimentos, e evita que eles sejam vítimas de fraudes” (OCDE, 2016b, p. 2)¹².

Vale destacar que, nos Estados Unidos, o tema da importância da educação financeira na vida pessoal e no Estado já era uma preocupação estatal em 1960. O presidente americano, Robert Fitzgerald Kennedy discursava sobre a responsabilidade do Estado proteger os ganhos financeiros dos consumidores. O conjunto de rendimentos, ou seja, de um indivíduo ou de uma nação, precisa ser gasto e empregado a partir de um planejamento econômico, tributário e financeiro. Além disso, ele acreditava que o consumidor necessitava de informação e de esclarecimento para usar seus recursos. No dia do consumidor, 15 de março, Freitas (2016) menciona os quatro direitos do consumidor ressaltados pelo presidente norte-americano no seu discurso de 1962.

1. O direito à segurança - a ser protegido contra a comercialização de produtos que são prejudiciais à saúde ou à vida.
2. O direito de ser informado - para ser protegido contra qualquer informação fraudulenta, enganosa, ou gravemente enganosa, publicidade, rotulagem, ou outras práticas, e para serem dados os factos que ele precisa para fazer uma escolha informada.
3. O direito de escolher - de ser assegurada, sempre que possível, o acesso a uma variedade de produtos e serviços a preços competitivos e nas indústrias em que a concorrência não é viável a regulação do Governo permita uma garantia de qualidade satisfatória e serviço a preços justos.
4. O direito de ser ouvido - para ter a certeza de que os interesses dos consumidores receberão a devida atenção na formulação da política do Governo, e um tratamento justo e célere nos tribunais administrativos (FREITAS, 2016)¹³.

¹² *Considering that, as financial education has always been important for consumers in helping them budget and manage their income, save and invest efficiently, and avoid becoming victims of fraud* (tradução livre).

¹³ 1) *El derecho a la seguridad, a ser protegidos contra la comercialización de productos que sean eligrosos para la salud o la vida.* 2) *El derecho a la información, a ser protegidos contra la información, publicidad, etiquetado, o cualesquiera otras prácticas fraudulentas, engañosas o básicamente confusas, y a que le sean suministrados todos los hechos que necesita para tomar una decisión basada en la información.* 3) *El derecho a elegir, a que se le asegure, siempre que sea posible, el acceso a una variedad de productos y servicios a precios competitivos; y en aquellos sectores en los que la competencia no es operativa y la regulación gubernamental es reemplazada, la seguridad de una calidad y servicio satisfactorio a los mejores precios.* 4) *El derecho a ser oídos, a tener la seguridad de que los intereses de los consumidores serán tenidos de total y comprensivamente en consideración la elaboración de las políticas del Gobierno, y a un tratamiento adecuado y ágil en los tribunales administrativos.* Consumidores somos todos

Um cuidado do consumidor que deve ser tomado em consideração é com relação ao crédito atrativo, com baixas taxas de juros. No Brasil, isto aconteceu nos últimos anos e as pessoas se endividaram em grande escala. Na Europa, em 2008, o governo injetou dinheiro no mercado para resolver uma crise financeira. Aqueles que pegaram empréstimos, tanto aqui como lá, gastaram em mobílias, eletrodomésticos, moradias e carros, e ficaram com a renda comprometida por mais de 60 meses, o que significa mais de cinco anos. Os orçamentos foram se desequilibrando e os bens foram envelhecendo. Muitos contratos não foram pagos, chegaram a instabilidade do emprego, as férias coletivas, as demissões e os aumentos dos juros porque o consumo e a circulação de moeda retraíram. Conseqüentemente, a arrecadação de impostos caiu e o governo teve menos dinheiro para investir. Em 2014, segundo notícias jornalísticas:

No final de agosto, o que o mercado e economistas projetavam se confirmou. O Brasil registrou a "recessão técnica". O desempenho do PIB no primeiro trimestre foi revisado para uma queda de 0,2% no PIB, e o do segundo trimestre caiu 0,6%. A indústria de transformação e de construção civil estava em queda constante há quatro trimestres consecutivos. "Pior não poderia ser", ressaltou o ex-ministro do Planejamento e presidente do Fórum Nacional (Instituto Nacional de Altos Estudos - INAE), João Paulo dos Reis Veloso, em conversa com o JB por telefone (JORNAL DO BRASIL, 2016).

Segundo as autoridades políticas, o governo estava em condições de controlar os gastos com a desaceleração da economia. Seu papel seria o de manter a situação de modo a equilibrar os investimentos, mesmo com a queda da arrecadação e as corrupções. Os apertos concentraram-se na educação, saúde e transporte. Os demais países também se encontravam em dificuldades, com taxas de desemprego em alta e problemas de inflação e deflação. O presidente John Kennedy, em 1962, acreditava que o consumidor, ao realizar "*el creciente esfuerzo para hacer el mejor uso posible de sus ingresos puede contribuir mejor al bienestar de la mayoría de las familias que el esfuerzo equivalente de incrementar los mismos [los ingresos]*" (CONSUMIDORES SOMOS TODOS, 2016, p. 2).

Mesmo com as instabilidades na economia nacional, a educação financeira pode ajudar ainda mais no sentido das atitudes, do comportamento e dos conhecimentos sobre o poder de compra dentro da faixa de renda de cada um. Elencar gastos e ganhos e agrupá-los pode ser uma das técnicas efetivas das ciências contábeis e das ciências econômicas. Porém, não se pode afirmar a existência ou não de relações diretas entre a constituição de conhecimentos e saberes e o quanto as pessoas sabem administrar os ganhos financeiros.

Cuidar dos gastos se faz necessário, sempre observando a compatibilidade de aumentar a poupança e poder investir, e deste modo manter um cenário de conciliação com o dinheiro. Conforme as palavras finais dos participantes dos cursos ministrados pelo pesquisador, compreender as situações pessoais e do país, bem como planejar, são realmente prioridades da vida. Para isto, necessita-se de ferramentas de ajuda e de atitudes frente as massivas propagandas de venda e os desejos de consumir. John Kennedy explicava em 1962 que as tecnologias mudaram o perfil dos produtos e que era necessário criar novos modos legais de proteger o consumidor.

La comercialización es cada vez más impersonal. La decisión del consumidor se ve influenciada por la publicidad masiva que utiliza mecanismos de persuasión altamente desarrollados. Normalmente el consumidor no puede saber si la elaboración de las medicinas reúne los estándares mínimos de seguridad, calidad y eficacia. Normalmente tampoco sabe cuánto paga por los préstamos al consumo; si una comida preparada tiene mayor poder nutritivo que otra; si el resultado de un producto satisfará sus necesidades; o si el “paquete tamaño económico” es realmente una ganga (CONSUMIDORES SOMOS TODOS NÓS, 2016, p. 2-3).

As vantagens de planejar o consumo são reais e demandam o uso de estratégias e técnicas para não se deixar enganar por comerciantes que tentam vender mercadorias com atrativos irrealis. Para conquistar o consumidor, os lojistas anunciam mercadorias e preços em letras com tamanhos diferentes, fracionam o tempo em pequenas unidades de gasto (R\$ 3,99 ao dia), apelam

para o emocional (dinheiro fácil e rápido) e terminam os preços com os centavos 0,99 (EADESAF, 2016).

O poder das empresas e o dos consumidores não está em relação de igualdade, segundo as pesquisas de D'Angelo (2016). Ao estudar as relações de marketing, o autor atribui a esta desigualdade de poder entre produtores e consumidores à falta de informações e à própria constituição do sistema de marketing do capitalista. "Pertenceria às empresas, dessa forma, a maior parcela de poder" (p. 59). O estímulo para comprar produtos e serviços ultrapassa a satisfação de necessidades práticas de posse e atinge "as necessidades de fundo emocional e social (Camenisch, 1991)" (D'ANGELO, 2016, p. 59).

A satisfação ou criação de necessidades "seria estimulada pela propaganda e tomaria forma em produtos considerados **supérfluos** e **dispensáveis**". O marketing permite elaborar estratégias de persuasão baseadas mais sobre os pontos fracos, do que sobre a racionalidade do consumidor "e encontrariam, assim, as condições propícias para a venda (Patterson, 1966; Farmer, 1967; Kotler e Levy, 1969; Galbraith, 1972; Greyser, 1973; Star, 1989; Camenisch, 1991; Kotler e Armstrong, 1998; Fineman apud Carrigan e Attalla, 2001)" (D'ANGELO, 2016, p. 59).

CAPÍTULO 3

AÇÕES DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

3.1 ORGANIZAÇÃO DE OFICINAS E CURSOS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO - METODOLOGIAS E RESULTADOS

O ministrante¹⁴ das oficinas apresentou conceitos básicos para os participantes com a intenção de estimular o hábito de realizar o orçamento familiar por meio de ferramentas individuais de construção e operacionalização. Sempre que foram introduzidos conceitos diversos, procurou-se associá-los às práticas e experiências do planejamento financeiro. Observou-se que as noções conceituais estavam associadas às remunerações salariais, estabilidade econômica e gastos fixos e variáveis. A análise valoriza as heterogeneidades e não a comparação de fatores que interferem nos comportamentos e atitudes individuais.

DIDEP-UTFPR (câmpus Curitiba)

Foram realizadas oficinas de Educação Financeira na UTFPR por meio da Divisão de Desenvolvimento de Pessoas (DIDEP)¹⁵. Esta divisão efetua, dentre outras atribuições, a capacitação de docentes e técnico-administrativos, coordenando atividades e desenvolvendo programas de capacitação. A promoção de cursos está baseada nas demandas e no levantamento de necessidades. O ministrante preenche um formulário de proposta de atividade ou curso interno, que serão analisados pela divisão. Este foi o procedimento realizado para a aprovação do curso oferecido pelo pesquisador.

Os conteúdos desenvolvidos nas oficinas propostas trataram de conceitos sobre educação financeira e orçamento familiar. Foram apresentadas as ferramentas disponíveis em sites de busca da internet para a construção e

¹⁴ O pesquisador contou com a colaboração da orientadora para organização e realização das oficinas.

¹⁵ Professores e servidores podem ofertar cursos para a comunidade da UTFPR no site: <<http://www.utfpr.edu.br/curitiba/estrutura-universitaria/coordenadorias-de-gestao/coordenadoria-de-gestao-de-recursos-humanos/didep-divisao-de-desenvolvimento-de-pessoas>>.

operacionalização de orçamentos familiares individuais participativos. As explicações técnicas de organização das receitas e das despesas mesclaram-se com depoimentos, testemunhos e declaração de expectativas e acontecimentos sobre as possibilidades de elaboração e transformação de saberes e conhecimentos. Além disso, as oficinas proporcionaram aos participantes um espaço de discussão, associando recursos tecnológicos e imagéticos aos temas diversos, desde os sonhos, até projetos e metas futuras quanto à tomada de decisões. Elas representaram um aprofundamento das direções, perspectivas e dos panoramas que se delineiam nos atos econômicos individuais, com características e desafios próprios, pleno de limitações e obstáculos a serem transpostos.

Os conteúdos ministrados pelo pesquisador/ministrante foram sobre controle de gastos e endividamento diante de mudanças políticas macroeconômicas. Neste percurso histórico, estão presentes crises do sistema financeiro, desconhecimento pessoal para usar os serviços bancários, níveis de responsabilidade sobre o consumo, acesso ao crédito, administração de débitos, e o ato de poupar.

Os questionamentos e as discordâncias se desdobraram dando impulso à criação de visões alternativas para os participantes, os quais admitiram ter sonhos, querer realizá-los por meio de um comportamento econômico diferenciado, alimentado por investigações desta natureza que ampliam os conhecimentos. Uma observação relevante da amostra é especificar os dois segmentos de renda presentes na pesquisa, ou seja, os servidores públicos que têm estabilidade na carreira profissional (UTFPR) e aqueles empregados que possuem a flexibilidade de circular no mercado de trabalho em busca de melhor renda (Escola Terra Firme). Esta situação de emprego pode modificar o equilíbrio dos fatores relacionados ao dinheiro nos campos dos desejos ou das necessidades.

Em um mesmo segmento de renda existe uma heterogeneidade de modos de alocar receitas e despesas, e a restrição orçamentária é uma atitude que pode gerar diferenças no comportamento do consumo. Esta assertiva lança luzes para a realidade das pessoas sobre a qual os preceitos da educação financeira podem atuar. Esta seria um meio, um artifício, um método ou um procedimento para renovar percepções, fazer leituras e rever gastos e ganhos.

O número de inscritos nos cursos, divulgados pela intranet da UTFPR, e pela direção da Escola Terra Firme, foi maior do que o número real de participantes ativos. Em média 10 alunos frequentaram todas as oficinas. O público foi composto de servidores e docentes. As linhas mestras do curso foram mantidas, apesar dos ajustes feitos e das expectativas dos participantes em obter informações, saberes e conhecimentos. Introduziram-se ferramentas de orçamento familiar com acompanhamento individual, compartilhamento de experiências, discussões participativas, estimulando hábitos de gestão financeira e a construção de autonomia individual.

O pesquisador obteve a autorização de divulgar as informações sobre as finanças pessoais dos participantes, e ouviu as histórias de vida relacionadas ao uso dos ganhos e gastos que necessitam de orientação educativa. Foram colocadas dúvidas quanto ao crédito, à poupança e ao investimento. As decisões sobre gestão das finanças e serviços bancários, apoiadas em conteúdos educativos, precisam estar presentes tanto no presente quanto no futuro do planejamento individual.

ESCOLA TERRA FIRME (Curitiba)

A Escola Terra Firme é de natureza privada e estava implantando em 2015 a educação financeira nos nove anos do ensino fundamental. Foi um momento único para o pesquisador inserir oficinas por meio de um projeto de parceria entre a UTFPR/PPGTE e os docentes da Escola. A fundamentação teórica do processo ensino-aprendizagem está em André Lapierre (comunicação não verbal) que privilegia o jogo como meio de expressão humana e de relacionamento interpessoal. Jean Piaget também é respeitado nas suas ideias sobre a interação como meio para construir estruturas mentais e conhecimentos. Por fim, as ideias de Emília Ferreiro ajudam na construção da linguagem e da escrita por meio da curiosidade e da criatividade. Valoriza-se o desenvolvimento cultural da humanidade como conteúdo para a criação de padrões morais e intelectuais dos alunos.

Depois de conversar com a coordenadora pedagógica, e ela ter feito a chamada para o curso de extensão (ver anexo 1), ficou decidido que este

aconteceria no final da tarde no espaço da Biblioteca¹⁶. Na primeira oficina compareceram dez professoras e dois professores. Teve um lanche inicial e uma conversa informal. Em seguida, o pesquisador apresentou os conteúdos da oficina e foram acertadas as datas dos próximos encontros.

Foi mencionado pelos docentes que os livros adotados pela Escola para Educação Financeira são apropriados para cada série escolar e tratam de noções básicas de economia, de matemática e de finanças. São livros didáticos com exercícios e com textos de leitura, compreensão e interpretação. Parte-se do princípio de que não existe idade para conhecer e aprender o tema. As pessoas possuem necessidades, desejos e fazem escolhas e o dinheiro é o veículo para que estes sentimentos possam ser trabalhados.

CURSO *ON-LINE* DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA - GESTÃO DE FINANÇAS PESSOAIS (EADESAF)

O pesquisador teve a oportunidade de conhecer a organização de um curso de Educação Financeira *on-line* que teve valor teórico e prático no conjunto das pesquisas do trabalho dissertativo. O curso a distância oferecido pela Escola Virtual da Escola de Administração Fazendária (EADESAF), pela Diretoria de Educação a Distância, e parceria com o Banco Central do Brasil foi divulgado para a comunidade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná por correio eletrônico e o pesquisador, juntamente com a orientadora se inscreveram, apresentaram-se no fórum e receberam a confirmação da matrícula.

O curso, com acesso gratuito, iniciou no dia 1 de junho de 2016 e terminou no dia 30 de junho de 2016. Durante este período, ele ficou disponível para os inscritos 24 horas por dia no endereço eletrônico <www.esaf.fazenda.gov.br>, no link

<<https://moodle.eadesaf.serpro.gov.br/course/view.php?id=5168>> (ver anexo 2).

Dada a modalidade do curso, cada aluno pôde se organizar para conhecer os conteúdos, internalizá-los e realizar as tarefas na plataforma. Não houve a presença de tutores e o curso foi de inteira responsabilidade dos participantes.

¹⁶ No dia 21 de outubro de 2015 foi realizada a primeira oficina na rua Deputado Carneiro de Campos, 507. Bairro Hugo Lange, Curitiba-PR.

Apenas foi apresentada uma gestora acadêmica que disponibilizou seu endereço eletrônico – *email* - para os participantes, e passou as instruções de apresentação e ambientação do curso. Ela mencionou a importância do diálogo entre os inscritos para esclarecer dúvidas técnicas e de aprendizagem.

A carga horária foi de 20 horas, estruturada em sete módulos ou capítulos com avaliação final no ambiente virtual. Além da coordenação do curso, a EADESAF fez o acompanhamento dos alunos, através de sistema próprio, ela coordenou as atividades de natureza avaliativa e prática do curso, propostas com os títulos de exercícios e avaliação final, questionário de satisfação com o curso¹⁷ e a emissão dos certificados. Estes foram disponibilizados no site do próprio curso, realizado em ambiente virtual, na plataforma *moodle*, caso o aluno tenha atingido 50% de aproveitamento e tenha respondido a avaliação de satisfação com o curso.

A plataforma *moodle* é bastante utilizada por universidades, inclusive a UTFPR, que a disponibiliza para os servidores que desejarem interagir entre alunos, docentes e servidores. Ela tem sido um meio de expandir as atividades dos docentes utilizando as tecnologias de informação e comunicação. Antes de iniciar o curso, os participantes precisaram ler e aceitar o Regulamento do Curso. Os organizadores esclareceram o objetivo do curso, que foi o de sensibilizar os participantes para conhecer a forma de gestar as finanças pessoais, os direitos e deveres de todos os envolvidos e a ementa do curso apresentada a seguir (ver quadro 2).

¹⁷ Obrigatório para a emissão on-line (estar disponível ao vivo) do certificado.

Quadro 2 - Curso a distância de “Educação Financeira – Gestão de Finanças Pessoais”

Divisão dos conteúdos	Conteúdos	Palavras-chave
Módulo ou capítulo I	Nossa Relação com o Dinheiro	Planejamento, desejo, necessidade, emoção, razão, crédito, juros e poupança
Módulo II	Orçamento Pessoal e Familiar	Disciplina e organização
Módulo III	Crédito e Endividamento	Emoção e razão
Módulo IV	Consumo Planejado e Consciente	Emoção, razão, planejamento
Módulo V	Poupança e Investimento	Futuro, crenças, atitudes e planejamento
Módulo VI	Prevenção e Proteção	Prevenção, crenças, futuro e segurança
Módulo VII	Consumindo Serviços Financeiros	Custos, benefícios e escolhas

Fonte: <<https://moodle.eadesaf.serpro.gov.br/course/view.php?id=5168>> e elaboração de palavras-chave pelo autor.

O pesquisador realizou o curso com a orientadora para conhecer os temas que poderiam ser incluídos ou rejeitados na organização dos cursos feitos para os servidores da UTFPR. Na realidade, tanto os conteúdos como as metodologias resultaram na ausência de novidades, mas os temas e as noções conceituais foram mais exploradas do que os cursos elaborados pelo pesquisador. O material colabora para a remodelação dos cursos propostos para as diferentes instituições no sentido de destacar pontos de reflexão para a gestão das finanças pessoais. “A economia monetária moderna é uma expressão totalizante na vida social e se manifesta nas formas mais cotidianas de sociabilidade” (TEDESCO, 2009, p. 152).

3.1.2 Resultados das oficinas - poupança e investimento

Para que as pessoas possam fazer escolhas acertadas e convenientes para suas necessidades, o curso *on-line* da EADESAF acrescentou a importância de noções conceituais de planejamento financeiro e do processo de tomada de decisões. Quando se trata de rendimentos pessoais é preciso compreender o valor de cultivar hábitos de poupar e investir para melhorar a qualidade de vida. Ambas as formas de guardar possuem conceitos, variantes e

características próprios. Já no início do século XX “Simmel inaugura e fortalece essa característica do pensamento social contemporâneo, ou seja, o trágico produzido pelo intelectualismo e a racionalização” (TEDESCO, 2009, p. 143).

As economias nascem de sobras financeiras formadas a partir dos ganhos, dos vencimentos. É um rendimento que não é gasto no momento do recebimento e que é guardado para um uso futuro. Se ele for aplicado pode se tornar um investimento rendoso. No Brasil existem tipos de investimentos mais comuns como é o caso da poupança. A aplicação chama-se caderneta de poupança, uma forma tradicional e mais popular de estimular a economia. Abre-se e mantém-se uma caderneta de poupança em instituições bancárias sem tarifas, sem descontos no Imposto de Renda e auferem-se um rendimento mensal sobre o dia do depósito. É também chamado de dia do aniversário. Caso o montante depositado seja sacado antes dos 30 dias, não existe remuneração para o suposto valor. “Representa sempre a condição para as suas possibilidades” (TEDESCO, 2009, p. 144).

Esquemas resumidos ajudam as pessoas a darem início a uma compreensão generalizada dos temas. Por exemplo, os investimentos possuem três particularidades elementares que são: (a) a capacidade de um investimento ser transformado em dinheiro a qualquer momento por um preço justo (liquidez); (b) a probabilidade de perdas (risco); (c) e o retorno ou remuneração da aplicação (rentabilidade). “Aquilo que se tem a possibilidade de tomar posse, de subjugar, ou seja, o *possível* remete-nos, necessariamente, ao impossível, e é por isso que o possível se revela como eterno negociador do seu próprio domínio” (TEDESCO, 2009, p. 146).

Existem investimentos com renda fixa e renda variável. Aqueles de renda fixa possuem taxas de juros pré-determinadas e são combinadas no ato da negociação. O contrário ocorre se as taxas pós-fixadas, calculadas com base em índices e valores referenciais, e se conhece o montante na hora do resgate. A rentabilidade está atrelada aos índices contratados “Certificados de Depósitos Interbancários (CDIs)¹⁸” e taxa referencial (TR).

¹⁸ Os Certificados de Depósitos Interbancários (CDI's) são títulos emitidos pelos bancos como forma de captação ou aplicação de recursos excedentes. São aplicações com prazos de um dia útil, com objetivo de melhorar a liquidez de uma determinada instituição financeira.

Os investimentos de renda variável são contratados com valores referenciais para as taxas de rentabilidade. Os riscos são maiores do que os das aplicações em renda fixa, não havendo garantias de vantagens entre os valores empregados e os resgatados. Por isso, cabe ao investidor assumir o compromisso de controlar as variáveis econômicas que podem influenciar no resultado esperado, as probabilidades de falências e de intervenção parcial, até determinado valor, pelo Fundo Garantidor de Créditos (FGC¹⁹). Existem investimentos em letras hipotecárias, letras de crédito imobiliário, letra de crédito de agronegócio, títulos públicos, ações, fundos e clubes de investimento e debêntures.

O investidor pode ter perfis que definem suas ações e expectativas perante o dinheiro, segundo o curso. Se ele for do tipo conservador, ele privilegia a segurança minimizando ao máximos os riscos de perdas (poupança; fundos de curto prazo). Marques (2011), estudioso da obra de George Simmel sobre a filosofia do dinheiro, explica que a função do dinheiro é aproximar as pessoas do que está inalcançável. O indivíduo que poupa e guarda pode “fazer contínuas” relações entre sujeito e objeto.

Aquela pessoa que tem características moderadas, ela aceita correr riscos para ver seu dinheiro render mais e procura o equilíbrio entre segurança e rentabilidade (fundos multimercado, debêntures, títulos públicos pré e pós-fixados). A acumulação de capital proveria do domínio sobre a rentabilidade e do potencial de multiplicação do dinheiro. Marques (2011) explica que a regra para aquele que quer investir deve evitar a ação de colocar todos os ativos na mesma aplicação. “Aconselha-o a tomizar (sic) sua carteira [de investimentos] numa estratégia de imunização ao risco por sua diversificação” (p. 138).

O terceiro e último perfil é o do arrojado. Este prioriza a rentabilidade e aceita correr riscos para obter o máximo de renda possível. Existem barreiras criadas pelo dinheiro, que podem ser transpostas pelas escolhas, pelas possibilidades de usá-lo no presente e no futuro. Usado como meio para se

¹⁹ O FGC tem por objetivos prestar garantia de créditos (depósitos, letras) contra instituições dele associadas, nas situações de decretação da intervenção ou da liquidação extrajudicial de instituição associada, reconhecimento, pelo Banco Central do Brasil, do estado de insolvência de instituição associada. Não é uma instituição financeira e não atua na concessão ou intermediação de empréstimos e financiamentos a pessoas físicas ou jurídicas em qualquer modalidade. Os bancos associados contribuem mensalmente para sua manutenção. O dinheiro aplicado em fundos de investimento financeiro não tem garantia do FGC (<http://www.fgc.org.br>).

chegar a um fim individual, o dinheiro intensifica as trocas e faz crescer os valores em jogo. “Mas, inevitavelmente, também em Simmel se detecta, na estabilidade e previsibilidade que o dinheiro e o relativismo em contínua mudança nos vêm trazer essa preocupação de estabilidade que ele aponta a anteriores metafísicas²⁰” (MARQUES, 2011, p. 41-42). Em 1899, quando Simmel construiu a teoria do valor e do dinheiro, ele fez uso das figuras representativas de comportamentos, semelhante ao que está exposto pelo curso da ESAFEAD. O anseio pelo dinheiro, por respostas e incentivos para a aquisição de objetos pode caracterizar as figuras do miserável (é pobre e não tem acesso ao necessário; o dinheiro é uma tentação), do avarento (ama o dinheiro e não gasta) e do esbanjador (valoriza a fruição e o poder de gastar) (LEAL, 2011). (Ver quadro 3).

Quadro 3 - Consumidor consumista e consumidor consciente

Consumidores	Gastos	Compras	Ambiente	Endividamento	Posição social
Consumidor consumista	Compulsivo e esbanjador	Adquire o que não precisa	Desconhece os impactos sobre o mundo e as pessoas	Assume dívidas além do seu orçamento familiar	Orienta-se pelo status, emoção, valoriza a opinião do outro
Consumidor consciente	Pondera antes de comprar	Satisfaz necessidades	Pensa em si e no mundo pra diminuir os impactos da atividade humana	Faz reflexões sobre o futuro e o bem estar da sociedade	Equilíbrio entre o ter e o ser

FONTE: adaptado do curso da EADESAF/ versão 3 de 2016.

No quadro 3, preserva-se a ideia do dualismo, de duas posturas diante do dinheiro que se mesclam porque trata-se de consumidores e de escolhas. Marques (2011) diz que o ser humano historicamente primitivo, coletor, tinha possibilidades de ter os objetos que desejava sem a intermediação do dinheiro. Enquanto quantia, sem propriedades e sem qualidades, o dinheiro fez crescer os interesses, diversificou conceitos e tornou as relações complexas. Os elementos esforço e desejo associaram-se ao valor e o “ter fim implica agir com

²⁰ Entidades metafísicas: tensões psicológicas e sociais da realidade; a fé; a eternidade e a substância.

propriedade, usar os meios com propriedade, ou seja progredir na série com acção (sic) e resistência a essa acção” (MARQUES, 2011, p. 71).

Existem investimentos que não estão associados ao sistema financeiro como, por exemplo, os aluguéis. São rendas que tem riscos – não alugar, inadimplência e desvalorização – e custos, como taxas de impostos²¹, de administração e a tributação do Imposto de Renda, reajustado de acordo com a tabela progressiva. Todos os tipos de investimentos precisam antecipadamente ter objetivos futuros definidos para que se possa fazer a escolha acertada. Quando se quer dar mais valor ao dinheiro por meio de ganhos e lucros “mais este valor funcional potencia a invenção de novas necessidades, interesses, objetos, valores que põe a correr e relacionar” garantindo o valor funcional do movimento” (MARQUES, 2011, p. 35). O valor tem como ponto de partida um cálculo, uma equação entre desejos e realização, “um cálculo da vontade pela posse” (LEAL, 2011, p. 352).

No curso da ESAFEAD, o personagem mais velho, avô da família, tem a intenção de reservar recursos para eventuais emergências e para ajudar os netos quando eles forem constituir família. Deste modo, o curso introduziu as ideias de necessidade de liquidez e o tempo de investimento de recursos. Vale destacar que os jovens (a personagem grávida quer comprar um carinho para o bebê e o filho do comerciante quer comprar uma moto) estão representados como consumidores e os personagens mais velhos como poupadores. Mendes (2016) fala que existem estratégias narrativas limitadas e não reflexivas que excluem indivíduos que “não estão inseridos em redes e agenciamentos sociotécnicos. Esses limites evidenciam-se na abordagem convencional a acontecimentos extremos, em que as pessoas e os grupos descartáveis são remetidos ao silêncio e à invisibilidade” (p. 462).

As pessoas pensam na liberdade de escolha e o dinheiro colabora para a tomada de decisões. “A liquidez dinheiro é a sua maior materialização. [...] De senso comum, se entende como a possibilidade de fazer o que se quer” (MARQUES, 2011, p. 11). Medidas de segurança são necessárias quando a pessoa optar por fazer um investimento. Porém, o entendimento da finalidade de ser feliz (que o avô está desejando para o futuro) e o dinheiro ser um meio de

²¹ Imposto Predial Territorial Urbano (IPTU) e Imposto sobre a propriedade territorial rural (ITR).

maximizar esta possibilidade (economizar) é um jogo e pode anular os atos de fazer e de ser nas relações sociais. Este modelo está marcado por uma materialidade densa (dinheiro) e pelos agenciamentos sociotécnicos.

Não fica de fora das propostas de qualquer investimento financeiro a questão dos riscos. Contratar seguros é um modo proativo de lidar com ameaças e perigos. Este contrato protege o segurado e é emitido por uma seguradora, instituição responsável pelo pagamento da indenização²² e um prêmio, que é o custo do seguro pago. A teoria do prospecto de Kahneman e Tversky (1974) inserem as questões cognitivas no processo de decisão, considerando que além da racionalidade, existem elementos de natureza humana que trazem efeitos nos resultados. Os ganhos e perdas são o termômetro do comportamento para se avaliar os riscos de um investimento. Porém, a confiança nas predições depende primeiramente do grau de representatividade de cada um, o que induz as pessoas a não considerarem os limites da precisão preditiva.

Na verdade, a busca dos agentes econômicos por um ganho certo e a tentativa de não obter prejuízo corroboram o “Efeito Certeza” (sic). No domínio positivo o “Efeito Certeza” contribui para uma preferência pela aversão ao risco de um ganho certo sobre um banho maior que é ligeiramente provável, e no domínio negativo esse mesmo efeito contribui para uma preferência pelo risco de uma perda provável sobre uma perda menor que é certa (ROGERS et al., 2016, p. 9).

O “efeito reflexão” se caracteriza pela aversão aos riscos. Este comportamento pode trazer consequências perniciosas para a pessoa porque ela pode superestimar os efeitos do prêmio e desprezar os efeitos de regressão. Kahneman e Tversky (1974), ao exemplificar esta contingência com as ideias de punir e premiar, dizem que nas relações sociais, bem como em situações de treino, as recompensas são tipicamente administradas quando a performance é boa, e as punições são tipicamente administrada quando a performance é pobre²³. O “efeito isolamento” simplifica o processo decisório centralizando as escolhas e desprezando demais alternativas.

²² Indenização é o pagamento da seguradora ao segurado com a materialização do risco contra um bem protegido.

²³ “In social interaction, as well as in training, rewards are typically administered when performance is good, and punishments are typically administered when performance is poor”

Na teoria do ator rede de Michel Callon, as pessoas podem participar de grupos e fazer agenciamentos sociotécnicos que ampliam as relações e os laços. Mendes (2010) questiona estas posturas de causa e efeito perguntando: “Como analisar, neste quadro epistemológico e metodológico, os desfasamentos, os espaços e os tempos vazios, o quebrar de laços, o afastamento lento e penoso da vida ruidosa e da obrigatoriedade de ter um projecto (sic) de vida?” (MENDES, 2016, p. 452). Todos podem agir e dar significado às suas ações dependendo dos investimentos que desejam fazer. O autor explica que na Teoria do Ator Rede não foi considerada a presença de emoções, fragilidades, vulnerabilidades, interesses, desejos, problemas morais e modos diferenciados de enfrentar problemas e dar respostas às necessidades concretas em agenciamentos sociotécnicos.

As ciências exatas, como por exemplo, a matemática e as finanças, fazem parte das noções de mercados eficientes e teoria da maximização da utilidade para trabalhar com probabilidades e previsões. Rogers et al. (2016) afirmam estes fundamentos são frágeis para explicar as crises e da estruturação dos problemas. A lógica de receber juros sejam eles simples ou compostos, pode ser uma realidade financeira. Os juros simples são pagos sobre o capital principal. Por outro lado, os juros compostos incorporam ao capital, mês a mês, um valor que capitaliza o montante investido. No curso da ESAFEAD, o personagem exemplifica com os ovos das galinhas que não são consumidos e depois com um exemplo matemático no qual se faz uma reserva para a aposentadoria, a qual é reajustada com juros compostos. Os cálculos mostram as relações entre tempo e juros (ver quadro 4).

(KAHNEMAN, D; TVERSKY, 1974, p. 1127). *Judgment under uncertainty: heuristics and biases*. **Science**, New series, v. 185, p. 1124-1131, 1974.

Quadro 4 - Reserva para a aposentadoria em 30 anos

Trabalhadores	Idade no início e fim dos depósitos	Valor e tempo de depósito	Juros %	Resultado final depois de 30 anos
Pessoa 1	Dos 20 aos 30	R\$ 150,00 por 10 anos	0,5	R\$ 150.000,00
Pessoa 2	Dos 30 aos 60	R\$ 150,00 por 30 anos	0,5	R\$ 150.000,00

FONTE: adaptado do curso da EADESAF/ versão 3 de 2016.

Vale destacar o papel da imaginação emocional na associação entre tempo e valores crescentes e o risco da omissão de estratégias que se interpõem neste trajeto. “As estratégias analíticas e de narração da” teoria do ator rede, “omitem ou esquecem os não-ditos, os silêncios, as ausências, o trabalho urdido nos interstícios das redes” (MENDES, 2016). Para aquelas pessoas que estão projetando ganhos para o futuro, é importante conhecer a estrutura previdenciária nacional, que oferece serviços de aposentadoria. Ela está dividida em dois grupos: previdência social com benefícios pagos pelo Instituto Nacional de Seguridade Social²⁴ (INSS) e auxílios doença, acidente, gravidez, prisão e morte. Os planos de previdência²⁵ privada podem funcionar como previdência complementar da receita pelo INSS. Os produtos mais conhecidos são o Plano Gerador de Benefício Livre (PGBL) – previdência - e o Vida Gerador de Benefício Livre (VGBL) - seguro. Eles oferecem renda mensal vitalícia ou por tempo determinado ou pagamento único.

A diversificação nas aplicações é uma solução para se pensar no futuro, mas as possibilidades de ação são limitadas pelos salários. A percepção das impossibilidades pode partir de consultas, como a visita aos sites do Banco Central do Brasil²⁶, instituição financeira autorizada, bem como a Comissão de

²⁴ Os beneficiários pagam uma contribuição mensal conforme as categorias dos trabalhadores. A Previdência Social tem dois regimes: (a) servidores públicos; (b) regime geral da previdência social – administrado pelo INSS – trabalhadores contratados pelo regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), trabalhadores domésticos e trabalhadores autônomos.

²⁵ São entidades abertas e fechadas, seguradoras constituídas na forma de sociedades anônimas que ofertam previdência complementar e podem ser patrocinadas por empresas ou associações. Os benefícios podem ser concedidos enquanto renda continuada ou pagamento único. Estas instituições financeiras são fiscalizadas pelo Ministério da Fazenda por intermédio do Conselho Nacional de Seguros Privados (CNSP) e da Superintendência de Seguros Privados (SUSEP).

²⁶ O site para demandar serviços é <www.bcb.gov.br/?PROCLACM>.

Valores Imobiliários (CVM) do Ministério da Fazenda. A idoneidade dos profissionais e das instituições²⁷ é fundamental para o consumidor de serviços financeiros e pagante de taxas. O Custo Efetivo Total (CET) de um serviço financeiro compõe de taxa de juros, tarifas impostos, seguros e despesas.

As taxas variam de banco para banco, sem qualquer possibilidade de tabelamento ou de valores mínimos e máximos. As instituições são obrigadas a apresentar para o cliente o CET, que é um dado importante para se fazer comparações. “Por o dinheiro ser imediatamente disponível e imediatamente podermos beneficiar de sua liquidez, custa-nos (chama-se custo de oportunidade) a maior remuneração que a sua aplicação noutra activo (sic) de menor liquidez nos poderia proporcionar” (MARQUES, 2011, p. 35).

Interessante observar que no curso da ESAFEAD, os personagens mais experientes são os que se apresentam para realizar a abertura de uma conta bancária (CB). Este procedimento exige que a pessoa interessada leia os contratos antes da abertura de uma CB, bem como em outras situações de compra de serviços financeiros. Haverá sempre tarifas e regras para movimentá-la, seja fisicamente seja via internet²⁸, momentos bastante delicados que necessitam de maior atenção, ainda que existam leis de proteção aos consumidores.

Os clientes bancários podem transferir dívidas de um banco para o outro. A portabilidade do crédito funciona como se eles tivessem contratado um novo empréstimo em outro banco e os recursos quitam antecipadamente a dívida contraída no banco de origem. Não gera pagamento de impostos quando o novo empréstimo não supera o valor da dívida original. As instituições financeiras não podem cobrar tarifas de custos de transferência de recursos de uma instituição

²⁷ Da parte do investimento escolhido, averiguar a cobrança de taxa de administração, taxa de custódia, de desempenho, a rentabilidade esperada, a tributação, fazer leitura atenta do contrato, custos incidentes sobre a aplicação, e as estratégias de risco, bem como manter-se atualizado sobre os contextos e desempenhos das aplicações.

²⁸ As instituições financeiras têm a obrigação de oferecer segurança, confiabilidade e sigilo nas operações realizadas on-line. O cliente deve, por outro lado, colocar antivírus e atualizar sua máquina. Ele precisa ficar atento aos correios e mensagens falsas e evitar anotar senhas e compartilhá-las com outros. Ele também corre o risco de clonagem de cartões em caixas de atendimento.

para outra. Há uma exceção para as transações realizadas antes de 10 de dezembro de 2007, na qual conste uma cláusula de cobrança.

Para fazer reclamações sobre os serviços, o cliente tem que procurar a instituição bancária que prestou o serviço e acessar o Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC). Pode usar os canais de comunicação da ouvidoria e órgãos de defesa do consumidor. O Banco Central do Brasil verifica a idoneidade das instituições e pode instaurar um processo administrativo punitivo²⁹ para elas. Ele tem competência legal pra atuar sobre o caso individual de cada cidadão.

3.2 AÇÕES E CONCEITOS

Os participantes revelaram que as relações entre ações e conceitos são complexas, e mesmo com conhecimentos sobre auditoria, contabilidade, marketing, as situações que se constroem podem incorrer em comprometimento da renda e endividamento. Logo, não se poderia afirmar que existe uma relação direta entre conhecer conceitos e definições e uma postura de domínio sobre a administração dos ganhos e gastos que compõem o orçamento familiar. Ferreira (2007), citando os movimentos inflacionários em Barbosa (1993)³⁰, diz que as atitudes se formam na dimensão psíquica e que propostas pedagógicas isoladas podem não resolver problemas. “Não é função apenas da “ignorância”. Repousa num nível anterior, menos controlável onde as atitudes se formam” (p. 244).

Todavia, as situações de dificuldade orçamentária, em especial, reforçam a validade dos cursos e das ações em favor de atitudes e comportamentos produtivos. Depoimentos significativos dos participantes justificaram a necessidade da Educação financeira e afirmaram que o aprendizado pode transformar problemas em soluções. Vale mencionar a colaboração dos estudos sobre psicologia econômica, que abordam a vida econômica cotidiana das pessoas, processos de decisões e respostas à publicidade, e sobre a psicologia do consumidor, que descreve e explica respostas dos consumidores aos atos e

²⁹ O site para demandar este serviço é <www.bcb.gov.br/?PROCLACM>.

³⁰ BARBOSA, Fernando H. Inflação e cidadania. In: VIEIRA, José Ribas; BARBOSA, Lívia N. de Holanda; PRADO, Luis Carlos D.; LEOPOLDI, M. Antonieta P.; D'ARAÚJO, M. Celina (orgs.). **Na corda bamba – doze estudos sobre a inflação**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993, p. 33-42.

estímulos de compra e venda, como dois campos científicos que permitem admitir o vértice qualitativo das pesquisas e a compreensão dos sistemas conceituais (FERREIRA, 2007).

[...] Os modelos de tomada de decisões formais e complexos que a Economia utiliza para explicar e prever o comportamento econômico, tomando como ponto de partida um pequeno número de axiomas sobre a lógica do comportamento humano, não costumam levar a Psicologia em consideração, restringindo-se a examinar decisões sobre a alocação de recursos finitos com base sobre a premissa da racionalidade e maximização de utilidade. A Psicologia Econômica, por sua vez, forneceria modelos econômicos *descritivos*, ao invés de *normativos*, como faz a Economia (FERREIRA 2007, p. 18-19).

A psicologia econômica trabalha com experimentos no mundo real, valorizando a pesquisa qualitativa, admitindo a racionalidade e inserindo uma “metafísica subjetiva” na compreensão de sistemas conceituais. Neste sentido, esta investigação procurou fazer correlações entre os depoimentos pessoais e as intenções para obter novas informações e conhecimentos provindos da literatura disponível em mídias digitais e no curso presencial. Os participantes decidiram fazer o curso para aprender como lidar com as oscilações do orçamento, com o futuro e repassar para a família práticas relevantes, temas não detalhados na literatura das finanças absorvida pelo grupo. Outras motivações apontadas referem-se ao traquejo com investimentos, limites para o comprometimento da renda, a vida dos netos, inadimplência, curiosidade, comparação de práticas, à descoberta do papel os conhecimentos acadêmicos na administração das finanças, o controle sobre os gastos e os empréstimos e os imprevistos.

3.2.1 O que é educação financeira para as organizações e para os participantes?

Observou-se que os conceitos selecionados para apresentar ao público demandaram explicações adicionais, e que aqueles que fazem uso de procedimentos organizacionais das finanças inseriram o prisma emocional na lógica-racional dos instrumentos. Nas rodas de conversa, cada participante expressou como age em relação ao orçamento familiar e suas vivências decorrentes dos acontecimentos.

Dentre os princípios da *Organisation for Economic Co-operation and Development* (OECD)³¹, está a importância da educação financeira se tornar um processo que comece na juventude, nos currículos escolares. Desta forma, as crianças e adolescentes adquirem comportamentos, habilidades e conhecimentos para construir sua responsabilidade financeira (OCDE, 2016a; OCDE, 2016b). Corroborando com esta ideia, Arruda Junior, citando Pinheiro (2008), diz que noções de educação financeira serão mais assimiladas quanto mais cedo receber informações sobre o tema.

[...] A educação financeira tem maior impacto quando trabalhada desde cedo na vida das pessoas: para as crianças, a importância do valor do dinheiro, poupança e planejamento de gastos são as bases fundamentais; para os adolescentes, tal conhecimento remete à independência e auto realização; para os adultos, ela possibilita a tomada consciente de decisões a respeito de momentos importantes, como sustento da família, compra da casa própria e a aposentadoria, e; para os idosos, a tranquilidade financeira, resultado de uma vida de trabalho e decisões bem tomadas (ARRUDA JUNIOR, 2016, p. 8).

Entendeu-se que o conceito de organização é relevante para iniciar a compreensão dos conceitos conectados ao de educação financeira. Foram sintetizados alguns procedimentos individuais de reunião de documentos ou de dados: (a) gastos específicos com o cartão de crédito que são colocados na bolsa e reunidos no final do mês para serem somados; (b) inserção de dados em planilha eletrônica de despesas fixas e semifixas, fixas e variáveis anotando despesas novas, os gastos esporádicos as esmolas; (c) inserção de despesas novas provenientes de depressão e insônia relacionados aos problemas financeiros ou de separação de casais; e (d) o desinteresse em fazer qualquer tipo de anotação sobre gastos.

Todavia existem conhecimentos e princípios básicos para a gestão financeira que podem ser recursos para alcançar qualidade de vida. Dentre eles estão os hábitos de controlar, poupar, investir e fazer escolhas assertivas. O item planejamento pode ser acrescentado a esta lista com destaque porque é o instrumento para se evitar gastos desnecessários e/ou o endividamento e trazer realização pessoal (CERBAZZI, 2003). Por outro lado, existem as oscilações dos

³¹ Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

mercados financeiros que implicam em perdas e desorganização da vida econômica.

No Brasil, os principais cursos de graduação que oferecem em suas grades curriculares matérias relacionadas a finanças são os de Administração, Ciências Contábeis e Economia. Nenhum deles trabalha especificamente com a educação financeira pessoal, mas trabalha com finanças organizacionais, ensinando-os a administrar os riscos e a gerenciar as despesas organizacionais. Como a educação financeira não é um assunto muito discutido no país, fica-se (sic) a dúvida sobre o que influencia no conhecimento sobre controle de gastos e composição de endividamento dos brasileiros: seria a escolaridade do indivíduo? Seria a experiência profissional? (FERREIRA 2007, p. 18-19).

O processo de tomada de decisões de consumo, poupança e investimentos inclui atividades relacionadas ao controle monetário, o qual pode ser trabalhado com informações e instruções sobre riscos e oportunidades financeiras. Existem estudos empíricos da Economia da Felicidade³² que relacionam características econômicas, sociais e demográficas para medir o nível de felicidade das pessoas. O economista Bruno Frey afirma que a teoria econômica, que trabalha com os conceitos preferências, oferta e procura, competição, maximização da utilidade, considera relevante o discernimento das pessoas porque elas são os melhores “juízes” das próprias vidas e idealizadoras de seus conceitos de satisfação e de felicidade. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) lançou em 2013 diretrizes para fazer este tipo de mensuração, bem como o Projeto de Educação Financeira (*Financial Education Project* de 2004) os quais podem colaborar para melhorar o entendimento dos indivíduos sobre os produtos financeiros.

De acordo com a OCDE, foi publicado um relatório em novembro de 2005 – *Improving financial literacy: analysis of issues and policies* -, apresentando os resultados obtidos. Observou-se que os países pesquisados estão adotando políticas para instruir a população quanto aos conceitos de crédito, de investimentos e de instrumentos de seguro e demonstram preocupação com a população jovem. Entretanto, ainda há obstáculos para o êxito

³² Daniel Kahneman, Amartya Sen, Gary Becker, que receberam o Prêmio Nobel associaram a Economia à Psicologia (2002); Bruno Frey, pesquisador do Centro de Pesquisa em Economia, Gerência e Arte na Suíça (CREMA) e co-fundador do Centro de Pesquisa em Economia e Bem-Estar (CREW) na Universidade de Basel onde foi professor visitante.

desses programas em geral, por conta do orçamento necessário para a sua implantação, e da reduzida compreensão da população sobre os benefícios oriundos da educação financeira (SAVOIA et al., 2007, p. 1128).

O planejamento financeiro traz satisfação pessoal na medida em que se observam melhoras na qualidade de vida e nas conquistas alcançadas. Por meio do orçamento familiar podem-se verificar os custos fixos e variáveis e corrigir gastos desnecessários, cobrir imprevistos e evitar inadimplência. Os participantes dos cursos ministrados pelo pesquisador expressaram-se por meio de jogos de palavras como se estabelecem as relações com o dinheiro e as necessidades de organização das finanças (ver quadro 5).

Quadro 5 - Manifestações dos participantes sobre planejamento financeiro e dinheiro - 2015

	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino
Planos e dinheiro						
Frases	As pessoas não podem ser escravas do dinheiro, mas ele deve trabalhar para os indivíduos; uma abelha, uma formiga, elas são como as pequenas despesas que vão picando;	O dinheiro cresceu; planejar para não pagar encargos; a conta não fecha; planejamento o financeiro é uma fase da educação financeira	Se você não tem dinheiro, use o cartão; o país não tem nenhum plano; o financeiro	A solução de cada um é individual; o primeiro guardo e depois gasto;	A satisfação pessoal dá a sensação de estar melhorando;	A única pessoa que pode fazer o planejamento o é você; fazer planos e monitorar todos os dias
Expressões	Administrar dinheiro; pegar dinheiro; juntar dinheiro; perder dinheiro; andar com dinheiro;	Dinheiro que sobrou na caixinha; pagar à vista; deixar o dinheiro quieto;	Correr atrás do giro da roda; esquentar o dinheiro; lavar o dinheiro;	Dinheiro para o final de semana; para o futuro	Se eu tivesse dinheiro; planejar para o futuro	
Palavras	Administração, estabilidade	Técnica, ferramenta	Controlar	Acertar, futuro, policial,	Dificuldade, susto, controle	Gastos, investimento s

Fonte: dados das oficinas. Elaborado pelo autor.

Tudo precisa ser planejado no orçamento familiar, até mesmo para não pagar imposto de renda e outros encargos tributários. Deste modo, as viagens, as reservas de liquidez e patrimonial, a aposentadoria e outros dependem somente das soluções que as pessoas destinam para os gastos e os ganhos. É uma etapa fundamental da educação financeira. Os participantes queixaram-se da carga de responsabilidade dos consumidores – controlar preços, gastos, cortar despesas, buscar alternativas de multiplicação do dinheiro - expressando-se do seguinte modo: “é grande o espaço mental ocupado pelas finanças

peçoais. Dormimos fazendo contas e as carregamos o dia todo. Fica na cabeça”, segundo depoimentos.

Nos Estados Unidos, tanto jovens quando adultos estão também vivendo uma realidade semelhante. *“Consumers’ responsibilities for credit and investment management have increased in recent years”*³³ (BRAUNSTEIN; WELCH, 2016, p. 448). Os jovens que tiveram acesso na adolescência ao cartão de crédito, gastaram mais do que podiam entre 1991 e 1999. Arruda Junior (2016) explica que tanto as pesquisas feitas no seu trabalho de estudo de caso, como os de Ferreira (2008)³⁴ e Zerrenner (2007)³⁵, atribui-se também ao consumidor a responsabilidade pela inadimplência. “Os resultados alcançados neste trabalho também corroboram com a conclusão de Ferreira (2007)”, bem como “o trabalho de Zerrenner (2007)”, os quais verificaram “que um dos principais responsáveis pelo aumento das taxas de inadimplência é a falta de planejamento financeiro, ou seja, o baixo nível de educação financeira das pessoas” (ARRUDA JUNIOR, 2016, p. 16).

3.2.2 Como organizar as receitas e despesas?

Na internet existem ferramentas, intituladas de simuladores financeiros, planilhas de orçamento doméstico, planilha de orçamento familiar mensal, orçamento pessoal, as quais facilitam a inserção de dados e a obtenção de resultados. Trazem dicas para investimentos e consumo e respondem perguntas para tirar dúvidas, apresentam conhecimentos financeiros básicos³⁶.

³³ *“Consumers’ responsibilities for credit and investment management have increased in recent years”*

³⁴ Ferreira, Vera Rita de Mello. Psicologia econômica: origens, modelos, propostas. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2007.

³⁵ Zerrenner, Sabrina Arruda. Estudo sobre as razões para o endividamento da população de baixa renda. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Administração, da Faculdade de Economia, Administração e Contábeis da Universidade de São Paulo, 2007.

³⁶ Disponível em: <<http://meubolsofeliz.com.br/simuladores/>>; <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/12/planilha-ajuda-na-organizacao-do-orcamento-familiar.html>>; <<https://www.fundacaoitaipu.com.br/pefp/ferramenta/planilha-orcamento-domestico>>; <<http://www.caixa.gov.br/educacao-financeira/Paginas/default.aspx>>; <<http://caixa.gov.br/educacao-financeira/planilhas/Paginas/default.aspx>>.

Existem as despesas fixas e as despesas variáveis, porém ambos os montantes variam conforme o consumo. Elas podem ser agrupadas por data de vencimento, por tipo e por grupos. No quadro branco, o pesquisador foi anotando a classificação de cada participante. Elas divergiram no sentido do detalhamento. De modo resumido, estes podem ser: cartão de crédito, habitação, lazer, saúde, alimentação, telefonia, transporte e outros. Como a vida pessoal e as decisões são diferentes, é possível organizar os ganhos e os gastos conforme os interesses. Porém, os modelos de classificação de despesas assemelham-se e podem ser visualizados na internet, conforme quadro 6.

Quadro 6 - modelo de agrupamento de receitas e despesas

Módulo I - Nossa Relação com o Dinheiro

1. Reflita sobre seus desejos e necessidades. Na figura abaixo, mova as palavras conforme sua classificação: Necessidades ou Desejos.

Necessidades **Desejos**

Moradia	Carro conversível	Alimentação	Transporte	Saúde
Casa própria	Roupas	Lazer	Exercício físico	Jet ski
Cirurgia plástica estética	Academia de ginástica	Restaurantes	Calça de marca	Viagem à praia

2. Aprendemos que sonho é o desejo vivo, a aspiração, o anseio. Pode ser entendido como a ideia ou o ideal que se quer alcançar. Já o projeto é o sonho colocado "no papel" para que possamos visualizar melhor os caminhos que devemos seguir para

Fonte: https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/caderno_cidadania_financeira.pdf.

São oferecidas por instituições bancárias, fundações, bolsa de valores para organização de receitas e despesas com o intuito de permitir mais controle. Os conteúdos estão na forma de aulas, vídeos, planilhas e cartilhas, glossário, e *podcasts*. Segundo os participantes das oficinas ministradas pelo pesquisador, é preciso trabalhar também as emoções, além de utilizar as ferramentas oferecidas pela educação financeira para auxiliar as questões entre as implicações existentes no equilíbrio entre receitas e despesas (ver quadro 3 e 7).

Quadro 7 - Palavras-chave da segunda oficina DIDEP-UTFPR

Participantes	Ferramentas	Expectativas e atitudes
Masculino	xxx	Incertezas nacionais; tempo, persistência, comprometimento;
Masculino	Ferramentas	Participação, surpresa, continuidade, troca de experiências;
Feminino	Orçamento	Controle dos gastos, ansiedade, incertezas e constatações;
	Planejamento, ferramentas	Conhecimento equilíbrio, controle;
Feminino	Planejamento	Controle, multiplicação, divisão, estabilidade;
Feminino	Planejamento	Consumo consciente, controle, metas, corte
Feminino	Planejamento, administração	Troca de experiências, poupar, tributos.

Fonte: elaborado pelo autor.

Mas, se o indivíduo vive em família, ele precisa ampliar as práticas para todos os membros deste grupo. O orçamento tem caráter familiar porque todos ganham e gastam juntos. O orçamento familiar é um modo de planejamento do uso do dinheiro durante um período para que sejam bloqueados gastos desnecessários e o endividamento. Pode ser um instrumento para anular gastos supérfluos ou para verificar como estão sucedendo os gastos (Teixeira, 2005). Pesquisas feitas no ano de 2015 pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) apontaram que 61,6% das famílias brasileiras estavam endividadas e 19,7% com contas em atraso. Os resultados para 2016 são decrescentes, mais ainda altos.

No curso EADESAF (2016) apresenta-se um diálogo ilustrador que introduz conteúdos educativos no momento da aquisição de um carrinho de bebê. As conversas travam-se entre a família e pessoas próximas de cada um. A possibilidade de compra a crédito poderia ajudar o consumidor que não tem o dinheiro para pagar à vista o bem. Hipoteticamente, se o objeto for pago em 24 prestações serão acrescidos juros altos, comprometendo o orçamento e consumo futuros. Como existe ofertas diferenciadas no mercado, o consumidor pode analisar os custos do crédito – taxas, tarifas, tributos e seguros - e estudar como estes poderiam entrar no orçamento familiar ou individual. Cita-se um

exemplo de pesquisa em três lojas, que possuem instituições diferentes de crédito, comparando as ofertas que ajudam no processo educativo das finanças (ver quadro 8).

Quadro 8 - Comparativo entre preços e pagamento de juros em uma compra

Carrinho	12 parcelas	Total pago da compra a prazo	Total pago na compra à vista	Desconto %	Economia
Loja 1	28	339	298	11	40
Loja 2	33	399	379	5	20
Loja 3	42	509	449	11	60

FONTE: adaptado do curso da EADESAF/ versão 3 de 2016.

Nos anos 1990 foi criado o termo “consumidor ético”, o qual amplia a compreensão do comportamento cultural em diversos países no julgamento das ações de empresas (D'ANGELO, 2016). Existem momentos em que “alguns consumidores estejam se deparando com dilemas éticos no momento do consumo (interesses pessoais versus incentivo ao comportamento ético de uma empresa, por exemplo)” (p. 67), e a postura ética das empresas pode decidir a escolha.

Por outro lado, além da capacidade do consumidor em desenvolver mecanismos que lhe garanta proteção e preservação patrimonial, é relevante associar necessidades e desejos de modo que os gastos necessários mantenham condições dignas de vida. Os gastos supérfluos podem ocorrer por falta de limite para os desejos, os quais vão além da imaginação criativa de querer os bens. São desperdícios que não fazem parte das reais necessidades e saem do nosso bom senso de classificá-las adequadamente.

Não se pode deixar de mencionar o desemprego, os imprevistos, as emergências e os casos de saúde, e os imperativos de poupar, os quais sempre exigem mais esforço para viver a realidade. Os gastos supérfluos podem ocorrer por falta de limite para os desejos, os quais vão além da imaginação criativa de querer os bens. São desperdícios que não fazem parte das reais necessidades e saem do nosso bom senso de classificá-las adequadamente.

O endividamento acarreta, além de comprometimento da renda, em determinados casos, perda de patrimônio e inadimplência. A redução do consumo futuro fica ainda mais complicada porque entra em cadastro do nome pessoal e redução de qualidade de vida de toda a família. As saídas podem ser avaliadas e necessitam procedimentos como mapeamento das dívidas, conversa com pessoas experientes, consultores, e leituras sobre o código de defesa do consumidor. A reorganização do orçamento requer revisão dos gastos, desperdícios, reorganização das dívidas, prazos de pagamento e ampliação da renda.

Foi introduzido o pagamento de impostos como um gasto que pode ser programado. Como gestores do processo, as responsabilidades concentram-se no controle das datas de vencimento das contas, dos excessos de consumo, do uso do cheque especial e das reservas de pequenas parcelas de dinheiro. O planejamento de curto prazo colabora para projetar o de médio e o de longo prazo.

Foi proposta uma atividade individual para escrever ações de melhoria, os compromissos, os interesses, os impedimentos a fim de se organizar o orçamento pessoal, primeiramente, e depois convencer a família. Assegurar-se a segurança familiar. Um item relevante neste processo foi a inclusão dos imprevistos. Foram citados os livros de autoajuda que reforçam a importância da independência financeira e que expõem metodologias para alcançar este objetivo.

3.2.3 Práticas do orçamento familiar

Os participantes, no decorrer das oficinas puderam constatar que é possível renovar meios, artifícios, métodos ou procedimentos de perceber, fazer leituras e rever o gerenciamento das receitas e despesas. O pesquisador introduziu as ferramentas disponíveis por meio de rodas de conversa e a construção do orçamento em uma folha de papel com o auxílio de régua, lápis, borracha e canetas coloridas. Os objetivos foram retomar os conhecimentos primários de aritmética e as quatro operações, e partilhar com o grupo as experiências e as sensações. Assim, foi possível conhecer como estruturar e

sistematizar a situação real de cada um e os meios para buscar situações de equilíbrio no orçamento familiar.

Os participantes aprenderam a colocar os gastos e os ganhos em um sistema de colunas, sendo uma delas com agrupamento de despesas e a outra com as previsões. Eles utilizaram papel, lápis, caneta e computadores. Houve uma manifestação sobre as dificuldades de agrupar as despesas e camuflar gastos. Mas, por outro lado, é possível fazer o detalhamento e verificar quais são as mudanças que se pode fazer para melhorar a situação financeira.

Foi surpreendente para muitos as novas despesas, as categorizações, e o estudo das formas de reduzir despesas. Surgiram dicas como a de comprar em atacado, em pacotes maiores, o que também pode ser um engano. É preciso fazer as contas entre os preços de ambos porque muitas vezes os produtos com menos peso podem custar mais barato do que aqueles acondicionados em embalagens maiores.

Foi feito um exercício específico com as contas de luz e verificou-se que o quilowatt/hora entre janeiro e setembro passou de R\$ 0,20 para R\$ 0,76. Além das oscilações no valor mensal deste tipo de conta, em função, sobretudo das estações, das oscilações de temperaturas, do clima e dos modos de uso de aparelhos eletrônicos, estão cobranças de taxas, multas e juros.

O pesquisador ressaltou que a disciplina é a linha mestra para desenvolver talentos sobre o uso do dinheiro. É preciso anotar as despesas para saber onde estão os erros e os acertos. As prestações devem ser evitadas porque, por vezes, podem ser alegrias momentâneas que se transformam em angústias e tristezas.

O prazer do gasto deve ser diferenciado do prazer no usufruto passageiro dos objetos, da ostentação e da ansiedade na alteração da compra e do consumo. O prazer do gasto depende simplesmente do instante da troca de dinheiro por quaisquer coisas. Para o perdulário, a fascinação do instante obscurece a avaliação racional do dinheiro ou de mercadorias (SIMMEL, 2009, p. 246).

Foi apresentado o vídeo sobre o planejamento familiar³⁷, e os participantes se posicionaram a respeito dos temas explorados. As dicas

³⁷ É o mesmo vídeo apresentado na primeira oficina da DIDEP-UTFPR.

expostas pelo apresentador do vídeo assemelham-se e podem ser resumidas em organização, controle, disciplina, análise, melhoria, e propostas. Aproveitou-se o tema da classificação das despesas e a separação dos gastos - lazer, em estacionamento, animais, cartão de crédito - por envelopes. Foi feita referência ao caso de experiências dos participantes do curso da DIDEP-UTFPR para exemplificar a eficácia que eles obtiveram ao separar os valores monetários em envelopes classificatórios e verificar as sobras.

Os participantes preencheram um questionário elaborado pelo pesquisador. Após a leitura das perguntas, foram dirimidas as dúvidas, sobretudo sobre as metas. Exemplificou-se com a divisão das despesas e metas em curto, médio e longo prazos. Seriam modos de guardar uma quantidade de dinheiro por um período, reservar uma quantia para a compra de um objeto, e fazer uma poupança para o futuro. Esta é bastante flexível e existe o risco de se usar o dinheiro em tempos de aperto. Estas atitudes podem ser formas de fixar objetivos tangíveis para a pessoa e para a família, com a qual se pode dividir as responsabilidades.

Lusardi e Tufano (2009)³⁸ apresentam que as decisões financeiras relacionadas ao planejamento do futuro (como poupança e aposentadoria) estão cada vez mais complexas e exigem dos indivíduos um nível de alfabetização financeira cada vez mais elevado. Os autores buscaram avaliar, o quanto a população dos Estados Unidos está habilitada a tomar decisões financeiras. Os resultados demonstraram baixos níveis de alfabetização da dívida (FLORES et al., 2013, p. 18).

Com a família, é possível estabelecer acordos para pagamento de contas e fazer economias com as sobras para posteriormente realizar planos. Depoimentos apontaram que as pessoas também podem viver sozinhas, mas terem ajuda financeira da família para manter a situação de independência. Algumas colocam metas para se adequar o seu orçamento somente aos ganhos pessoais. Isto pode ser feito por meio de poupança, colocando em reserva os ganhos suplementares e utilizando-os em casos enigmáticos.

³⁸ LUSARDI, A.; TUFANO, P. **Debt literacy, financial experiences, and over-indebtedness**. In: National Bureau of economic research, Cambridge, 2009. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w14808.pdf>>.

Houve muita interação entre os docentes, que fizeram confidências e aqueles que não realizam o orçamento se propuseram a refletir sobre as atitudes e os hábitos. Há aqueles que se declararam “preenchedores” de planilhas. O sonho de uma participante é continuar não tendo despesas fixas, porque no momento ela não tem, pois mora com a avó e é solteira. Foi lhe dito que ela é “uma poupadora em potencial”, com a chance de preparar e planejar o futuro, já que os ganhos são superiores às suas despesas. “É esse o tom de alegria psicológica na simples posse do dinheiro” (SIMMEL, 2009, p. 244). Flores et al., (2013) diz que a literatura do ramo das finanças confirma, apesar de não existir um consenso geral, que o estado civil da pessoa interfere nas decisões e no risco financeiro.

Brincadeiras surgiram para que uma participante pudesse mudar de posição social como, por exemplo, casando com uma pessoa rica. Este argumento foi rebatido por outra participante que disse ter sido casada com pessoa de posses, mas sem caráter e que nem sempre a riqueza é perpétua. As oscilações ocorrem em função da economia e das finanças do país e refletem diretamente nos negócios, nos salários, nos custos e nos preços. Foi comentado que o importante é que os membros da família cresçam e planejem juntos viagens, compras, e dívidas em todas as situações que se apresentam.

Brincar depende de uma postura em relação a um objeto, pessoa ou situação. É necessário estar disponível, sendo esta disposição marcada por um estado físico e psíquico que se manifestará na dinâmica do comportamento lúdico. Brincar ou jogar depende, em última instância, de um ato deliberado de quem brinca ou joga (PYLRO; ROSSETTI, 2005, p. 85).

Foi sugerido que as contas sejam pagas em dia para evitar acréscimos de multas e juros. Para casos de esquecimento de datas de vencimento, o melhor é deixar à vista os boletos, fixados em painéis ou geladeiras. Foi pedido aos participantes trazerem suas contas de luz ou de água do ano para repetir a prática feita no curso da DIDEF-UTFPR. Cada um deveria pensar em investimento, o que fazer com o dinheiro que sobra, e trazer as dúvidas.

Esta prática tratou de um assunto mais complexo, o qual depende de entendimentos e compreensões mais aprofundados sobre compromissos financeiros. Na realidade, são temas que o público em geral passa a ter mais interesse nos momentos em que necessitam realizar aquisições. Todavia, muitas vezes não existe tempo hábil para absorver e assimilar as instruções de contratos que envolvem probabilidades de crédito e endividamento. Muitos endereços eletrônicos foram acrescentados para complementar o conteúdo do módulo. São páginas de entidades governamentais que regulamentam as transações financeiras nacionais³⁹.

Os diálogos entre os personagens são multifacetados. A protagonista Clara expõe suas ansiedades para o Júnior, seu irmão, estudante de administração, sobre os juros de um empréstimo, que seria o preço do aluguel do dinheiro. Paga-se um valor pré-estipulado para se usar um dinheiro que não se possui no momento da compra. O rapaz está mais informado sobre o tema porque estuda na universidade e o conteúdo lhe era familiar. Ele explica que o poder dos juros depende do tempo e do valor investido ou emprestado.

O crédito é uma fonte adicional de recursos, os quais não são próprios, e quando utilizados implicam em pagamento de juros. Prestações são modelos de crédito. Possui vantagens e desvantagens, e por isso, é preciso fazer a escolha adequada das modalidades disponíveis. Antes de contrair o endividamento, para que ele não seja excessivo aos ganhos, a pessoa pode prever as atitudes necessárias para dominar a situação, analisando as origens e consequências das dívidas.

No diálogo entre Clara e sua mãe, ela diz que está compreendendo melhor o assunto. Sabe agora que quanto maior a taxa de juros de um empréstimo, mais caras são as parcelas da compra. Em seguida, os conteúdos do módulo são mais desenvolvidos por Tarcísio, o contador, e Junior. O tema é a compra de uma motocicleta. Para o jovem, “a contemplação estética, que é

³⁹ Foi caracterizada, nas falas dos personagens, uma família que troca ideias sobre suas finanças pessoais e um contador, que orienta aqueles que o procuram para auxiliar na tomada de decisões. Este personagem entende de finanças pessoais e fala com propriedade sobre o tema. Além disso, em cada módulo, existem conteúdos complementares que são inseridos através do chamamento “Fique alerta” e de *web sites* (endereços eletrônicos disponíveis para acesso imediato) de órgãos reguladores, órgão executor das orientações do Conselho Monetário Nacional e responsável por garantir o poder de compra da moeda nacional, a estabilidade e o aperfeiçoamento do sistema financeiro, a manutenção das reservas internacionais, e estimular a formação de poupança.

possível a cada objeto e de modo especialmente fácil ao belo, de modo eficaz reduz a lacuna entre o eu e o objeto” (SIMMEL, 2009, p.244). Existe uma imagem harmoniosa, mas que pode se tornar mais complexa com o crescente acúmulo de informações sobre o funcionamento do ato de comprar. O conceito de troca intertemporal é discutido entre eles. Significa que quando se usa o crédito, ocorre uma troca no tempo, pois o pagamento presente gera um pagamento futuro. Os custos desta troca estão representados pelos juros.

Foi criado coletivamente um formulário de lançamento de receitas e despesas por grupos e para cada um foram escolhidos símbolos, marcas ou outro sinal. Depois das análises individuais e coletivas do instrumento, foram propostas melhorias no documento. A sugestão foi que todos pudessem, a partir daquela data, começar a anotar os movimentos financeiros neste formulário comum. Foram passados vídeos ilustrativos, exemplos presentes na internet e troca de ideias sobre o material⁴⁰. Eles classificaram em grupos os itens a fim de associar, reconhecer, manipular e cruzar gastos e despesas (ver quadro 9).

⁴⁰ Disponível em: <www.caixa.gov.br/educacaofinanceira>.

Quadro 9 - Relação das despesas informadas

DDatas	Contas mensais	Detalhamento	Contas mensais	Detalhamento
	Despesas fixas		Despesas fixas	
	Água	Rede, galões de água mineral	Telefone	Fixo, móvel
	Energia	Eletricidade, gás	Tecnologia	Computadores, aparelhos de som; internet, TV a cabo;
	Empréstimo	Banco, corretora, pessoa física;	Prestação habitacional	Casa própria, apartamento, escritório;
	Segurança	Empregados, tecnologias	Seguro	Residencial, de vida, de veículo;
	Manutenção	Reformas, jardim, encanador, eletricista, empregados;	Alimentação e limpeza	Compras em mercado, em lojas, em feiras, restaurantes;
	Condomínio	Casa própria, apartamento, escritório;	Escola e material escolar	Livro; caderno; mochila; uniforme, presente; festa, mensalidade;
	Veículos	Revisão; troca de óleo, mecânico; pneus; compra mensal de viagens no transporte público;	Veículos	Combustível, pedágio, aluguel de carro, e estacionamento;
	Carro; taxi, metrô, bicicleta, motocicleta, ônibus			
	Viagem	Férias, cursos, prestação de serviços;	Saúde	Planos médicos, odontológicos, remédio, exame, consulta, estética, cemitério;
	Aluguel	Casa própria, apartamento, escritório, chácara.	Imposto, taxa	IPTU; IPVA

Fonte: elaborado pelo autor.

Foi pedido para os participantes fazerem previsões, relatar sonhos e planos para o futuro. Brincadeiras espalharam-se pela sala. Foi mencionado que o melhor mês do ano é o de fevereiro, porque é curto. Como era o mês de julho, no meio do ano, os planos seriam para seis meses. Uns queriam juntar bastante dinheiro, ajustar as contas mensais, melhorar o relacionamento com o dinheiro e outros pensaram em milagres. As metas também foram para a faculdade dos filhos, vistas por eles como bastante custosas.

Os comportamentos lúdicos e, especificamente, o jogo, foram estudados por historiadores, filósofos, linguistas, antropólogos, psicólogos e educadores. A partir desses estudos, foram elaboradas teorias que apresentam concepções diversas acerca dos processos que envolvem o jogo. Pesquisas que enfocam questões acerca dos jogos e brincadeiras têm sido desenvolvidas já há algum tempo, e entre os trabalhos implementados no campo da Psicologia que destacam as atividades lúdicas, alguns têm se ocupado de levantar e discutir, seja como ponto central ou não, a preferência lúdica. (PYLRO; ROSSETTI, 2005, p. 78).

Nos cursos oferecidos pelo pesquisador este tema foi menos explorado do que no curso da EADESAF. Considerando que preparar o futuro faz parte do cotidiano da vida, o conteúdo do módulo 1 da EADESAF, apresentado sob forma de diálogo entre os personagens da história, introduz o tema do equilíbrio entre razão e emoção na organização das ideias sobre as necessidades e os desejos.

Waizbort (2016), que estudou o livro de Georg Simmel sobre a filosofia do dinheiro, explica que no campo do idealismo pode estabelecer-se elos entre os pormenores e superficialidades da vida com os movimentos mais profundos e essenciais em termos da razão ou da vontade. Finalidade, vontade e intelectualidade possuem os conteúdos para a formação de visões de mundo. Vale dizer que se forem feitos os cálculos e detalhadas as circunstâncias dos sonhos, a vontade não deixará de acompanhar as reflexões.

Os recursos financeiros disponíveis precisariam de planejamento (intelecto) e controle (vontade) de modo que sejam gastos sem consequências negativas para o tempo futuro. “E uma vez que isto aconteça tem lugar, de maneira puramente lógica e determinada pela objetividade teórica, a transferência da vontade para outras representações, ligadas à primeira pela

causalidade, que agora valem como” meios para um fim pré-determinado (WAIZBORT, 2016, p. 7).

É preciso utilizar o dinheiro de forma favorável ao trabalhador e servidor. Todavia, quando o dinheiro é encarado como fim, como meio para tudo, como medida das coisas, ele passa a determinar as ligações, inclusive aquelas que tinham fins autônomos. As recomendações emitidas na fala dos personagens estão orientadas para que as pessoas possam transformar os sonhos (concepções do processo natural) em projetos executáveis (objetos da inteligência), que alcancem a materialização (objetos do mundo prático). Seria a mesma coisa que concretizar no papel (tornar passível de ser representado), ou seja, de forma escrita (vínculos calculáveis), os sonhos pessoais, com ferramentas e metodologias adequadas (intelecto, objetividade) e entender que é possível retirar o sonho do patamar da imaginação e passar para a realidade (excluir as decisões sentimentais) (Ver quadro 10).

Quadro 10 - Classificação de diferenças na organização mental de sonhos e projetos

SONHOS	PROJETO
Temporários, com início, meio e fim definidos	Saber exatamente aonde quer chegar e o que quer fazer
Precisam ser planejados, executados e controlados	Internalizar a visão do sonho e imaginar-se dentro dele, sentir as sensações
Geram produtos ou serviços exclusivos	Estabelecer metas claras e objetivas quanto aos valores, ao tempo e outros
São desenvolvidos em etapas sequenciais ao longo do tempo	Estabelecer metas intermediárias para acompanhar o andamento de cada etapa e fazer reavaliações
São realizados e gerenciados por pessoa	Comemorar o alcance das metas sem gastar mais do que o necessário; compartilhar as alegrias
São executados com recursos limitados	Fazer um mural para visualizar as metas e conquistas; ilustrar com imagens de revistas e substituir com fotos da realidade

FONTE: adaptado do curso da EADESAF/ versão 3 de 2016.

Para que os projetos (interesses e atividades) possam ser executados, é preciso de dinheiro (matéria). Por isso, a gestão das finanças por meio de aplicação de saberes, conhecimentos e práticas pode colaborar para multiplicar os ganhos e mitigar as perdas (possibilidade de sucesso). Se os gastos forem

excessivos, significa que o amanhã estará comprometido (incerto) e se for ao contrário, é possível conceber o equilíbrio entre a renda e o consumo (contrapartida). O termo inserido para estas duas modalidades foi a troca intertemporal. Logo, para evitar o endividamento é necessário entender o que as pessoas desejam possuir e usufruir e o que elas necessitam para sobreviver (rigor e conciliação). As possibilidades de pagar ou receber juros, melhor dito, de esperar, poupar e investir, estão disponíveis para os consumidores (racionalidade entre pessoas e objetos) (WAIZBORT, 2016).

Planejar significa ganhar em vez de perder, porque se os gastos são exagerados, eles comprometem o futuro (simples lógica e pura objetividade). Então, se as pessoas gastarem menos, mais promissor será o amanhã (estabelecimento de relações). Por outro lado, se existe sobra de recursos no orçamento, abrem-se possibilidades de investimento para receber juros, ao invés de pagar juros, taxas e impostos (estrutura lógico-matemática). O planejamento, feito por escrito, permite a materialização da realidade e a visualização de perspectivas futuras (tratamento objetivo das coisas).

Mesmo assumindo que toda a realidade objetiva seja determinada pelas funções de nosso espírito, denominamos justamente de inteligentes aquelas funções que a fazem aparecer como objetiva para nós, no sentido específico da palavra, embora a própria inteligência seja animada e dirigida também por outras forças (WAIZBORT, 2016, p. 11).

Nas aulas ministradas pelo pesquisador, este assunto não foi detalhado para os participantes, pois partiu-se da meta de ressaltar a importância de organização das receitas e despesas através de ferramentas acessíveis (exclusão da subjetividade e favorecimento das práticas). Todavia, considera-se que o tema dos sonhos e projetos (atos da interioridade) é realmente pertinente para iniciar um curso de educação financeira, como foi feito pela EADESAF.

Todas as pessoas que souberem diferenciar seus desejos em nível da razão e emoção (construtor racional do curso da vida e domínio afetivo) estão mais aptas a tomar decisões financeiras que não incorram em juros altos, e endividamentos resultante da acumulação de empréstimos e financiamentos contratados, comprometimento do consumo futuro, redução da capacidade de compra e a possibilidade de uso de crédito.

Georg Simmel (citado por Waizbort, 2016) nos seus ensaios sobre a Filosofia do dinheiro, diz que o dinheiro, algo impessoal, prático e universal, pode visto tanto como o vilão da sociedade moderna quanto como um dos fatores que traz para a pessoa a sensação de liberdade. Ao estabelecer relações sociais entre as pessoas, o dinheiro interatua com a personalidade. Existem pessoas com personalidades e comportamentos diferentes em relação à economia monetária. No quadro 11 resume-se as possíveis relações entre o dinheiro e a personalidade, entre o querer e o dever, entre presente e futuro, que estiveram presentes nas ações de educação financeira na UTFPR.

Quadro 11– Palavras-chave sobre orçamento familiar (DIDEP-UTFPR)

Participantes	Ideias sobre orçamento	Expectativas e atitudes
Masculino	Envelopes de controle de gastos	Tempo, paciência, surpresa, atenção
Masculino	Despesas variáveis	Diferenças, juros, lembranças, vigilância
Masculino	Sustentabilidade financeira	Oportunidade, expectativa, ambiente favorável
Masculino	autonomia financeira	Liberdade, privação, dor, continuidade, gratidão, melhora
Masculino	Planejamento, ferramentas	Educativo, resultados, participação
Masculino	Poupança	Dolorido, incertezas, exageros, privação, juros simples, composto
Feminino	Despesas e grupos	Divergências, discussão
Feminino	Poupança programada e financiamento	Divergências, diferenças, objetivos, economia, força de vontade
Feminino	Despesas específicas, consumo consciente	Disciplina (5), hábito, análise, conhecimento, saldo positivo
Feminino	Poupança e cartão de crédito	Persistência, tempo, futuro, paciência
Feminino	Grupos, gastos, tributos	Didático, educação, compromisso, cortes, incertezas, sacrifício, vontades, necessidades
Feminino	Práticas, exercícios	Interação (2), participativo, responsabilidade, multiplicação, esforço, coragem
Feminino	Ferramentas, planejamento (2)	Equilíbrio, estabilidade, metas
Feminino	Grupo de gastos e despesas	Controle (5), atenção (2) ⁴¹ , superávit

Fonte: elaborado pelo autor.

⁴¹ Os números entre parênteses representam a quantidade de vezes que a palavra foi mencionada.

Flores et al., (2012) explicam que os estudos tradicionais de finanças abordam somente os aspectos econômicos do uso do dinheiro visando a maximização dos investimentos. Estes estudos têm sua validade, mas considerando as pesquisas desenvolvidas pelas ciências sociais e humanas, admite-se que as finanças comportamentais inserem-se no conjunto das formas de apropriação de saberes e conhecimentos.

3.2.4 Quais são as atitudes e comportamentos mais compatíveis com os princípios da educação financeira?

Os primeiros materiais utilizados foram de natureza visual e auditiva, com palestras sobre o tema, e com roda de conversa. O primeiro vídeo de educação financeira, com duração de cinco minutos, que se encontra no portal do investidor⁴² expõe teoricamente como se usa o dinheiro, até que ponto se pode consumir, o quanto poupar e a importância do planejamento financeiro pessoal. É uma exposição oral feita pelo professor José Dutra Sobrinho sobre generalidades do planejamento financeiro e orçamento familiar⁴³.

A reação dos participantes, no final da atividade, não foi de surpresa e as manifestações foram a favor da fala e a consciência do conhecimento apresentado. Nesta segunda parte do curso é apresentada uma situação financeira pessoal de um dos atores que se encontra em conflito porque está sem condições de convencer membros familiares a elaborar um orçamento conjunto. Além disso, ele está desejoso de melhorar a situação familiar, mas não tem noções de como fazê-lo. Depois de dialogar com parentes, ele se dirige para o especialista que discorre sobre a relevância do orçamento pessoal e familiar.

Na sua colocação, é possível conhecer os próprios hábitos de consumo e da família por meio da elaboração do orçamento. Mesmo que a família não faça adesão à ferramenta, a pessoa pode fazer o seu planejamento pessoal. Todavia, é preciso que pouco a pouco ela compreenda o quão indispensável e substancial é que o grupo doméstico venha a se aliar às práticas de preceber a

⁴² <<http://www.portaldoinvestidor.gov.br/index.html>>, organizado pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), com sede na cidade do Rio de Janeiro.

⁴³ Disponível em: <<http://www.portaldoinvestidor.gov.br/index.html>>, organizado pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), com sede na cidade do Rio de Janeiro.

futuridade. No conjunto do grupo familiar, este procedimento representa garantia de qualidade de vida.

Quando acontece a anotação e organização dos movimentos financeiros de todos os membros da família, a meta básica é fazer despesas menores daquelas consideradas habituais. Caso haja pessoas com um orçamento superavitário, elas podem criar o hábito de poupar para realizar sonhos e precaver-se para situações de gastos inesperados. Recomenda-se que o registro de tudo que entra como receita e todos os gastos mensais, sem omitir valores menores que podem ser desprezados. Para o especialista, o orçamento familiar tem quatro etapas: planejamento, registro, agrupamento e avaliação (ver quadro 12).

Quadro 12 - Etapas do orçamento familiar

Etapa 1	Planejar	Estimar as receitas e despesas do mês, usar as anteriores para planejar as futuras
Etapa 2	Registrar	Anotar, de preferência diariamente, todas as receitas e despesas
Etapa 3	Agrupar	Classificar as receitas e despesas por tipos: alimentação, habitação, transporte, lazer
Etapa 4	Avaliar	Analisar todos os dados coletados, e verificar como as finanças se comportam e os hábitos de consumo

FONTE: adaptado do curso da EADESAF/ versão 3 de 2016.

As anotações diárias podem ser feitas em papel, em aparelhos celulares e em computadores. Pode-se dizer que a primordialidade está mais no hábito, na frequência e na disciplina da elaboração do orçamento do que nas ferramentas escolhidas. O curso disponibilizou planilhas Excel para exercícios práticos para duas situações: uma superavitária e uma deficitária. Foi necessário reverter as situações e fazer os ajustes para se alcançar o equilíbrio. Os objetivos dos exercícios foi apontar como é possível administrar dívidas, evitar o crédito rotativo, como usar o cheque especial e separar recursos para poupança e investimentos. Nos cursos elaborados pelo pesquisador foram incluídos todos estes conteúdos.

O orçamento familiar ainda não é uma prática do cotidiano das pessoas e que elas pensam em inclui-lo na sua rotina somente quanto gastam mais do que ganham, quando as situações familiares mudam ou quanto elas têm planos para o futuro. Para aqueles que já fazem o orçamento, eles consideram que ainda existem ferramentas e mecanismos desconhecidos que podem colaborar para

melhorar as finanças pessoais. Isto pode ser visualizado na avaliação da oficina feita pelos participantes, a qual foi realizada por palavras-chave (ver quadro 13).

Quadro 13 - – Palavras-chave da oficina DIDEF-UTFPR

Participantes	Finanças pessoais	Expectativas e inquietações
1 masculino		Liberdade, interatividade, resultados;
2 Masculino	Planejamento;	
3 feminino	xxx	Expectativa, constatação, hospitalidade, facilidade e atenção;
4 feminino	Investimento;	Objetivo, participativo, didático, interação;
5 feminino	Despesas.	Controle, educação, expectativas, interatividade.

Fonte: elaborado pelo autor.

Nas oficinas, os participantes colocaram o orçamento pessoal ou familiar e o planejamento financeiro como uma técnica ou ferramenta. De acordo com os autores e os sites dos bancos que possuem cursos e material sobre educação financeira, esta definição está compatível. A técnica do orçamento inclui as ideias de projeção e visualização do futuro e das expectativas de mudanças. Por outro lado, existe a pessoa, seus hábitos, sua personalidade, cultura, grupos sociais, vontades, sonhos e desejos. Os participantes da oficina se posicionaram segundo seus perfis como abertos para receber os saberes e conhecimentos propostos nas oficinas. Eles caracterizaram as ações como estímulo, trocas, oportunidades de melhorar, de cultivar hábitos, de colocar em prática conceitos, de preparar uma base, de alavancar e sair do ponto onde estão e de fazer o “correto”.

Um conceito relevante que se produziu no entremeio daqueles que foram apresentados e discutidos foi o de isolar as partes para se ver o todo. O detalhamento das despesas permitiu detectar como os pequenos gastos apontam onde estariam as dificuldades e projetar como saná-las. Os desequilíbrios também foram reconhecidos por meio dos vídeos que foram apresentados, os quais resumem qual seriam as posturas ideais para alcançar o sucesso. Porém, os participantes disseram que por vezes as anotações diárias não conferem com as contas reais e que os gastos com o cartão de crédito superam as possibilidades de saldá-los. Então, não seria suficiente a verificação

mensal dos gastos, pois se teria que acrescentar ações de reflexão, de planejamento, de boas práticas, de comportamentos e do uso de técnicas.

As economias são necessárias quando se quer planejar o futuro. “Não consigo visualizar onde obter os recursos” disse uma participante. O controle e as técnicas foram citados como meios de organização orçamentária. As saídas e os métodos são importantes ferramentas que podem colaborar para que ocorra a adequada administração das finanças. Eles fazem a ponte entre o tempo presente e o tempo futuro adequando a estabilidade financeira aos projetos de vida.

As ações mais prudentes estariam no ato do recebimento do pagamento do salário, quando a pessoa reservaria antecipadamente um valor para poupar. Faz-se um fundo de reserva calculado com base nas despesas mensais para emergências, cujo montante seria seis vezes o valor das mesmas. Isto quer dizer que a primeira despesa mensal é a poupança. Em seguida, é preciso investir tempo na análise dos gastos e evitar aqueles que podem advir dos impulsos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da dissertação de analisar ações de educação financeira se concretizou com a colaboração do marco teórico e a participação dos inscritos nas oficinas que aderiram às práticas de gestão das finanças pessoais. A promoção de cursos presenciais de educação financeira em instituições de ensino foi oportuna e essencial para a pesquisa proposta nesta dissertação. Tomou-se conhecimento da relação entre os ganhos e o sistema financeiro nacional, entre dinheiro e consumo, entre controle e satisfação de necessidades.

Dois pontos devem ser considerados como colaboradores do processo: as ferramentas e as atitudes e comportamentos. As tomadas de decisões de curto, médio e longo prazo são diversas e compreendem diferentes maneiras de administrar receitas, despesas e investimentos. No Brasil, as instituições bancárias são as líderes na oferta de cursos de educação financeira, bem como em outros países como os Estados Unidos. Os problemas mais incidentes são os endividamentos, causados, sobretudo pela complexidade da economia monetária.

A regularidade de práticas orçamentárias, com aquisição conceitual - renda, gastos, despesas, economia - com objetivos e princípios faz parte do discurso do campo da educação financeira. As ações de pesquisa realizadas no espaço escolar e acadêmico promoveram habilidades e despertaram interesses, desenvolvendo um processo de apropriação dos significados de princípios que fazem parte do conceito de educação financeira.

Enquanto consumidores, os participantes puderam discutir noções de economia e de matemática básica que complementam a elaboração do orçamento pessoal. Os acontecimentos futuros fazem parte do planejamento de todos, e por isso as pessoas têm necessidade de fazer um prognóstico financeiro. Como a Educação Financeira trata de comportamento e atitudes, o destaque é dado para os esforços de disciplina necessários para criar hábitos. Os participantes manifestaram o desejo de continuar estudando mais e entendendo melhor como atribuir mais valor aos ganhos em tempos de crise financeira e de altos custos de vida.

O dinheiro é um meio de realizar transações que necessitam de administração, conhecimentos e princípios básicos para alcançar equilíbrio. Uma vez que o dinheiro possui valor no tempo e que os juros compostos fazem crescer os investimentos ou as dívidas, cada um precisa ser independente e gestor de seus ganhos, gastos e investimentos.

A organização do planejamento financeiro envolve o controle do endividamento, a real contribuição do bem para o patrimônio, a criação da disciplina de poupar para situações inesperadas e aumentar a capacidade de compra, a diminuição dos riscos provindos de gastos desnecessários, a probabilidade de comprar mais barato, a otimização do uso do crédito para reduzir o pagamento de juros, evitar multas, negociar descontos e aproveitar situações de sazonalidade e de baixa temporada.

Outro ponto relevante foi o planejamento da aposentadoria e a criação de estratégias no tempo presente para obter ganhos no futuro. Vale ressaltar que o preparo financeiro em longo prazo é o aspecto mais importante da educação financeira. Poupar para o futuro e para eventuais gastos foi a estratégia dominante e mais requisitada para realizar sonhos.

Quando se poupa, pode-se impossibilitar a retirada do dinheiro de circulação, como moedas e cédulas. Para planejar o consumo, de modo a adquirir mais, com melhor preço e qualidade, as condições de pagamento devem-se ser avaliadas, os preços comparados, e os custos de fabricação avaliados. Para solucionar o dilema entre o que se quer comprar e o que se quer adquirir podem-se fazer pesquisas em diferentes partes da cidade e em sites seguros de compra e venda.

A indústria, os bancos e o comércio querem vender produtos, serviços e os consumidores precisam analisar qualquer baixa de preço ou ampliação de prazos de pagamento. Além disso, sentimentos de ascensão social, de profissionalização podem estar associados à posse de produtos, e estas relações fazem incorrer em dependências não programadas. A cultura industrial do objeto trabalha com a imaginação, com o lúdico e o estético e universaliza posturas e comportamentos de usuários de produtos.

Do lado racional, o consumidor precisa avaliar as potencialidades do produto, o preço, a qualidade, os impactos para o meio ambiente e o poder aquisitivo para decidir o que quer comprar. E preciso avaliar a empresa

produtora, sua responsabilidade com os consumidores, e a sociedade. Do lado emocional, estão as crenças, as vontades, os desejos, a vaidade e as fantasias.

A visão interdisciplinar da educação financeira é fundamental para entender as decisões de consumo, investimento e financiamento como frutos da construção social em que participam a economia, a contabilidade, o marketing, a sociologia, a antropologia, a história, a psicologia, a informática e a educação. Os temas sobre salários, renda, consumo e poupança não representaram novidades para os participantes das oficinas. A novidade da dissertação foi a introdução de modos diferenciados de gerir as finanças pessoais com o uso de ferramentas como o orçamento familiar seja em situações financeiras em equilíbrio, deficitárias ou superavitárias. Destacam-se os momentos de interação entre os envolvidos que puderam multiplicar saberes e conhecimentos multidisciplinares.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Lídia. Representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação em tempo e espaço digitais. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis, n. 15, 1º sem. 2003, p. 18-40.

ARRUDA JUNIOR, Antonio Carlos de. **Educação financeira**: um estudo de caso sobre servidores de alta renda. Brasília, universidade Católica de Brasília, 2013. Artigo apresentado ao Programa de Pós-graduação MBA em administração financeira. Disponível em: <<http://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/2706/1/Antonio%20Carlos%20de%20Arruda%20Junior.pdf>>.

BARBOSA, Malba Tahan. **Educação ambiental popular**: estudo de caso sobre a experiência do centro de vivencia agroecológica – Cevae/Taquaril. Dissertação de mestrado. 150 f. Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Belo Horizonte, Departamento de Geografia, 2002.

BASTOS, J. A. de S. L. de A. A imaterialidade da tecnologia. Coletânea “Educação & Tecnologia”. Curitiba: CEFET-PR, 2000.

BASTOS, João Augusto de Souza Leão de Almeida. Educação e Tecnologia. **Revista Educação e Tecnologia**, Curitiba, ano 1, n. 1, p. 5-29, jul. 1997. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/1007>>. Acesso em: 17 ago. 2015.

BASTOS, João Augusto de Souza Leão de Almeida. O Programa de Pós-Graduação em Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – CEFET-PR: História e Perspectivas. **Revista Educação e Tecnologia**, Curitiba: CEFET-PR, ano 4, n. 6, p. 11-52, maio 2003. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/1067>>. Acesso em: 17 ago. 2015.

BRAUNSTEIN Sandra; WELCH Carolyn. **Financial literacy**: na overview of practice, research, and policy. Disponível em: <<https://www.federalreserve.gov/pubs/bulletin/2002/1102lead.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias/tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008

BRASIL. Constituição (1988). Emenda Constitucional nº 42, de 19 de dezembro de 2003. Altera o Sistema Tributário Nacional e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 31 dez. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc42.htm>. Acesso em: 13 jul. 2015.

BRASIL. Lei federal n. 8.078 de 11 de setembro de 1990. Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8078.htm>. Acesso em: 23 set. 2015.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Caderno de Educação Financeira – Gestão de Finanças Pessoais. Brasília: BCB, 2013. Disponível em: <www.bcb.gov.br>. Acesso em: 19 out. 2016.

CALLON, MICHEL. **Dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos de heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos.** Porto Alegre, Sociologias, ano 10, nº 19, jan./jun. 2008, p. 302-321.

CONSUMIDORES SOMOS TODOS NÓS. Discurso traduzido. Disponível em: <http://www.aytojaen.es/portal/RecursosWeb/DOCUMENTOS/1/2_13065_1.pdf>. p. 2. Acesso em: 12 set. 2016.

CONSUMO SUSTENTÁVEL. Manual de educação. Brasília: Consumers International/ MMA/ MEC/IDEC, 2005. 160 p.

COSTA, Ângela Marques & SCHWARCZ, Lilia Moritz. 1890-1914: **No tempo das certezas.** São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

COWAN, Ruth Schwartz. The "Industrial Revolution" in the Home: Household Technology and Social Change in the 20th Century. Oklahoma, USA: Technology and Culture, v. 17, n. 1, jan. 1976, p. 1-23.

D'ANGELO, André Cauduro. A ética no marketing. Revista de Administração Contemporânea. Curitiba, v. 7, n. 4, out.-dez., 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v7n4/v7n4a04.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

FEENBERG, Andrew. **A Tecnologia Pode Incorporar Valores?** A Resposta de Marcuse para a Questão da Época. Tradução de Carlos Alberto Jahn. 1995. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/~andrewf/portA%20tecnologia%20pode%20incorporar%20valores.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

FERREIRA, Vera Rita de Mello. Psicologia econômica: origens, modelos, propostas. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2007).

FLORES, S. A. M.; VIEIRA, K. M.; CORONEL, D. A. Influência de fatores comportamentais na propensão ao endividamento. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 12, n. 2, p. 13-35, 2013.

FRAIHA, Vivian Teixeira. Sistemas de informação e educação ambiental: aplicabilidade do modelo da experiência interativa no Jardim Zoológico da Fundação Zoo-botânica de Belo Horizonte. 120 f. Dissertação de mestrado.

Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Escola da Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte-MG, 2003.

FREITAS, Pedro Manuel Luís de. Como surgiu o dia mundial dos direitos do consumidor? – de Kennedy aos nossos dias. Santarém, 2012.

Disponível em:

<http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/750/1/PedroFreitas_DMC_2012.pdf>. Acesso em: 10 out. 2016.

GRASSO, Juliana. Como educar nossos filhos para consumir com consciência. Disponível em: <<http://www.compradoresdobem.com.br/>>. Acesso em: 28 set. 2015.

GUCCI, Guilherme. **A vida cultural do automóvel**: percursos da modernidade cinética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

HALFELD, Mauro. **Investimentos**: como administrar melhor seu dinheiro. São Paulo:

Fundamento Educacional, 2001.

HARVEY, David. A justiça social e a cidade. São Paulo: Hucitec, 1980.

HOUNSHELL, David. From the American System to Mass Production (1800-1932). Baltimore: Johns Hopkins University, 1985.

Idec. Disponível em: <www.idec.org.br>. Acesso em: 9 set. 2015.

JORNAL DO BRASIL. Retrospectiva 2014: o cenário econômico do ano da Copa e das eleições. Retrospectiva 2014: o cenário econômico do ano da Copa e das eleições. (Jornal do Brasil 30/12/2014). Disponível em:

<<http://www.jb.com.br/economia/noticias/2014/12/30/retrospectiva-2014-o-cenario-economico-do-ano-da-copa-e-das-eleicoes/>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

KAHNEMAN, Daniel; TVERSKY, Amos. Judgment under uncertainty: heuristics and biases. Science, New series, v. 185, p. 1124-1131, 1974.

LE GOFF, Jacques. A civilização do ocidente medieval. Lisboa: Estampa, 1986.

LUSARDI, A. *The importance of financial literacy*. **NBER Reporter**, Issue 2, p. 13-16. 2009.

MACHADO, Elias. O pioneirismo de Robert E. Park na pesquisa em jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis: v. II, n.1, p. 23-34, 1º semestre de 2005.

MARQUES, Francisco Miguel Bracons Felizol. **A tragédia da liberdade na filosofia do dinheiro de Georg Simmel**. Dissertação. 145 f. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Departamento de Filosofia. Lisboa, 2011.

MELO, Isabelle Anchieta de. **A notícia como forma de conhecimento segundo**

Robert Park. Disponível em: <<http://chile.unisinos.br/pag/melo-isabelle-noticia-como-forma-conhecimento.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

MENDES, José Manuel de Oliveira. Pessoas sem voz, redes indizíveis e grupos descartáveis: os limites da teoria do actor-rede. *Análise Social*, v. XLV (196), 2010, p. 447-465. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/128395005717wRP2t8Pp25NK2.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

NERY, Pedro Fernando. **Economia da felicidade:** Implicações para Políticas Públicas. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/textos-para-discussao/td156>>. Acesso em: 12 set. 2016.

OECD. Organisation for Economic Co-operation and development. Financial education and saving for retirement. Disponível em: <www.oecd.org/finance/private-pensions/39197801.pdf>. Acesso em: 12 out. 2016.

OECD. Organisation for Economic Co-operation and development. Financial education and saving for retirement. Disponível em: <<http://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/financial-education.htm>> Acesso em: 17 out. 2016 a.

OECD. Organisation for Economic Co-operation and development. Financial education and saving for retirement. Disponível em: <<http://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/35108560.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2016 b.

PAPA FRANCISCO critica capitalismo, tecnologia e consumismo em sua primeira encíclica. Disponível em: <noticias.portalvox.com/internacional/2015/060>. Acesso em: 19 abr. 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições Universais*. São Paulo: Hucitec, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Trabalhadores e máquinas: representações de progresso (BRASIL: 1880-1920. *Porto Alegre, Anos 90*, n.2, 1994, p. 165.

PYLRO, Chabudee; ROSSETTI, Cláudia Broetto. Atividades lúdicas, gênero e vida adulta. **Psico-UFS**, v. 10, n.1, p. 77-86, 2005.

PROCON-PR. Disponível em: <<http://www.procon.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=406>>. Acesso em 23 set. 2015.

ROGERS, Pablo; FAVATO, Verônica; SECURATO, José Roberto. **Efeito educação financeira no processo de tomada de decisões em investimentos:** um estudo a luz das finanças comportamentais. II Congresso ANPCONT, 2008. Disponível em: <pablo.prof.ufu.br/artigos/anpcont2.pdf>. Acesso em 28 nov. 2016.

SILVA, Cláudia Marin da. **As novas tecnologias de informação e comunicação e a emergência da sociedade informacional**. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/claudia.html>>. Acesso em: 12 out. 2016.

SANTA RITA, Luciana Peixoto Santa Rita; ARAÚJO, Alcides Carlos de; DE PAULA, Mainah Almeida; LIMA, Manuella de Oliveira; VIANA FILHO, José Carlos. Consumo de produtos e serviços inovadores: aplicação do índice de prontidão para tecnologia. Disponível em: <<http://ocs.ige.unicamp.br/ojs/rbi/article/viewFile/410/285>>. Acesso em 29 set. 2015.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Politizar as novas tecnologias. O impacto socio-técnico da informação digital e genética. São Paulo, Editora 34, 2003.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. Paradigmas da educação financeira no Brasil. RAP, Rio de Janeiro, n. 31 (6), nov./dez., 2007, p. 1121-1131.

SIMMEL, Georg. O avarento e o esbanjador. Tradução de Simone Carneiro Maldonado. Revista de Ciências Humanas. Florianópolis, EDUFSC, v. 43, n. 1, p. 243-248, abr. 2009, p. 248.

SILVA, Gislene. Jornalismo e construção de sentido: pequeno inventário. Florianópolis: v. II, n.2, p. 95-107, 2º semestre de 2005.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo, Cortez, 1986.

TROVÃO, Antonio de Jesus. **Uma análise sobre direito constitucional – a soberania**. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos906/uma-analise-sobre/uma-analise-sobre.shtml>>. Acesso em 20 set. 2015.

WAIZBORT, Leopoldo. **Georg Simmel - A filosofia do dinheiro (1900/1907)**. Disponível em: <https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/109250/mod_resource/content/1/Filosofia%20do%20dinheiro.pdf>. Acesso em: 24 out. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Proposta das oficinas conforme formulário da Divisão de Desenvolvimento de Pessoas (DIDEP-UTFPR) encontrado no site institucional (www.utfpr.edu.br).

Proposta das Oficinas de Educação Financeira - Orçamento Familiar

Nome dos proponentes: Maclovia Corrêa da Silva e Ruy Rossi Pelini

Setor: DALEM/PPGTE

E-mail: macloviasilva@utfpr.edu.br e ruypelini@gmail.com

Atividade proposta: Oficinas de educação financeira - orçamento familiar para servidores

Data: dias 09 de cada mês – de julho a dezembro 2015

Turno: Manhã

Horário de início e término: Oficina Inicial: 8.30 às 10.30 hs

Oficinas Mensais: das 8.30 às 10.00 horas

Carga Horária Prevista: 11 horas

Sala/local: a definir

Clientela: servidores da UTFPR

Nº de participantes: desconhecido

Objetivos a serem alcançados das oficinas:

- 1 apresentar as ferramentas de formação e acompanhamento do Orçamento Familiar;
- 2 Estimular o hábito de utilizar o orçamento familiar como ferramenta de gestão financeira;
- 3 Dar pistas para a construção da autonomia individual por meio do compartilhamento de experiência;
- 4 Buscar a melhoria dos resultados dos orçamentos familiares dos participantes.

Conteúdo Programático

- 1 Conceitos de Educação Financeira
 - Benefícios - Desafios
- 2 Conceito de Orçamento Familiar
 - Benefícios - Problemas - Desafios
- 3 Conceitos – Construção e Operacionalização
 - Receitas, despesas e poupança
 - Resultados Superavitário, equilibrado, neutro, deficitário
- 4 Levantamento de grupos de receitas e despesas;
- 5 Classificação de Despesas em cores;
- 6 Levantamento e Categorização de Receitas e Despesas por grupos;

- 7 Lançamento Individual de receitas e despesas em formulário de orçamento familiar;
- 8 Fechamento da planilha;
 - 9 Análise Individual;
- 10 Conclusão individual;
 - 11 Proposta de ações de melhorias;
 - 12 Análise de planilhas dos participantes pelo grande grupo, preservando a identificação, possibilitando, com a troca de experiências, melhorar a auto gestão;
 - 13 Incentivar o registro de todas despesas efetuadas ao longo do mês para comparação em relação ao mês anterior para coletar material para as oficinas seguintes;
 - 14 A partir da terceira oficina, a programação se comporá de roda de diálogos – espaços de debates para compartilhar fatos, novidades, situações de vida, troca de leituras efetuadas;
 - 15 Recapitulação de conceitos, saneamento de dúvidas técnicas e apresentação de novidades do tema;
 - 16 elaborar o orçamento do mês vigente dentro do grupo de receitas e despesas já definidas;
 - 17 Registrar as metas para o mês em curso.

Ferramentas didáticas: Vídeos, Power-point

Emissão de certificados: Sim

Materiais e equipamentos necessários: fotocópias, computador, projetor.

Outros: uso de calculadora pessoal e outros aparelhos de apoio.

Nome do facilitador/instrutor: Ruy Rossi Pelini e Maclovia Corrêa da Silva.

Setor: DALEM/PPGTE

Ramal: 4554

E-mail: ruypelini@gmail.com e macloviasilva@utfpr.edu.br

Curitiba, 18 de junho de 2015.

Assinatura do proponente

Visto e carimbo da chefia imediata do instrutor

APÊNDICE 2 – Oficina de planejamento tributário: benefícios da previdência privada no imposto de renda pessoa física (IRPF)

Público Alvo – Docentes e Servidores do Câmpus Curitiba e Reitoria UTFPR

- . Ferramentas Didáticas da Oficina
- Projetor
- Computador
- Recursos Midiáticos
- PowerPoint
- Simulador de Imposto de Renda
- Simulador de Valores Futuros – Capital e Renda Mensal
- Plano de Previdência CAIXA para Servidor Público

Duração : 90 minutos

Objetivo geral: fazer o planejamento tributário através da previdência privada Plano Gerador de Benefícios Livre (PGBL)

Objetivos específicos

Divulgar a 'Previdência Privada' (PGBL) enquanto mecanismo de Planejamento Tributário para a Pessoa Física;

Conhecer o benefício fiscal do IR através da previdência privada PGBL

Apresentar a ferramenta "Simulador de Benefício Fiscal" (SBF)

Aplicar a ferramenta SBF para planejamento tributário individual

Incorporar o planejamento tributário no conjunto de investimentos pessoais

Temas explorados

- . Legislação
- . Conceito de Previdência Privada
- . Tipos de Previdência Privada

. Regime de PGBL E VGBL

Previdência Estatutária – do serviço público

Aberto e fechado

- . Taxas - Custos
- Carregamento
- Administração
- . Objetivos da Previdência Privada
- Planejamento Tributário
- Planejamento de Herança
- Planejamento Financeiro
- Planejamento Econômico
- Planejamento Pessoal

TIPOS DE RENDA FUTURA

- Vitalícia
- Vitalícia com Reversão
- Temporária – escolhe o prazo, se morrer cessa o benefício
- Prazo Certo -

PGBL – a pessoa estabelece o prazo;

Objetivos dos exemplos a seguir

Verificar o quanto a pessoa deixou de pagar a mais no IR por ter pagado a previdência privada/

Ter o plano e mostrar quanto o depósito anual ajudou a diminuir o imposto a ser pago;

Verificar o quanto a pessoa teria de benefício fiscal caso ela contribuísse num plano de previdência privada – modalidade PGBL – em até 12% da sua renda bruta anual.

Exemplo 1

Salário bruto mensal – 10.000,00. 12 meses: 120.000,00 –

Contribuição: 1.200,00; 12 meses 14.400,00

14.400 vezes 27, 5% (tabela IR) = 3.960, 00 – é o valor que diminuirá do total do IR a ser pago ou somará no valor do IR a receber

Exemplo 2

Depois de todos os cálculos, a pessoa sem previdência PGBL teria que pagar o IR 1.500 reais. Se ela tiver pagado a PGBL no valor de 14.400, 00 no ano, ela receberia uma restituição de 2.460,00 (-1.500,00 (IR a pagar) + 3.960,00 (benefício fiscal do PGBL) = 2.460, 00 (a restituir)).

ANEXOS

ANEXO 1 - Curso de extensão universitária - Educação financeira na escola e para a vida

Educação financeira na escola e para a vida

Maclovia Corrêa da Silva

Curso de Extensão Universitária

Área Temática: educação

CAMPUS Curitiba, outubro de 2015

ITENS OBRIGATÓRIOS

1. Caracterização do Problema (máximo ½ página)

As pesquisas de órgãos oficiais, dentre eles o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o IBGE, apontam que mais de 50 por cento das famílias brasileiras estão endividadadas. “A pesquisa aponta que a dívida média mensal das famílias brasileiras chega a R\$ 5.426,59. As informações foram divulgadas hoje (31) pelo presidente do Instituto, Marcio Pochmann, no Rio de Janeiro” (IBGE, 2015).

O orçamento familiar é um item importante para reverter situações como esta, e ajuda as pessoas a planejarem as atividades de trabalho e de lazer, e tenham qualidade de vida no presente e no futuro. As pessoas precisam compreender e refletir sobre os limites e liberdades de consumo, uma vez somos consumistas. Neste sentido, a educação financeira enquanto potencial de aquisição de saberes e conhecimentos sobre planejamento, disciplina individual, poupança, investimentos, inflação, juros, e tributação, consumo, é um instrumento valioso para cooperar na tomada de decisões financeiras. Ela aumenta o número de acertos em relação aos erros e permite a busca mais racional do equilíbrio do orçamento familiar.

A pesquisa versa sobre o orçamento familiar e se compõe de estudo conceitual do tema e de oficinas práticas organizadas para os pedagogos e técnicos de uma escola de ensino infantil e fundamental compostas de noções de educação financeira. A escola Terra Firme tem uma proposta educativa dinâmica, que é resultado da avaliação e reavaliação contínua das ações priorizando a relação imediata e processual entre o conhecimento e a vida, a fim de gerar associações de ideias entre as pessoas, fenômenos sociais e os temas propostos de modo a realizar uma aprendizagem concreta.

A escola e seu corpo docente acreditam que todo conhecimento produzido através da história só tem valor quando vivido, compartilhado e acrescido do outro. Seu real valor está em poder ser utilizado nas relações que podem se travar entre o conhecimento e o corpo, entre o conhecimento e o sentimento, como também entre o conhecimento e a experiência vivida por todos que compartilham o espaço de aprendizagem.

A escola visa dar condições às crianças para se tornarem seres pensantes e questionadores e, assim, alcançar o infinito. Toda ação é valorizada e elas são sujeitos de seus saberes e conhecimentos e o multiplicam na medida em que lidam com o aprender e o ensinar.

2. Objetivos (máximo ½ página)

Introduzir práticas de educação financeira e de replicabilidade para a vida que abranjam o orçamento familiar, a defesa do consumidor, e a emancipação do cidadão para um grupo de pedagogos e técnicos de diferentes perfis socioeconômicos que estão trabalhando com o tema na escola onde trabalham.

3. Justificativa (máximo ½ página)

A escola de ensino infantil e fundamental “Terra Firme” tem como filosofia o aprendizado embasado na criatividade, em valores humanos, a instigação do pensamento e o desenvolvimento da dimensão estética – arte, corpo e expressão. Esta é a escola elegida para desenvolver o curso de extensão de educação financeira.

Os alunos da escola Terra Firme são protagonistas do seu processo de ensino-aprendizagem de saberes e conhecimentos e constroem sua visão de mundo sem a colaboração de estereótipos. Eles trazem para dentro da sala aquilo que está dentro deles e por meio dos projetos que integram as diferentes disciplinas, constroem a ligação entre os saberes, formando, desse modo, o seu próprio saber.

Por outro lado, pedagogos e técnicos estimulam a participação, a curiosidade, a socialização, a descoberta, o autoconhecimento e a comunicação em um contexto sistêmico onde tudo está interligado. Aprender a aprender, aprender a pensar e aprender a ser e se relacionar tem representado os objetivos da pedagogia e dos projetos da escola. Neste ano de 2015, foi introduzido em todas as classes o conteúdo de “educação financeira”.

A escola adotou a coletânea de livros escrita por Carolina Simões Lopes Ligocky, intitulado “Educação Financeira na escola: primeiro ano” (segundo,

terceiro, quarto, quinto, sexto, sétimo, oitavo e nono). O viés da multidisciplinaridade dos projetos da escola, que permeia e dá sentido às práxis da escola, ficou enriquecido com mais este importante conteúdo. Assim, a inserção de oficinas para os docentes viria enriquecer os conteúdos e aproximá-los de outras práticas sobre ganhos e gastos.

Grande parte da população brasileira possui alguma dívida ou conta atrasada segundo levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). As questões sobre o andamento da economia interferem nas condições das famílias honrarem seus compromissos e saberem usar melhor os instrumentos de crédito disponíveis no país. As pessoas trabalham e têm por objetivo consumir produtos e serviços. Bauman (2008, p. 19) afirma que os:

[...] encontros dos potenciais consumidores com os potenciais objetos de consumo tendem a se tornar as principais unidades na rede peculiar de interações humanas conhecida, de maneira abreviada, como “sociedade de consumidores”. Ou melhor, o ambiente existencial que se tornou conhecido como “sociedade de consumidores” se distingue por uma reconstrução das relações humanas a partir do padrão, e à semelhança, das relações entre os consumidores e os objetos de consumo.

Por meio do consumo, interagimos, construímos nossa identidade e ocupamos um espaço na sociedade. As dificuldades mais comuns estão relacionadas à disciplina e ao planejamento das ações de gastar, poupar, investir. A escola tem um papel fundamental na construção de hábitos de consumo podendo estimular uma visão mais crítica da realidade. O dimensionamento do volume de comprometimento dos ganhos depende de noções de educação financeira que preparam as pessoas para construir seu futuro.

4. Métodos e Procedimentos (máximo de 1 ½ páginas)

A proposta de projeto de pesquisa no campo das práticas e da teoria abarca procedimentos para convocar os participantes do curso a refletir sobre seu orçamento familiar. São procedimentos de gestão relativamente simples – contas de aritmética e cadernos, lápis, borracha e caneta – cujo objetivo é

conduzir os que se encontram no grupo dos deficitários para o grupo dos superavitários. Análise de contas, cálculos e troca de experiências acontecem no decorrer do curso para melhorar o desempenho de manuseio com custos e benefícios dos ganhos financeiros.

As exposições teóricas e práticas conduzem a linha de desenvolvimento das práticas e a apropriação de saberes e conhecimentos nas dimensões educativas tecnológicas, culturais e ambientais.

O programa do curso se divide em cinco encontros presenciais, com tarefas à distância, sobre temas e ações discutidas segundo o programa proposto e discutido coletivamente. No primeiro encontro serão feitas as apresentações pessoais e profissionais e a proposta dos conteúdos programáticos. Cada encontro pode ter uma duração média de duas horas, variando de acordo com as atividades. A preparação das atividades propostas será realizada fora do horário das aulas.

Os ministrantes organizarão oficinas, as quais acontecerão no espaço da Escola Terra Firme organizadas em três etapas: introdução, desenvolvimento, conclusão. A avaliação dos e pelos participantes será diária, na apresentação das tarefas, participação e presença.

5. Resultados e/ ou produtos esperados (máximo de ½ página)

- Elaboração de conteúdo para pedagogos e técnicos e formação continuada;

Motivação para inovar as formas de uso do material didático adotado pela Escola Terra Firme;

Mudanças de paradigmas quanto aos ganhos, gastos, poupança e investimentos;

Compreensão da globalidade e multidisciplinaridade do tema para a escola e para a vida;

Associação do tema com as práticas educacionais, ambientais, histórico-culturais e políticos e com o cotidiano;

Replicabilidade das ações para as famílias.

- Previsão de público: 35 pessoas.

Horas aula: 18 horas

6. Recursos financeiros, humanos e físicos e equipamentos disponíveis (máximo de 1 página)

O curso não possui financiamentos e é trabalho voluntário sem ônus.

7. Cronograma (máximo de ½ página)

Oficina 21 out 2015	Oficina 24 out. 2015	Oficina 21 nov. 2015	Oficina 7 dezembro 2015
Horário: 19h às 21h	8h às 12h	8h às 12h	8h às 12h
Introdução	Orçamento familiar	Desejos e necessidades	Poupança e investimentos
Apresentação do curso - Realidade e complexidade do consumo e da modernidade	Análise de contas pessoais; redução de gastos e	Organização do orçamento	Realinhamento dos gastos e economias

8. Riscos e Dificuldades

Inscrição do público potencial;

Evasão;

Desinteresse.

9. Referências bibliográficas

BASTOS, João Augusto de Souza Leão de Almeida. Educação e Tecnologia. **Revista Educação e Tecnologia**, Curitiba, ano 1, n. 1, p. 5-29, jul. 1997. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/1007>>. Acesso em: 17 ago. 2015.

BASTOS, João Augusto de Souza Leão de Almeida. O Programa de Pós-Graduação em Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – CEFET-PR: História e Perspectivas. **Revista Educação e Tecnologia**, Curitiba: CEFET-PR, ano 4, n. 6, p. 11-52, maio 2003. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/1067>>. Acesso em: 17 ago. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**/tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BRASIL. Constituição (1988). Emenda Constitucional nº 42, de 19 de dezembro de 2003. Altera o Sistema Tributário Nacional e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 31 dez. 2003. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc42.htm>. Acesso em: 13 jul. 2015.

BRASIL. Lei federal n. 8.078 de 11 de setembro de 1990. Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8078.htm>. Acesso em: 23 set. 2015.

CONSUMO RESPONSÁVEL. Disponível em:

<financaspraticas.com.br/pessoais/orcamento/consumo>. Acesso em: 14 set. 2015.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos:** conflitos multiculturais da globalização.

FEENBERG, Andrew. **A Tecnologia Pode Incorporar Valores?** A Resposta de Marcuse para a Questão da Época. Tradução de Carlos Alberto Jahn. 1995. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/~andrewf/portA%20tecnologia%20pode%20incorporar%20valores.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

GUERRA, Renata de Souza. **Dimensões do consumo na vida social.** 2011. 261 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2011.

IBGE: 54,15% DAS FAMÍLIAS ESTÃO ENDIVIDADAS. Disponível em: <<http://elo.com.br/portal/noticias/ver/209182/ibge-5415-das-familias-estao-endividadas-.html>>. Acesso em: 6 out. 2015.

JACOBI, Pedro Roberto. **Consumo e sustentabilidade:** educação, corresponsabilização e políticas públicas, in: DOURADO, Juscelino; BELIZÁRIO, Fernanda (orgs.). Reflexão e práticas em educação ambiental: discutindo o consumo e a geração de resíduos. São Paulo: Oficinas de Textos: 2012.

LOPES, Júlio César da Cunha; MARTINS, Pablo Luiz; MARTINS, Caroline Mirian Fontes; BORGES, Rodrigo de Oliveira; TORRES, Kelly. **Finanças pessoais:** como administrara consumo e gerar poupança. VIII SEGET. Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. 2011. p. 1-10. Disponível em: <www.aedb.br>. Acesso em: 12 abr. 2015.

MOREIRA, Gloria Cristina Maciel; e PETRY, Marília Gabriela. Retratos da Modernidade. **Linhas.** Florianópolis: v. 9, n.2, p. 156-158, jul./dez.2008.

O CONSUMISMO DA ELITE É DESESPERO. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Visao/noticia/2014/01/o-consumismo-da-elite-e-desespero.html>>. Acesso em: 21 set. 2015.

PAPA FRANCISCO critica capitalismo, tecnologia e consumismo em sua primeira encíclica. Disponível em:

<noticias.portalvox.com/internacional/2015/060>. Acesso em:

PROCESSO DE MARRAKESH. **Plano de Ação para Produção e Consumo Sustentáveis – PPCS** – Ministério do Meio Ambiente (MMA). [201-] Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/producao-e-consumo-sustentavel/plano-nacional/processo-de-marrakesh>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

PROCON-PR. Disponível em:

<<http://www.procon.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=406>>. Acesso em 23 set. 2015.

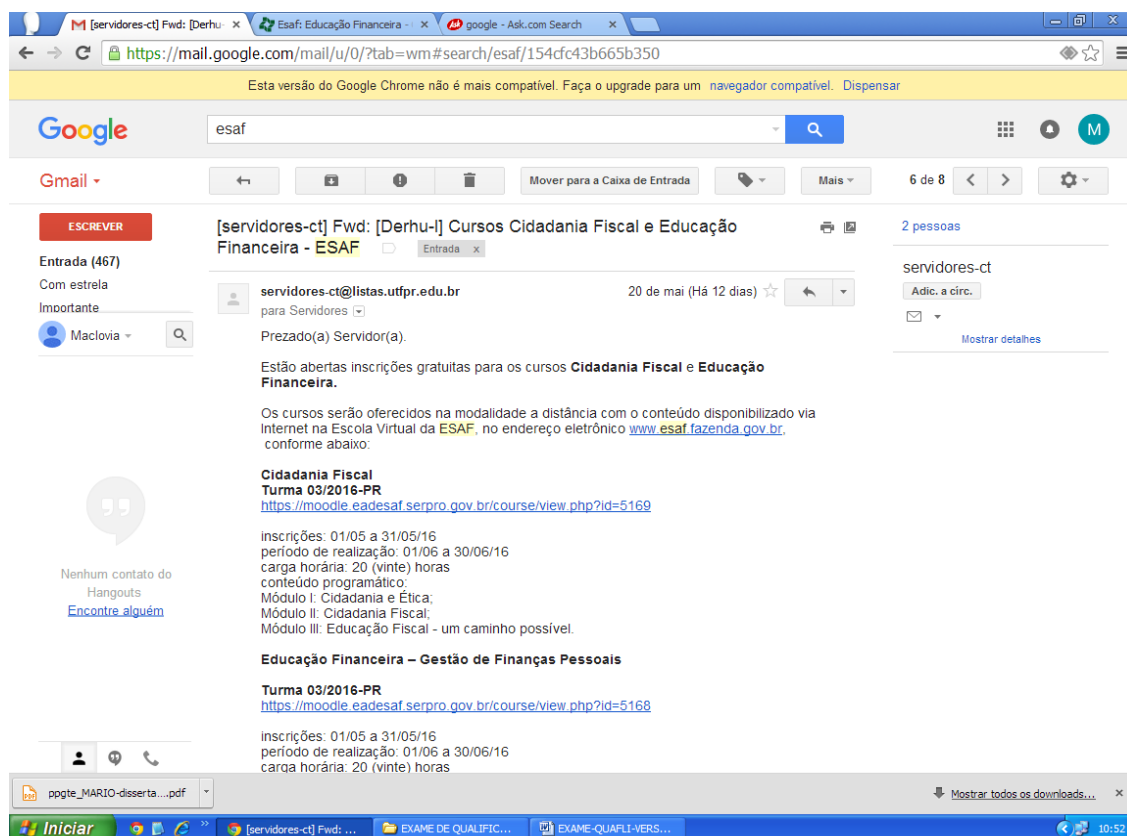
ROGERS, Pablo; FAVATO, Verônica; SECURATO, José Roberto. **Efeito Educação Financeira no processo de tomada de decisões em investimentos:** um estudo a luz das finanças comportamentais. Disponível em: <www.pablo.prof.ufu.br/artigos/anpcpnt2.pdf>. Acesso em 16 set. 2015.

SANTOS, Luciane Lucas. **A educação para o consumo no espaço da escola:** criando as bases para o consumo crítico e solidário. In: DOURADO, Juscelino; BELIZÁRIO, Fernanda (orgs.). Reflexão e práticas em educação ambiental: discutindo o consumo e a geração de resíduos. São Paulo: Oficinas de Textos: 2012b.

SANTOS, Luciane Lucas. **Refletindo sobre o consumo no espaço da escola**: um olhar sobre as representações que circulam na sala de aula. In: DOURADO, Juscelino; BELIZÁRIO, Fernanda (orgs.). Reflexão e práticas em educação ambiental: discutindo o consumo e a geração de resíduos. São Paulo: Oficinas de Textos: 2012a.

ANEXO 2 – Telas sobre a divulgação do curso on-line da Escola Superior de Administração Fazendária na UTFPR

Email convite para participação no curso on-line de Educação Financeira (parte 1).



Email convite para participação no curso on-line de Educação Financeira (parte 1).

Esta versão do Google Chrome não é mais compatível. Faça o upgrade para um navegador compatível. Dispensar

Google esaf

Gmail

ESCREVER

Entrada (467)
Com estrela
Importante
Maclovia

2 pessoas

servidores-ct
Adic. a circ.
Mostrar detalhes

Módulo I: Cidadania e Ética;
Módulo II: Cidadania Fiscal;
Módulo III: Educação Fiscal - um caminho possível.

Educação Financeira – Gestão de Finanças Pessoais

Turma 03/2016-PR
<https://moodle.eadesaf.serpro.gov.br/course/view.php?id=5168>

Inscrições: 01/05 a 31/05/16
período de realização: 01/06 a 30/06/16
carga horária: 20 (vinte) horas
conteúdo programático:
Módulo 1 - Nossa relação com o dinheiro
Módulo 2 - Orçamento pessoal ou familiar
Módulo 3 - Uso do crédito e administração das dívidas
Módulo 4 - Consumo planejado e consciente
Módulo 5 - Poupança e investimento
Módulo 6 - Prevenção e Proteção
Módulo 7 - Consumindo Serviços Financeiros

Mais informações podem ser obtidas pelo e-mail suzana.jose@fazenda.gov.br.

nenhum contato do Hangouts
[Encontre alguém](#)

Maria Rita Michalski
CENTRESAF-PR
phone: +55 (41) 3259580

Douglas Schorr
Assistente em administração
Secretaria de Desenvolvimento de Pessoas - RT
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
(41) 3310-4542

ppgte_MARIO-disserta....pdf

Mostrar todos os downloads...

10:52

Email do curso on-line de Educação Financeira

Esta versão do Google Chrome não é mais compatível. Faça o upgrade para um navegador compatível. Dispensar

Google

Gmail

ESCREVER

Entrada (471)
Com estrela
Importante
Maclovia

1 de 1.898

Início do curso Educação Financeira - Turma 03/2016

Administrador Moodle ESAF <ead@fazenda.gov.br> 08:35 (Há 1 hora) ☆

para maclovia

Este email foi enviado pelo(a) Gestor Acadêmico - ESAF **Suzana Leite Age José**. Caso deseje respondê-lo, envie o email de resposta para o endereço: suzana.jose@fazenda.gov.br.

Caro participante,

Estamos confirmando sua matrícula na Turma 03/2016 do curso **Educação Financeira - Gestão de Finanças Pessoais**. Solicito informar caso tenha se matriculado por engano ou não tenha mais interesse no curso para procedermos à sua exclusão da turma.

O curso será realizado no período de **01/06 a 30/06/2016** e ficará disponível, 24 horas por dia, durante todo o período. Com isso, o acesso e o estudo poderão ser feitos de acordo com disponibilidade de tempo de cada participante.

O acesso ao curso pode ser feito pelo link <https://moodle.eadesaf.serpro.gov.br/course/view.php?id=5168>. O conteúdo completo já está disponível na plataforma.

A primeira providência do participante é ler e dar "o aceite!" no **Regulamento do Curso**. Em seguida, apresentar-se aos colegas no **Fórum de Apresentação do Aluno**. O **Fórum de discussão** deve ser usado para interação com os colegas de turma e, também, para questionamentos relacionados ao conteúdo do curso, já que o curso é oferecido na modalidade autoinstrucional, ou seja, não há acompanhamento de tutor.

O curso está composto de sete Módulos: Módulo 1 - Nossa relação com o dinheiro; Módulo 2 - Orçamento pessoal ou familiar; Módulo 3 - Uso do crédito e administração das dívidas; Módulo 4 - Consumo planejado e consciente; Módulo 5 - Poupança e investimento; Módulo 6 - Prevenção e Proteção e Módulo 7 - Consumindo Serviços Financeiros.

Após o estudo do conteúdo dos 7 (sete) módulos o participante deverá fazer uma **Atividade Avaliativa**. Para isso, são possíveis três tentativas e vale a maior nota. Após a abertura do exercício avaliativo é possível Salvar e não corrigir ou Terminar tudo e corrigir. Caso queira iniciar o exercício e não possa concluí-lo naquele momento o participante deve clicar na primeira opção (Salvar e não corrigir) e poderá terminá-lo mais tarde.

ppgte_MARIO-disserta....pdf

Mostrar todos os downloads...

10:25